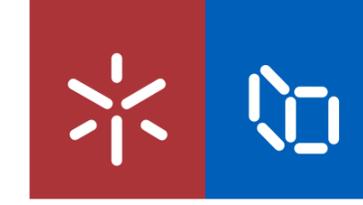


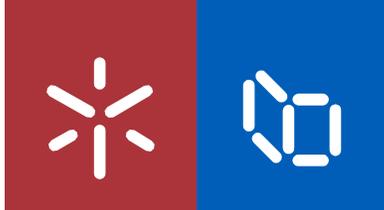


Chen Qianxu

**Análise Comparativa da Figura do Dragão
no Imaginário Ocidental e Chinês**

Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas





Universidade do Minho

Instituto de Letras e Ciências Humanas

Chen Qianxu

Análise Comparativa da Figura do Dragão no Imaginário Ocidental e Chinês

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês:
Tradução, Formação e Comunicação Empresarial

Trabalho realizado sob a orientação do

Professor Doutor João Marcelo Mesquita Martins

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



**Atribuição
CC BY**

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

AGRADECIMENTOS

A elaboração da dissertação é uma marcha longa e árdua. Desde a escolha do tema até à redação do corpo do trabalho, todos os passos são cruciais e desafiantes. Em particular, escrever de forma académica numa língua estrangeira, foi um dos maiores obstáculos em todo o trabalho. Apesar de tudo, há aquelas pessoas que me ajudaram, aconselharam, encorajaram e me apoiaram durante todo o processo.

Em primeiro lugar, gostaria de apresentar os meus profundos e sinceros agradecimentos ao meu orientador, Professor Doutor João Marcelo Mesquita Martins, por me ter guiado, aconselhado e ajudado em todos os aspetos, inclusive a minha escrita em português. No contexto da pandemia, tivemos que nos reunir exclusivamente online para discutir o projeto, e através de trocas por correio eletrónico e *Google Docs*. Apesar das limitações pandémicas referidas, o professor sempre explicou tudo de forma clara e explícita.

Queria igualmente agradecer ao Professor Doutor Manuel Rosa Gonçalves Gama pela ajuda e inspiração no encontro do meu percurso nesta última fase do curso.

Aos meus pais que me apoiam, transmitem confiança e amor incondicionalmente.

Ao meu namorado que me mesmo à distância física, me conforta e alivia das pressões da vida e do processo da dissertação em particular.

A todos os meus amigos, em particular Ran Yanfang e Chen Yuqian, pelo acompanhamento, encorajamento e amizade que demonstraram durante o meu percurso.

Ao Caio Leão, meu colega de turma de mestrado, que me ajudou a corrigir a minha escrita de português.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Análise Comparativa da Figura do Dragão no Imaginário Ocidental e Chinês

RESUMO

Os dragões têm um lugar especial tanto na China como no Ocidente, embora sigam caminhos diferentes e possuam simbologias diferenciadas. O principal objetivo do presente trabalho versa principalmente sobre as comparações entre a figura do dragão na China e no Ocidente considerando diferentes aspectos da mesma, em especial o papel mitológico que desempenha. Em primeiro lugar, o trabalho começa pela essência dos dragões, fornecendo, com base na etimologia, semântica e registros escritos, de modo a facilitar a compreensão geral, uma síntese das imagens do dragão em ambas as partes do globo. Em seguida, como parte principal da dissertação, o segundo capítulo apresenta alguns mitos em específico, analisando, interpretando e justificando a imagem do dragão na China e no Ocidente desde o enredo da sua narrativa até à aparência, capacidade, papel e contextos culturais que lhe são normalmente atribuídos. Por fim, demonstra-se vividamente o uso da figura e simbologia do dragão na sociedade contemporânea, enfatizando ainda mais os diferentes papéis desempenhados por si nas culturas chinesa e ocidental.

Palavras-chave: China, Dragão, Estudos Interculturais, Mitologia Comparada, Simbologia

Comparative Analysis of the Dragon Figure in the Western and Chinese Imaginary

ABSTRACT

Dragons have a special place both in China and in the West, although they follow different paths and have different symbolic meanings. The main objective of the present work is mainly about the comparisons between the figure of the dragon in China and in the West considering different aspects of it, especially the mythological role it plays. First, the work begins with the essence of dragons, providing, based on etymology, semantics and written records, in order to facilitate general understanding, a synthesis of the images of the dragon in both parts of the globe. Then, as the main part of the dissertation, the second chapter presents some specific myths, analyzing, interpreting and justifying the image of the dragon in China and the West from the plot of its narrative to the appearance, ability, role and cultural contexts commonly attributed to it. Finally, the use of the dragon figure and symbolism in contemporary society is vividly demonstrated, further emphasizing the different roles played by it in Chinese and Western cultures.

Keywords: China, Dragon, Intercultural studies, Comparative Mythology, Symbology

中西方龙形象的对比性分析

摘要

龙在中西方都有着特别的地位，但却走着截然不同的道路，象征意义也大相径庭。本论文旨在从多个方面对比中西方的龙形象，尤其是龙在神话中扮演的角色。首先，本文从龙的基本性质入手，根据词源学、语义学以及文字记载，将中西方的龙形象做一个大致的总结，便于读者总体把握。其次，作为论文的主体部分，第二章列举了中西方典型的龙神话，从故事情节到龙的外貌、能力、角色作用和其文化背景，对中西方的龙形象展开分析、解读和论述。最后，本文生动地展现了龙形象在现代社会中的运用，进一步强调龙在中西文化中扮演的不同角色。

关键词：中国，龙，跨文化研究，比较神话学，象征学

Índice de Conteúdos

Introdução	1
Capítulo I: Abordagem às Imagens do Dragão Ocidental e 龙 (lóng, dragão chinês)	4
1.1 Breve Introdução aos Dois Conceitos	5
1.2 Explicação Etimológica e Semântica dos Termos	6
1.3 Comparação entre as suas imagens	12
Capítulo II: A Imagem do Dragão nas Mitologias Ocidental e Chinesa	25
2.1 A Relevância da Comparação na Vertente Mitológica.....	26
2.2 Dragão na Mitologia Ocidental	28
2.2.1 Dragão-Guardião	28
2.2.2 O Assassinato do Dragão	35
2.3 Dragão na Mitologia Chinesa	43
2.3.1 A Ligação entre Dragão Chinês e a Natureza	43
2.3.2 Dragão Chinês Como Elemento de Ligação entre Céu e Terra.....	50
2.4 Considerações Finais	56
Capítulo III: O Uso das Figuras do Dragão Ocidental e Chinês na Arte e Cultura	60
3.1 As Figuras do Dragão Ocidental e Chinês na Arte.....	61
3.1.1 Dragão nas Literatura e Cinematografia.....	61
3.1.2 Dragão nas Escultura e Arquitetura	65
3.2 Costumes Contemporâneos	70
3.3 Reflexões sobre o Uso dos Dois Termos na Comunicação Intercultural.....	74
Conclusão	77
Bibliografia	81
Webgrafia	86
Anexo I - Cronologia das Dinastias Chinesas	90

Índice de Figuras

Figura 1 - O carácter chinês 龙 (lóng, dragão chinês) na escrita em ossos oraculares e nas inscrições em bronze (He, 1990, p.16).....	11
Figura 2 - O carácter chinês 辛 (xīn) na escrita em ossos oraculares	11
Figura 3 - Dragão Empilhado (石堆塑龙, shídūi sùlóng) do Sítio Arqueológico de Chahai	19

Figura 4 - O dragão feito de conchas do Sítio Arqueológico de Xishuipo	19
Figura 5 - Dragão de Jade em Formato de “C” da Cultura de Hongshang.....	20
Figura 6 - Manto do Dragão (龙袍, <i>lóngpáo</i>) na Dinastia Qing.....	23
Figura 7 - Trono do Dragão (龙椅, <i>lóngyǐ</i>)	23
Figura 8 - Jasão é regurgitado pelo Dragão de Cólquida	30
Figura 9 - Lécito grego (<i>recipiente para óleos perfumados</i>) mostrando Ladão a ser alimentado por uma ninfas	32
Figura 10 - O antigo combate de um deus e um dragão serpenteado.....	39
Figura 11 - Desenho de Yinglong na Dinastia Qin	45
Figura 12 - Zhulong no Clássico da Montanhas e dos Mares.....	49
Figura 13 - O dragão Smaug no filme O Hobbit: A Desolação de Smaug, dirigido por Peter Jackson...	61
Figura 14 - Os Reis Dragões no filme Nezha, dirigido por Yang Yu (杨宇, <i>Yáng Yǔ</i>)	65
Figura 15 - Cópia no 3º pátio do Castelo Real em Praga da estátua de São Jorge matando o dragão .	67
Figura 16 - A estátua do dragão russo Zmey Gorynych no Parque Kudykina Gora.....	67
Figura 17 - A Muralha dos Nove Dragões da Cidade Proibida (故宫九龙壁, <i>Gùgōng jiǔlóng bì</i>)	68
Figura 18 - O dragão amarelo no meio da supramencionada Muralha	68
Figura 19 - Teto da Ponte do Sul (南桥, <i>Nánqiáo</i>) na cidade Dujiangyang (都江堰, <i>Dūjiāngyàn</i>) [Esquerda]	69
Figura 20 - Detalhes dos desenhos de dragão no teto [Direita]	69
Figura 21 - Domar o Tarasco, do Livro de Horas de Henrique VIII	70
Figura 22 - Tarasca no desfile	71
Figura 23 - Tarasca e Santa Marta no desfile.....	71
Figura 24 - A luta entre o Dragão Coca e São Jorge.....	72
Figura 25 - Dança do dragão na Região Autónoma de Guanxi da Etnia Zhuang (广西壮族自治区, <i>Guǎngxī zhuàngzú zìzhìqū</i>)	72

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Capítulos selecionados do Livro da Revelação	16
Tabela 2 - Evolução cronológica do glifo sumério de kur	38
Tabela 3 - Os casos em que as figuras cavalgam no dragão no Clássico das Montanhas e dos Mares (cf. Yuan, 1993)	53

Introdução

A figura do dragão reveste-se de elevada importância para o Ocidente e a China, mesmo que desempenhe um papel diferente nas respectivas literaturas, culturas e costumes. Em particular na mitologia, parece que os dragões possuem características acentuadas e méritos impressionantes. No entanto, as diferenças entre o dragão ocidental e o 龍 (*lóng*, dragão chinês) não se encontram convenientemente explícitas, pelo que a maioria da população, ocidental e chinesa, tem a noção incorreta de que o dragão ocidental e o dragão chinês contam com características similares. De facto, a partir da aparência exterior até às conotações e implicações associadas às suas figuras, os dois apresentam diferenças não-negligenciáveis e, assim sendo, é necessário falar dos dois conceitos através de uma perspetiva comparada.

No decorrer da minha pesquisa, verifiquei que existem alguns estudos que, na temática que pretendo desenvolver, têm como pontos de partida as áreas das relações internacionais, comunicação internacional, tradução entre línguas, religião e cultura. Contudo, são raras as investigações cujos resultados analisam esta temática a partir da mitologia. Por conseguinte, o presente trabalho propõe realizar uma comparação entre o dragão ocidental e o dragão chinês a partir dos seus sentidos etimológico, semântico e arqueológico, das suas formas e funções e dos usos efetivos na sociedade contemporânea, principalmente a partir da análise de episódios mitológicos. Intenta-se, assim, desbravar um novo caminho no que diz respeito à efetivação de intercâmbios culturais entre a cultura do dragão ocidental e chinês. A presente dissertação apresenta-se composta por três capítulos, cujo principal objetivo é a procura de respostas a uma série de questões expostas em seguida.

No primeiro capítulo, propõe-se primeiramente uma indagação sobre *quais são as diferenças essenciais entre estes dois conceitos* através da análise nos sentidos etimológico e semântico dos termos. Tendo em conta as profundas diferenças entre famílias linguísticas às quais pertencem as línguas ocidentais (no geral) e a chinesa, aproveitar-se-ão explicações dos dicionários autorizados sobre a origem da palavra “dragão” e, ao mesmo tempo, estudos sobre as escritas antigas chinesas. Ademais, buscando também responder a outras questões, como *que imagens têm os dois termos?*; *que características distintas têm nas suas formas e funções?*; *como se vai observando o desenvolvimento das duas figuras ao longo da História?*, o primeiro capítulo fornece ainda um conjunto de descrições típicas destas figuras na literatura, bem como uma breve introdução ao surgimento e desenvolvimento das figuras do dragão ocidental e chinês ao longo do tempo, em particular os períodos históricos em que a sua imagem se metamorfoseou.

No segundo capítulo, pretende-se fazer uma análise comparativa entre os episódios mitológicos típicos sobre os dragões ocidental e chinês. Neste sentido, este momento do trabalho tenta,

primeiramente, abordar a relevância da comparação do dragão ocidental e chinês na vertente mitológica. A seguir, apresentam-se os dois motivos mitológicos mais típicos na mitologia ocidental: a imagem do dragão-guardião e a do assassinato do dragão. Para justificar o porquê de existirem tantos mitos sobre os temas supramencionados, em particular o assassinato do dragão, em diferentes mitologias ocidentais, introduz-se o conceito do inconsciente coletivo do Carl Jung, procurando explicar um possível ponto de convergência entre as culturas. Analisando algumas figuras do dragão em episódios específicos de sistemas mitológicos distintos, como o grego ou sumério, esta parte tenta igualmente revelar uma imagem geral das figuras do dragão ocidental nos mitos, refletindo sobre as suas características físicas, a relação entre si e o protagonista do mito e do seu papel na narrativa em questão.

A fim de apresentar um conjunto de perceções gerais acerca do dragão chinês, analisa-se a sua presença, figura e características a partir de uma das mais antigas obras chinesas, o *Clássico das Montanhas e dos Mares* (山海经, *Shānhǎijīng*), complementando igualmente os enunciados dos episódios com dados de outros clássicos. Ademais, de forma a mostrar a sua ligação com a Natureza e o seu estatuto como elemento de ligação entre céu e terra, citam-se e descrevem-se alguns casos concretos na mitologia, analisando a aparência, os méritos, a função e o estatuto do dragão chinês. Por fim, o segundo capítulo fornece uma resposta na vertente mitológica no que diz respeito à razão pela qual *o dragão, na China, possui uma simbologia positiva, mas, no Ocidente, apresentar uma imagem negativa,*

O último capítulo cita alguns usos concretos do dragão, quer do Ocidental, quer da China, na literatura, cinematografia, escultura, arquitetura e nos costumes contemporâneos, demonstrando o estatuto e simbologia diferentes nas culturas em estudo. Por fim, o presente capítulo apela a uma comunicação internacional assente numa base de respeito pelos princípios básicos de igualdade, conhecimento mútuo, objetividade dialética e cooperação vantajosa para ambas as partes, reiterando uma maior proatividade na compreensão da cultura um do outro.

Capítulo I

Abordagem às Imagens do Dragão Occidental e 龙 (*lóng*, dragão chinês)

1.1 Breve Introdução aos Dois Conceitos

Parece não ser necessária uma apresentação alongada sobre a figura do dragão, tanto o ocidental, quanto o chinês, uma vez que todas as pessoas parecem possuir um conhecimento prévio sobre estes no âmbito dos contos infantis, episódios mitológicos, pinturas e esculturas ou festas tradicionais. No contexto das imagens atribuídas ao dragão ocidental, Daniel Ogden (2013, p.1) afirma que

Se se perguntar a uma criança do Ocidente moderno o que sabe sobre dragões, é provável que a criança ofereça um estereótipo dos seguintes tipos: são fundamentalmente serpentinhas...têm quatro pernas, asas e muitos dentes; respiram fogo; guardam tesouros; comem pessoas; e são assassinados por cavaleiros ou heróis corajosos.¹

O dragão na China, ou seja, o 龍 (*lóng*, dragão chinês), conta com uma imagem completamente diferente no pensamento chinês, especialmente quando em comparação com aquela no imaginário dos ocidentais. Como se descreve nos resultados do inquérito sobre como os animais podem representar símbolos diferentes, realizado a falantes nativos de chinês e inglês (britânicos, americanos, australianos e canadenses), conduzido por Chen Dezhang (陈德彰, *Chén Dézhāng*), “a maioria dos chineses gosta do dragão e pensa que ele representa auspiciosidade (26%), dignidade (18%) e poder (10%), enquanto que a maioria dos falantes de inglês tem más associações com ele: ardente (18%), mistério (16%), medo (8%) e ferocidade (8%)”².

Esta conclusão mostra que, geralmente, o dragão chinês é símbolo de boa sorte e nobreza, contando com uma bela imagem que evoca um sentido de respeito, enquanto o dragão ocidental é representante do mal e da ferocidade, sendo, ao mesmo tempo, uma figura que recorda grande aversão.

Em termos do visual do dragão, é relativamente difícil tirar conclusões definitivas, dado não ter sido encontrado nenhum dragão vivo na vida real (pelo menos, até agora), pelo qual não podemos descrever a sua aparência em termos específicos. Neste sentido, é apenas permitido ter um vislumbre da mesma mediante textos e outras descobertas dos tempos antigos. No entanto, documentos diferentes têm

¹ “If one asks a child of the modern West what he or she knows of dragons, the child is likely to offer a stereotype of the following sorts: they are fundamentally serpentine...they have four legs, wings and lots of teeth; they breathe fire; they guard treasure; they eat people; and they are slain by knights or brave heroes.” (Ogden, 2013, p.1) (TdA)

² “Most Chinese people like the dragon and think it stands for auspice (26%), dignity (18%) and power (10%), while most English speaking people have bad association with it: fiery (18%), mystery (16%), scare (8%) and ferocity (8%).” (D. Chen, 2000, p.354) (TdA)

descrições dissimilares da sua aparência exterior, pelo que só podemos fazer um resumo geral, que é também objetivo deste capítulo.

Assim, tendo em conta os parâmetros supramencionados, é possível afirmar que a génese do dragão é uma questão que, por um lado, perdurará no tempo e, por outro, neste momento, não possui consenso académico. Por tudo isto, o presente capítulo tenciona analisar os dois termos, o dragão (ocidental) e o dragão chinês, nos sentidos de etimologia e semântica, tentando, para além disso, resumir as imagens dos dragões no Ocidente e na China a partir de descobertas arqueológicas e registos documentais.

1.2 Explicação Etimológica e Semântica dos Termos

Segundo Stephen Ullmann (1973), há dois ramos importantes da linguística que tratam diretamente das palavras: um é a etimologia, que estuda a origem das palavras (um dos ramos mais antigos da linguística), e o outro é a semântica, que estuda o significado das palavras. A fim de ressurgir e aproximar as imagens destes dois tipos diferentes de dragão, que dependem de famílias linguísticas distintas, será útil começar por estas duas áreas.

Quando classificada tendo como base a população total de falantes nativos, o indo-europeu é a maior família linguística do mundo. Deste grupo fazem parte as línguas da grande maioria dos países europeus, entre as quais se destacam as línguas românicas e germânicas que são, efetivamente, proeminentes quando classificadas pelo número de países em que são nativas. As línguas românicas, também conhecidas como línguas itálicas, incluem o latim (morto), português, francês, italiano, espanhol, entre outros, enquanto as línguas germânicas abrangem principalmente o inglês, alemão ou dinamarquês, por exemplo. A raiz da palavra "dragão" é muito semelhante tanto nas línguas itálicas como nas germânicas. À luz da explicação do *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (Nascentes, 1955, p.164), "drago" provém do latim *dracō* (nominativo), de origem grega, dragão; enquanto a palavra "dragão" surge do grego *drákōn*, pelo latim *dracone*. Para além da correspondência ao latim e ao grego da língua portuguesa, o homólogo ocorre também no inglês, francês, alemão e em outras línguas de subgrupos idênticos da mesma família.

O *Online Etymology Dictionary* define "dragon" como seguinte:

Nos meados do século XIII, *dragoun*, um animal fabuloso comum às concepções de muitas raças e povos, do *dragon* em francês antigo e diretamente do *draconem* em latim (nominativo *dracō*)

“enorme serpente, dragão”, do *drákōn* (*drakontos* genitivos) em grego “serpente, marisco gigante”, aparentemente do *drak-*, *derkesthai* do aoristo forte “para ver claramente”, da proto-língua indo-europeia (PIE) **derk-* “para ver” (origem também do *darsata-* em sânscrito “visível”; *adcondarc* em irlandês antigo “eu vi”; *gatarhjan* em gótico “caracterizar”; *torht* em inglês antigo; *zoraht* em alto-alemão antigo “luz, claro”; *dritë* em albanês “luz”). Talvez o sentido literal seja “aquele com o olhar (mortífero)”.³

A enciclopédia mais autorizada do mundo, a *Encyclopaedia Britannica* (disponível online), descreve “dragon” como um monstro lendário geralmente concebido como um enorme lagarto escamoso ou cobra de asas de morcego e com uma cauda farpada. A crença nestas criaturas surgiu aparentemente sem o mínimo conhecimento por parte dos antigos répteis gigantes, pré-históricos, semelhantes aos dragões. Na Grécia, a palavra *drákōn*, da qual derivou a palavra portuguesa e inglesa, foi usada originalmente para qualquer serpente grande e o dragão da mitologia, independentemente da forma que mais tarde assumiu, permaneceu essencialmente uma serpente.

Para além disso, no *Collins Dictionary* diz-se que “dragon” é essencialmente “um monstro mítico geralmente representado como cuspir fogo, com corpo reptiliano e escamoso, asas, garras e uma longa cauda”⁴. Aliás, nota-se no dicionário que a palavra deriva do francês antigo, do latim *dracō*, do grego *drákōn*, e sublinha a relação com o olho de *drakos*. Obviamente, esta definição tem uma relação estreita com a aceção original da palavra grega *drákōn*, nomeadamente a serpente ou gigante do mar como já foi referido, pois o dragão, segundo *Collins Dictionary*, representa um monstro mítico que se assemelha aos répteis vivos de cauda longa, o que corresponde ao formato de serpente. Não é, no entanto, possível retirar uma conclusão definitiva sobre a aparência puramente serpentina do dragão ocidental, porque a sua imagem no dicionário é descrita como resultado da amálgama de um conjunto de características de muitos outros animais, até aqueles que não existem.

Reiterando o acima exposto, é fácil concluir que a antiga palavra grega para dragão, nomeadamente *drákōn*, tende a referir-se a uma serpente marinha ou um monstro marinho, isto é, criatura que se

³ “mid-13c., *dragoun*, a fabulous animal common to the conceptions of many races and peoples, from Old French dragon and directly from Latin *draconem* (nominative *dracō*) “huge serpent, dragon”, from Greek *drákōn* (genitive *drakontos*) “serpent, giant seafish”, apparently from *drak-*, strong aorist stem of *derkesthai* “to see clearly”, from PIE **derk-* “to see” (source also of Sanskrit *darsata-* “visible”; Old Irish *adcondarc* “I have seen”; Gothic *gatarhjan* “characterize”; Old English *torht*, Old High German *zoraht* “light, clear”; Albanian *dritë* “light”). Perhaps the literal sense is “the one with the (deadly) glance.” (*Online Etymology Dictionary*) (TdA)

⁴ “A mythical monster usually represented as breathing fire and having a scaly reptilian body, wings, claws, and a long tail.” (*Collins Dictionary*) (TdA)

encontra intimamente relacionada com água e mar, enquanto que, na definição de dragão nos dicionários autorizados contemporâneos, se enfatiza a ideia de “um réptil alado e flamejante”, já não sendo uma criatura marinha, mas uma criatura terrestre imaginária que consegue correr livremente em terra e no ar e que está associada ao fogo. Esta mudança dramática ocorreu ao longo de milhares de anos. Talvez seja assim que podemos explicar o porquê de os gigantes monstros serpentinicos da mitologia grega, como, por exemplo, o monstro marinho de Tróia⁵, assassinado por Hércules⁶, terem tido frequentemente o dom para causar ventos e levantar ondas, dado que, efetivamente, eram originários de uma civilização marítima. Este instinto associado à água e ao mar encontra-se, assim, justificado.

Acerca da aceção do prefixo *drak-*, que significa “ver claramente” e/ou “fitar”, esta reflete-se de maneira mais direta nas mitologias ocidentais. Os episódios em que os dragões desempenhavam o cargo de guardião e mantinham sob vigilância os tesouros são bastante fáceis de encontrar nos mitos gregos, tais como o Ladão, de cem cabeças, que guardava as maçãs douradas, e o Dragão de Cólquida que vigiava o Tosão de Ouro⁷. Guardam algo que ultrapassa a simples execução de uma missão e, mitologicamente, como demonstração da sua dedicação ao dever, alguns deles possuem várias cabeças, mantendo um par de olhos abertos para cumprir fielmente a sua tarefa mesmo enquanto dormem. Além disso, a ação de proteger e vigiar envolve certas implicações, algo indicado pelo seu apetite e ganância por riqueza, pois, independentemente daquilo que guarda, seja fonte de água, seja um tesouro propriamente dito, tudo é apreciado pelo dragão. O dragão quer possuir todas as coisas somente para si, tal como o dragão Fafnir, na mitologia nórdica, que tomava posse completa do ouro e guardava-o numa caverna. Não se omite igualmente a Medusa com os seus cabelos compostos por serpentes e olhos fatais – quem quer que olhasse diretamente para ela seria transformado em pedra –, o que demonstra também o significado do prefixo *drak-*.

Neste ponto, é possível questionarmo-nos sobre a possibilidade de se estabelecer uma relação entre dragão e serpente. Como supramencionado, o termo dragão deriva do latim *dracō*, o qual, por sua vez, vem diretamente do grego *drákōn*, que indica serpente gigante ou monstro marinho. O termo serpente significa cobra ou coisa rastejante. Um *drákōn* ou *dracō* era fundamentalmente uma grande serpente, amiúde não meramente grande, mas monstruosamente enorme; era também um predador saqueador; possuía uma natureza ou contexto sobrenatural de algum tipo; cuspiam frequentemente fogo e era regularmente assassinado por uma figura heróica. Na verdade, em alguns textos latinos ou textos

⁵ Posídon, deus supremo do mar, mandou o monstro marinho de Tróia aterrorizar esta cidade, fazendo com que os gregos entrassem numa grande guerra. (NdA)

⁶ Hércules era um semideus, filho de Zeus. Era um dos mais célebres heróis gregos pela realização dos seus doze trabalhos perigosíssimos. (NdA)

⁷ O Tosão de Ouro, também conhecido como o Velo de Ouro, Velocino, designa a lã de ouro do carneiro alado, chamado Crisómalo, que estava pendurada numa árvore sagrada. (NdA)

gregos posteriores, para além dos registos na mitologia grega e nas escrituras cristãs, os termos *drákōn* e *dracō* podem ser aplicados àqueles monstros que são ostensivamente grandes mas não têm nenhum mérito, ou aplicados às cobras banais. A partir da semântica, parece que é recomendável o uso da palavra “serpente” (cobra ou coisa rastejante) em vez de “dragão” (serpente gigante ou monstro marinho), porque “serpente” é uma palavra que engloba tanto “dragão” como “cobra” no seu campo semântico. A palavra serpente é também usada na Bíblia para designar um reptiliano grande ou venenoso, diferenciando-o da cobra banal. Tudo isto representa uma das razões pela qual o presente trabalho se serve de alguns exemplos de serpentes que possuíam o mesmo significado no campo semântico que os dragões ocidentais. Uma outra razão tem que ver com o facto de, nestes casos, eles simbolizarem uma ideia idêntica na sociedade primitiva, como já se referiu no último parágrafo com a Medusa. No entanto, dada a importância de destacar o significado dos termos *drákōn* e *dracō* no presente trabalho e a ambiguidade em conectar a palavra “serpente” a estes dois, alguns dos textos em latim em consideração empregam também a palavra *serpen*, que é a origem da palavra “serpente” e que também partilha o seu campo etimológico e semântico. Por tudo isto, parece melhor manter “dragão” como tradução de *drákōn* e *dracō* e utilizá-lo como termo principal para as criaturas de interesse.

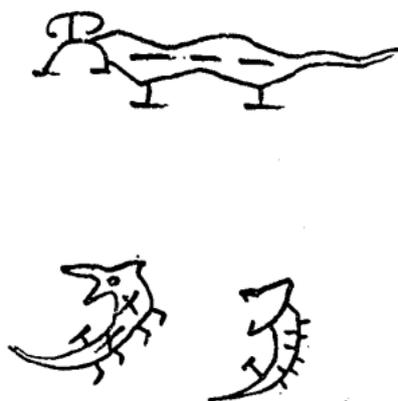
Quanto à análise do carácter chinês 龍 (*lóng*), as circunstâncias são distintas. Este carácter tem uma mudança considerável em termos da sua grafia e aparece de forma frequente nos livros arcaicos chineses. Com a finalidade de o analisar de maneira explícita, explicar-se-á com fundamento a grafia deste carácter.

O *Origem dos Caracteres Chineses* (说文解字, *shuōwén jiězì*), um trabalho de ferramenta linguística compilado por Xu Shen (许慎, *Xǔ Shèn*), um político, filólogo, e escritor da Dinastia Han Oriental (东汉, *Dōng Hàn*) (25 d.C. - 220 d.C.), é o dicionário mais antigo da China a analisar sistematicamente as formas e origens de caracteres chineses. Neste Dicionário, explica-se o dragão chinês da seguinte forma:

O dragão é o supremo entre os animais escamosos. Tem o mérito de tornar o seu corpo mais escuro ou brilhante, mais esguio ou maior, mais curto ou longo. Sobe à abóbada celeste no termo solar do Equinócio da Primavera e mergulha no abismo do Equinócio do Outono^{8,9}.

Através destas palavras, podemos obter uma ideia básica sobre a configuração e capacidade do dragão chinês: é um animal de elevado estatuto na classificação do género em que é encontrado; é hábil na mudança; pode subir ao céu e descer à terra, e tem o que se chama “natureza divina”. O estudioso chinês He Xin (何新, *Hé Xīn*) defende que o arquétipo biológico do dragão chinês é o crocodilo-poroso, isto é, a imagem do dragão terá resultado de descrições, reflexões e exageros dos relatos deste animal. Neste sentido, o autor analisa ainda o dragão chinês a partir de vários aspetos, inclusive o gráfico¹⁰. Como já foi dito, a génese do dragão é uma questão a explorar, por isso cita-se aqui apenas a parte de investigação acerca da sua grafia.

Na escrita em ossos oraculares¹¹ e escrita em bronze¹², o carácter do dragão chinês é evidentemente pictográfico. Citam-se aqui as grafias¹³:



⁸O Equinócio da Primavera (春分, *chūnfēn*) é o 3º termo solar no calendário lunar na China e é comemorado entre os dias 20 e 22 no terceiro mês do calendário lunar, enquanto o Equinócio do Outono (秋分, *qiūfēn*) é o 16º, sendo comemorado entre os dias 21 ou 22 no nono mês de calendário lunar. Desde o dia do Equinócio da Primavera, a duração do dia começa a ser mais longa do que a da noite, ao passo que, depois do dia do segundo período referido, se verifica o inverso. (NdA)

⁹“龙，鳞虫之长，能幽能明，能细能巨，能短能长；春分而登天，秋分而潜渊。” (*Lóng, línchóng zhī zhǎng, néng yōu néng míng, néng xi néng jù, néng duǎn néng cháng; chūnfēn ér dēngtiān, qiūfēn ér qiányuān.*) (Duan, 2006, p.582) (TdA)

¹⁰He Xin (何新, *Hé Xīn*) analisa o dragão chinês no seu livro 龙：神话与真相 (*Lóng: shénhuà yǔ zhēnxiàng*), *Dragão: Mitos e Verdades*, publicado em 1990, nas vertentes mitológica, linguística artística e biológica para advogar que a origem do dragão chinês é o crocodilo-poroso, o que é uma corrente importante no estudo da questão da sua génese. (NdA)

¹¹A escrita em ossos oraculares (甲骨文, *jiǎgǔ wén*) refere-se à mais antiga escrita chinesa, datando por volta de 1200 a.C.. Foi principalmente utilizada em textos curtos, escritos em plastrões de tartarugas ou escápulas de bovinos, dedicados à elaboração de feitiços. Foi a escrita caracteristicamente usada durante a Dinastia Shang (商朝, *Shāngcháo*, 1600 a.C. - 1046 a.C.). (NdA)

¹²A escrita em bronze (金文, *jīn wén*), também conhecida como inscrições em bronze, foi uma variedade de estilos de escrita chinesa registada em peças rituais em bronze, tais como 钟 (*zhōng*, sinos) e 鼎 (*dǐng*, caldeirões tripodais), principalmente durante os períodos da Dinastia Shang à Dinastia Zhou (周朝, *Zhōucháo*, terceiro século a.C.). (NdA)

¹³O leitor também pode pesquisar mais formas de grafias do dragão chinês destes dois tipos de escrita no site do *Chinese Etymology*. (NdA)



Figura 1 - O caráter chinês 龍 (*lóng*, dragão chinês) na escrita em ossos oraculares e nas inscrições em bronze (He, 1990, p.16)

De acordo com estes dados, podemos identificar algumas características em comum, entre as quais se destaca, porventura por ser a mais global, aquela em que se descreve um tipo de animal réptil através de traços curvos e longos que representam uma cauda longa. Aliás, segundo as imagens acima, é exequível afirmar que os dragões chineses antigos possuíam chifres na cabeça, sendo que alguns tinham ainda patas e outros contavam com uma crina nas costas. A parte da grafia que representa a cabeça do dragão chinês mostra que ele é uma besta feroz que possui boca gigante e presas semelhantes às do tigre, cão ou elefante, cujos caracteres pictográficos são também compostos por este elemento. Além disto, existe mais um símbolo na cabeça do dragão chinês nestas grafias, representado por 辛 (*xīn*) que, em chinês, se refere a uma metonímia para a ação de cinzelar madeira com uma cunha. A parte superior deste caráter, que assemelha a um triângulo invertido, descreve uma cunha, enquanto a parte inferior retrata madeira falquejada:



Figura 2 - O caráter chinês 辛 (*xīn*) na escrita em ossos oraculares

Conforme as palavras de He Xin, a partir da explicação de “辛” (*xīn*), podemos deduzir que o seu significado se encontra dependente do carácter “龍” (*lóng*), o dragão chinês, já que as pessoas tinham medo desse animal feroz com boca enorme e presas ameaçadoras e, por isso, “辛” (*xīn*) foi colocado na sua cabeça como símbolo para a sua tortura, repressão e subjugação (He, 1990).

Consideramos que esta, isto é, a investigação do termo mediante as suas etimologia e semântica, é uma forma eficaz de se estudar a origem e o significado de “dragão”, seja este ocidental ou chinês. Ainda assim, as análises destes não correspondem perfeitamente às suas origens e imagens verdadeiras, mesmo que estejamos a dialogar sobre as antigas escritas chinesas e os seus pictogramas, os quais, no fundo, são caracteres e palavras em vez de pinturas ou outras formas realistas de veicular a imagem do dragão. Com o intuito de abordar estes dois termos, dragão ocidental e dragão chinês, é também necessário estudar outras tipologias de informação relativamente aos dragões, porque a etimologia e semântica são dois métodos fundamentalmente complementares para reconhecer a sua verdade.

1.3 Comparação entre as suas imagens

Analisemos agora o motivo que explica o facto de, no Ocidente, se conceber o dragão como personagem maldosa e, na China, este ser considerado como figura auspiciosa. Os dois dragões têm, sem dúvida, alguns traços em comum, como, por exemplo, o corpo gigante e reptiliano. No entanto, apresentam igualmente características visivelmente distintas e acentuadas nas suas formas. Para além disso, os dois termos são ricos em variações simbólicas, sendo que algumas delas podem ser resumidas a conjuntos de elementos partilhados e associados, por exemplo, à mudança e à aptidão mágica. Contudo, existem constelações simbólicas adversas, como a malignidade do dragão ocidental e o bom presságio do dragão chinês.

Começando por discutir o dragão ocidental, é inevitável falar da mitologia ocidental, que foi um produto ideológico brilhante das sociedades primitivas e que se constituiu como fundamento e inspiração da literatura posterior no Ocidente. Como já dizia Eason (2008, p.35), “embora as descrições dos dragões sejam diferentes, no mito, [estes] são geralmente retratados como enormes répteis ou lagartos com garras, pernas, e uma longa cauda escamosa, por vezes com enormes asas de couro”¹⁴. “É uma

¹⁴ “Though descriptions of dragons differ, in myth they are generally depicted as huge reptilian or lizard-like scaly creatures with claws, legs, and a long scaly tail, sometimes with huge leathery wings.” (TdA)

criatura monstruosa, como serpente, omnipresente e inexistente. Pode ser plumoso, chifrudo ou flamejante, macho ou fêmea, diabólico ou benigno”¹⁵, completa Barnard (1964, p.422).

Quando classificado pelas típicas formas dos dragões ocidentais nas Eras Clássica e Medieval, ou melhor, quando se dialoga sobre os dragões na mitologia grega e no cristianismo, estes podem ser divididos em dois grandes grupos: dragões de forma fundamentalmente pura de serpente e dragões de formas compostas ou complexas. No primeiro grupo, alguns deles assemelham-se a uma cobra gigante, outros têm barba e/ou cristas e há ainda aqueles que possuem três fileiras de dentes. Destaca-se também a coloração da sua pele, que varia entre o metálico e o azul. No segundo, certos dragões contam com cabeças múltiplas, embora mantendo a forma de serpente pura. Outros são constituídos por corpos humanoides ou animais a partir dos quais se projetam múltiplas cabeças de cobra mais pequenas. Por fim, denota-se igualmente a existência de dragões alados ou com capacidade de voar.

No que diz respeito às restantes mitologias ocidentais, como a nórdica, os dragões são descritos como criaturas que possuem algumas das ou todas as seguintes características: asas de morcego, pés de águia, patas dianteiras de um leão, cabeça de um réptil com boca enorme da qual solta faíscas, enormes escamas, chifres de antílope, barriga mole e cauda de serpente ou de sáurio gigante que pode começar perto da cabeça. Os pequenos dragões flamejantes encontrados, por um lado, nos mitos franceses e alemães não eram alados, habitando também, à semelhança do ser humano, as cavernas. No entanto, possuíam fôlego de fogo. Os dragões búlgaros, por outro, tinham três cabeças e três asas. Pensava-se que os dragões escandinavos crescessem até aos sessenta pés de comprimento.

São, de facto, inumeráveis os casos de dragões ocidentais aos quais, pela sua forma monstruosa, é conferida uma simbologia maligna. A sua malignidade é essencial para a reiteração da excelência dos heróis (no sentido lato do termo). Os dragões míticos guardavam tesouros, regra geral, por este ser, efetivamente, o seu dever. No entanto, dado que os heróis queriam alcançar os seus próprios objetivos, frequentemente associados a motivos de elevada justiça, os dragões eram obrigados a combatê-los, em lutas de maior passividade da sua parte. Podemos encontrar diversos heróis nas mais variegadas mitologias, em particular na mitologia grega, em que atingiam o reconhecimento por subjugar dragões monstruosos. Hércules assassinou o Ladão, o dragão das Hespérides¹⁶ que guardava as maçãs douradas. Os Argonautas¹⁷ mataram o Dragão de Cólquida, que vigiava o Tosão de Ouro. Nas mitologias ocidentais, em particular nas gregas, os dragões ocidentais tinham aparência horripilante, com emoções,

¹⁵ “He is a monstrous, snake like creature, ubiquitous and nonexistent. He may be feathered, horned or fiery, male or female, evil or benign.” (TdA)

¹⁶ As Hespérides eram três ninfas que guardavam as maçãs douradas junto a Ladão. Este episódio será analisado em pormenor no próximo capítulo. (NdA)

¹⁷ Os Argonautas, na mitologia grega, eram tripulantes do navio Argo que foi até a Cólquida (atual Geórgia) em busca do Tosão de Ouro. Este episódio será analisado em pormenor no próximo capítulo. (NdA)

desejos e ambições mundanas, embora não tivessem cometido, efetivamente, pecados fatais. Portanto, resta tentar entender como a imagem do dragão ocidental sofreu uma transformação tão radical.

Nos tempos pré-cristãos e mesmo durante os primeiros tempos cristãos na Europa, os dragões ocidentais eram considerados como guardiões de tesouros ou de locais sagrados. No conceito do Médio Oriente e da Grécia Antiga, os dragões eram forças do mal para serem vencidos por deuses ou heróis, embora fossem apenas usados como guardiães de tesouros. Contudo, gradualmente, durante a época cristã, serpentes e dragões tornaram-se considerados como símbolo do mal puro e, por consequência, vários santos cristãos foram creditados como sendo os responsáveis por ações de assassinio de dragões. Durante a Idade Média, entre os séculos V e XV, os dragões eram completamente tidos como sendo os grandes inimigos dos santos.

O *HarperCollins Bible Dictionary (1996)* caracteriza o dragão como o seguinte:

Dragão, um monstro reptiliano conhecido na mitologia e iconografia do antigo Próximo Oriente (...) Na *Bíblia*, o dragão aparece como o inimigo primordial de Deus, morto ou subjugado em conjunto com a criação, mas aparecendo novamente no fim do mundo, quando Deus finalmente o elimina.¹⁸

É semelhante à serpente subtil do terceiro capítulo do Génesis, e é abertamente chamado no *Livro do Apocalipse* (capítulo 12, versículo 9¹⁹) de “grande dragão”. Satanás é chamado de dragão na mesma obra, sendo descrito nos seguintes capítulos-versículos 12-3, 4, 7, 9, 13, 17; 13-1, 2, 4, 11; 16-13 e 20-2. O *Livro do Apocalipse* (20-2) afirma que o dragão é o Diabo ou Satanás, parecendo simbolizar o poder (13-2) que Deus derrotou (20-2). Desde a Idade Média, com a expansão do cristianismo, a imagem do monstro maléfico tornou-se impressionante e generalizada e o “dragão” no Ocidente assumiu-se gradualmente como sinónimo do diabo, demónio e mal. A imagem maligna do dragão é tipicamente representada pela obra cristã clássica, a *Bíblia*. Partindo do enorme dragão vermelho no capítulo 12 do *Livro do Apocalipse*, utiliza-se, na arte e literatura cristã, o dragão como um monstro para simbolizar

¹⁸ “Dragon, a reptilian monster well-known in the mythology and iconography of the ancient Near East (...) In the Bible the dragon appears as the primeval enemy of God, killed or subjected in conjunction with creation but appearing again at the end of the world, when God will finally dispose of it.” (Achtemeier, 1996, p.246) (TdA)

¹⁹ A partir deste momento, referir-nos-emos aos capítulos e versículos das obras bíblicas mencionadas através das nomenclaturas capítulo-versículo. Neste sentido, o capítulo 12 e versículo 9 serão referenciados, por exemplo, como 12-9. (NdA)

precisamente as figuras do Diabo e de Satanás. A imagem do dragão na *Bíblia* é extremamente distintiva e explícita, como a encarnação do mal e o sinónimo do diabo.

Partilha-se aqui alguns capítulos no *Livro da Revelação*²⁰ em que se refere o dragão:

<p>E viu-se outro sinal no céu, e eis um grande dragão cor de fogo, com sete cabeças e dez chifres, e nas suas cabeças sete diademas; e a sua cauda arrasta um terço das estrelas do céu, e as lançou para baixo à terra. E o dragão ficou parado diante da mulher, que estava para dar à luz, para que, quando desse à luz, pudesse devorar-lhe o filho.</p>	<p>Capítulo 12 - 3, 4</p>
<p>E irrompeu uma guerra no céu: Miguel e os seus anjos batalhavam com o dragão, e o dragão e os seus anjos batalhavam, mas ele não prevaleceu, nem se achou mais lugar para eles no céu. Assim foi lançado para baixo o grande dragão, a serpente original, o chamado Diabo e Satanás, que está desencaminhando toda a terra habitada; ele foi lançado para baixo, à terra, e os seus anjos foram lançados para baixo junto com ele.</p>	<p>Capítulo 12 - 7, 8, 9</p>
<p>Por esta razão, regozijai-vos, ó céus, e vós os que neles residis! Ai da terra e do mar, porque desceu a vós o Diabo, tendo grande ira, sabendo que ele tem um curto período de tempo.” Ora, quando o dragão se viu lançado à terra, perseguiu a mulher que dera à luz o filho varão. Mas, deram-se à mulher as duas asas da grande águia, para que voasse ao ermo, para o seu lugar; ali é que ela é alimentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo, longe da face da serpente.</p>	<p>Capítulo 12 - 12, 13</p>
<p>E ficou parado na areia do mar. E eu vi ascender do mar uma fera, com dez chifres e sete cabeças, e nos seus chifres, dez</p>	<p>Capítulo 13 - 1, 2, 3, 4</p>

²⁰ *Livro da Revelação* é uma outra designação para o já referido *Livro do Apocalipse*. (NdA)

<p>diademas, mas nas suas cabeças, nomes blasfemos. Ora, a fera que vi era semelhante a um leopardo, mas os seus pés eram como os dum urso, e a sua boca era como a boca dum leão. E o dragão deu [à fera] seu poder e seu trono, e grande autoridade. E eu vi uma das suas cabeças como que abatida até a morte, mas o golpe mortal que sofreu foi curado, e toda a terra seguia a fera com admiração. E adoravam o dragão porque dera a autoridade à fera, e adoravam a fera com as palavras: “Quem é semelhante à fera e quem pode batalhar contra ela?”</p>	
<p>E eu vi outra fera ascender da terra, e ela tinha dois chifres semelhantes aos dum cordeiro, mas começou a falar como dragão. E exerce toda a autoridade da primeira fera à vista dela. E ela faz a terra e os que moram nela adorar a primeira fera, cujo golpe mortal ficou curado. E ela realiza grandes sinais, para fazer até mesmo fogo descer do céu para a terra à vista da humanidade.</p>	<p>Capítulo 13 - 11, 12, 13</p>
<p>E eu vi descer do céu um anjo com a chave do abismo e uma grande cadeia na mão. E ele se apoderou do dragão, a serpente original, que é o Diabo e Satanás, e o amarrou por mil anos. E lançou-o no abismo, e fechou e selou [este] sobre ele, para que não mais desencaminhasse as nações até que tivessem terminado os mil anos. Depois destas coisas terá de ser solto por um pouco.</p>	<p>Capítulo 20 - 1, 2, 3</p>

Tabela 1 - Capítulos selecionados do *Livro da Revelação* ²¹

Para além da Bíblia, em que o dragão é equivalente ao diabo, os relatos do assassinato destes surgem igualmente na literatura e arte ocidentais. Os atos dos santos, como São Jorge, foram frequentemente descritos na Época Medieval, embora os relatos provenham de séculos muito anteriores. De facto, o ódio ao dragão tornou-se assaz forte por causa da necessidade sentida pelos santos em,

²¹ Todos os capítulos citados são da *Tradução Do Novo Mundo Das Escrituras Sagradas*, edição de 2014 em português, editada e distribuída pela Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. (NdA)

através de feitos espetaculares, impressionar uma população resistente à nova religião que, ao contrário da grega e romana, não aceitava coexistir com os seus deuses indígenas. Foi, por conseguinte, essencialmente uma rivalidade entre politeísmo e monoteísmo, sendo que a religião monoteísta venceu e tornou-se dominante na Europa. Eis o cristianismo.

A figura do dragão no imaginário no Ocidente mantém-se negativa e radica-se indestrutivelmente desde a Época Medieval até à contemporaneidade. Nos dicionários ocidentais autorizados, o dragão é geralmente descrito como um monstro estendido como “um enorme lagarto escamoso, de asas de morcego, com a cauda farpada, ou uma cobra”²², ou um animal que “cospe fogo”²³. Nos dicionários ou enciclopédia autorizada (como *Encyclopaedia Britannica*), o dragão ocidental é frequentemente retratado como monstro mítico com cauda longa, garras afiadas, alado, cuspidor de fogo, por vezes revestido de armadura escamosa, simbolizando o mal. Do período mitológico à prevalência do cristianismo na Idade Média, até à sociedade moderna, deve dizer-se que a imagem externa do dragão tem sido consistente e que a imagem da malignidade tem sido reforçada com o seu desenvolvimento.

Contudo, na *Encyclopaedia Britannica*, “dragon” e “long” (dragão chinês) possuem duas explicações separadas:

Dragão, monstro lendário geralmente concebido como um enorme, de asas de morcego, lagarto escamoso ou cobra com uma cauda farpada. A crença nestas criaturas surgiu aparentemente sem o mínimo conhecimento por parte dos antigos répteis gigantes, pré-históricos, semelhantes a dragões. Na Grécia, a palavra *drákōn*, da qual derivou a palavra inglesa, foi usada originalmente para qualquer serpente grande (veja *serpente marinha*), e o dragão mitológico, independentemente da forma que mais tarde tenha assumido, permaneceu essencialmente uma serpente.²⁴

²² “...a huge, bat-winged, fire-breathing, scaly lizard or snake with a barbed tail.” (*Encyclopaedia Britannica*) (TdA)

²³ “...breathe out fire.” (*Collins Dictionary*) (TdA)

²⁴ “Dragon, legendary monster usually conceived as a huge, bat-winged, fire-breathing, scaly lizard or snake with a barbed tail. The belief in these creatures apparently arose without the slightest knowledge on the part of the ancients of the gigantic, prehistoric, dragon-like reptiles. In Greece the word *drákōn*, from which the English word was derived, was used originally for any large serpent (see *sea serpent*), and the dragon of mythology, whatever shape it later assumed, remained essentially a snake.” (*Encyclopaedia Britannica*) (TdA)

Long, (chinês: “dragão”) *lung* na romanização de Wade-Giles. Na mitologia chinesa, é um tipo de besta majestosa que habita rios, lagos, oceanos e vagueia pelos céus. Originalmente uma divindade da chuva, o dragão chinês, ao contrário do seu malévolos homólogo europeu (veja *dragão*), está associado à beneficência celestial e à fecundidade. Os rituais de chuva já no século VI a.C. envolviam uma imagem de dragão animada por uma procissão de dançarinos; danças semelhantes ainda são praticadas nas comunidades chinesas tradicionais para assegurar a boa sorte.²⁵

Mediante as supramencionadas explicações, podemos facilmente perceber que os dois termos são diferentes em vários aspetos. Em torno da génese do dragão chinês, os académicos defendem opiniões diversas. Todavia, tais podem ser divididas em dois grandes grupos. O primeiro acredita que o seu arquétipo é um determinado animal ou uma combinação de vários animais, tais como crocodilo, cobra, lagarto, cavalo, peixe, entre outros, ou de porco, cobra e veado, ou de cavalo e cobra, entre outras combinações. Outro grupo advoga que o arquétipo do dragão chinês não tem nada que ver com animais, mas, sim, com uma combinação sobreposta de algum tipo de fenómeno natural ou objeto, como nuvens, arco-íris, relâmpagos, pinheiros, fusão de totens, e assim por diante. Cada um tem os seus próprios argumentos, todos eles com alguma validade relativa.

No que diz respeito à imagem do dragão chinês, as descobertas arqueológicas podem servir para ajudar as investigações. De acordo com a informação disponível, a primeira figura do dragão chinês com características tradicionais é o Dragão Empilhado (石堆塑龙, *shídūi sùlóng*), com 8000 anos de idade, encontrado durante escavações entre junho de 1994 e janeiro de 1995 no Sítio Arqueológico de Chahai²⁶. O dragão é feito de conglomerados castanho-avermelhados de tamanho uniforme, com uma cabeça levantada e um dorso arqueado. Apresenta 19,7 metros de comprimento e cerca de dois metros de largura no ponto mais largo, sendo a mais antiga e maior forma de dragão empilhado encontrada na arqueologia (Liu et al., 2020).

²⁵“Long, (Chinese: “dragon”) Wade-Giles romanization lung, in Chinese mythology, a type of majestic beast that dwells in rivers, lakes, and oceans and roams the skies. Originally a rain divinity, the Chinese dragon, unlike its malevolent European counterpart (see *dragon*), is associated with heavenly beneficence and fecundity. Rain rituals as early as the 6th century BCE involved a dragon image animated by a procession of dancers; similar dances are still practiced in traditional Chinese communities to secure good fortune.” (*Encyclopaedia Britannica*) (TdA)

²⁶ O Sítio Arqueológico de Chahai (查海遗址, *Cháhǎi yízhǐ*), localizado em Fuxin (阜新, *Fùxīn*), Província de Liaoning (辽宁省, *Liaoningshěng*), é o local de um assentamento humano do Período Neolítico (10000-7000 a.C.), cobrindo uma área de 30000 metros quadrados. O Sítio foi oficialmente escavado sete vezes, nas quais se descobriu um grande número de cerâmicas, ferramentas de pedra e de jade e vários outros tipos de relíquias culturais que têm importantes valores humanístico, científico, histórico e académico. (NdA)



Figura 3 - Dragão Empilhado (石堆塑龙, *shídūī sùlóng*) do Sítio Arqueológico de Chahai

Um dragão feito de conchas, com aproximadamente 6500 anos, foi desenterrado no Sítio Arqueológico de Xishuiipo²⁷. A cabeça desse dragão está virada para norte, as costas viradas para oeste e o seu corpo tem 1,78 metros de comprimento e 0,67 metros de altura. O dragão tem cabeça levantada, pescoço curvo, corpo arqueado, cauda longa, garra dianteira estendida para frente e garra traseira estende para trás, parecendo estar a voar (*cf.* Yan, 1988).



Figura 4 - O dragão feito de conchas do Sítio Arqueológico de Xishuiipo

²⁷ O Sítio Arqueológico de Xishuiipo (西水坡遗址, *Xīshuǐpō yízhǐ*), localizado em Puyang (濮阳, *Púyáng*), província de Henan (河南省, *Hénánshěng*), tem uma história que data desde o Período Neolítico até à Dinastia Han (汉朝, *Hàncháo*) (202 a.C. - 220 d.C.). Com cerca de 6400 anos, trata-se do local onde foi descoberto um complexo funerário antigo em grande escala. (NdA)

Ademais, os arqueólogos descobriram ferramentas de jade com formato de dragão. Uma das mais típicas é o Dragão de Jade em Formato de “C” da Cultura de Hongshan²⁸ (红山文化 C 型玉龙, *hóngshān wénhuà C xíng yùlóng*), que foi feita há mais de 5000 anos (Sun, 1984). Muitos produtos de cerâmica e de bronze, pintados com desenhos em forma de dragão ou desenhos que representam o dragão, foram igualmente descobertos. A descoberta destes dragões pré-históricos permitiu-lhes a passagem de uma ilusão relativa aos antigos mitos e lendas chineses para uma realidade mais concreta, fornecendo importantes pistas de investigação sobre as origens do dragão chinês e a raiz da sua mudança a nível de imagem.



Figura 5 - Dragão de Jade em Formato de “C” da Cultura de Hongshang

Para além dos conteúdos supramencionados que dão uma noção das teorias sobre a génese dos dragões chineses e que introduzem os “proto-dragões” nas escavações arqueológicas, é também importante conhecer os dragões na literatura antiga. Nos antigos textos canónicos chineses, existem registos sobre o dragão, pelo que aqui fica uma breve descrição de alguns deles.

Em termos da aparência do dragão chinês, não existe um critério. Diz-se, nos comentários ao *Clássico dos Ritos* (礼记, *lǐjì*)²⁹, que este é um “animal escamoso, referindo-se a um animal da mesma família com peixe ou dragão”³⁰. Aliás, nas anotações da *Crónica da Primavera e o Outono do Senhor Lü*

²⁸ A cultura de Hongshan (红山文化, *hóngshān wénhuà*) foi uma cultura do período neolítico localizada do nordeste da China. Os sítios arqueológicos de Hongshan, com uma história de mais de 5000 anos, foram encontrados em áreas que se estendem da Região Autónoma Mongólia Interior (内蒙古自治区, *Nèiměnggǔ*) às Províncias de Liaoning (辽宁省, *Liáoning*) e Hebei (河北省, *Héběi*). (NdA)

²⁹ O Clássico dos Ritos (礼记, *lǐjì*), compilado por Dai Sheng (戴胜, *Dài shèng*), um ritualista da Dinastia Han Ocidental (西汉, *Xī Hàn*) (202 a.C. - 8 d.C.), é uma antologia importante dos antigos códigos de civilidade e instituições da antiguidade chinesa, consistindo em vinte volumes e quarenta e nove livros, cujo conteúdo é principalmente sobre o sistema ritual do período pré-Qin (先秦时期, *Xiān Qín shíqī*) (antes de 221 a.C.) e reflecte os pensamentos filosóficos, educativos, políticos e estéticos do confucionismo do pré-Qin. (NdA)

³⁰ “鳞物，鱼龙之属。” (*Lín wù, yú lóng zhī shǔ.*) (He, 1990, p.443) (TdA)

(吕氏春秋, *Lǚshì Chūnqiū*)³¹, é mencionado como “animal escamoso, referindo-se a um animal da mesma família do peixe, na qual o dragão é o supremo”³². Segundo estas descrições, o dragão chinês é alado e tem uma relação estreita com água, porque peixe não consegue viver sem água e eles são da mesma família. Liu Xiang (刘向, *Liu Xiàng*) (77 a.C. - 6 a.C.) escreveu, em particular no capítulo de “Identificação dos Objetos” (辨物, *biànwù*) do *Jardim das Histórias* (说苑, *shuōyuàn*), “dragão divino tem mérito de subir até à abóbada celeste e descender ao abismo, de tornar o seu corpo maior ou menor, mais escuro ou brilhante, mais curto ou longo”³³. Xu Shen (58 d.C. – 147 d. C.) mantinha quase todas as características na sua obra de *Origem dos Caracteres Chineses*, como já foi referido. Esta descrição, em que o dragão chinês é tratado como um tipo de animal réptil e aquático, tem-se tornado uma definição mais generalizada e impressionante.

Embora saibamos explicitamente que o dragão chinês é apto para mudanças, ainda não esclarecemos a sua imagem específica nos textos antigos. O registo que descreve o dragão em detalhe pertence às observações de Wang Fu (王符, *Wáng Fú*) (85 d.C. – 163 d.C.), estudioso da Dinastia Han Oriental, como citação no *Compêndio de Matéria Médica* (本草纲目, *běncǎo gāngmù*) de Li Shizhen (李时珍, *Lǐ Shízhēn*) (1518 d.C. – 1593 d.C.) da Dinastia Ming (明朝, *Míngcháo*). É dito que

O dragão chinês é constituído por nove criaturas, incluindo cabeça de camelo, chifres de veado, olhos de coelho, orelhas de boi, pescoço de cobra, barriga de amêijoia, escamas de carpa, garras de águia, patas de tigre. As suas costas têm oitenta e uma escamas. O dragão conta com a natureza do supremo Yang³⁴. A sua voz é tão estrondosa como a percussão de uma placa feita em cobre. Tem barbas, uma pérola brilhante debaixo do maxilar inferior e crista na cabeça.³⁵

³¹ *Crónica da Primavera e o Outono do Senhor Lü* (吕氏春秋, *Lǚshì Chūnqiū*) é um clássico enciclopédico chinês, compilado por volta de 239 a.C. sob o patrocínio de Lü Buwei (吕不韦, *Lǚ Bùwéi*), chanceler da Dinastia Qin (秦朝, *Qíncháo*) (221 a.C. - 207 a.C.). Foi um resumo coeso do pensamento filosófico do pré-Qin, incluindo Legalismo, Confucionismo, Moísmo, Taoísmo e outras filosofias chinesas. (NdA)

³² “鳞，鱼属也。龙为之长。” (*Lín, yú shǔ yě. Lóng wéi zhī zhǎng.*) (*idem*, p.443) (TdA)

³³ “神龙能为高，能为下，能为大，能为小，能为幽，能为明，能为短，能为长。” (*Shénlóng néng wéi gāo, néng wéi xià, néng wéi dà, néng wéi xiǎo, néng wéi yōu, néng wéi míng, néng wéi duǎn, néng wéi cháng.*) (Wang, 2008, p.25) (TdA)

³⁴ Yin e Yang (阴阳, *yīnyáng*) são os dois princípios opostos na natureza, representados respetivamente pelo feminino e masculino, Lua e Sol, noite e dia, passividade e atividade. Na cultura chinesa, o número nove simboliza o supremo, por isso, “o duplo nove” simboliza “o supremo Yang” na natureza. (NdA)

³⁵ “其形有九，头似驼，角似鹿，眼似兔，耳似牛，项似蛇，腹似蜃，鳞似鲤，爪似鹰，掌似虎是也。其背有八十一鳞，具九九阳类。其声如戛铜盘，口旁有须髯，颌下有明珠，头上有博山。” (*Qí xíng yǒu jiǔ, tóu sì tuó, jiǎo sì lù, yǎn sì tù, ěr sì niú, xiàng sì shé, fù sì shèn, lín sì lǚ, zhuǎ sì yīng, zhǎng sì hǔ, shì yě. Qí bèi yǒu bāshíyī lín, jù jiǔjiǔ yáng lèi. Qí shēng rú jiǎ tóngpán, kǒu páng yǒu míngzhū, tóu shàng yǒu bóshān.*) (Wang, 2008, p.25) (TdA)

Em obras produzidas desde a Dinastia Song (宋朝, *Sòngcháo*) (960 d.C.- 1279 d.C.) até à Dinastia Qing (清朝, *Qīngcháo*) (1636 d.C.- 1912 d.C.), a combinação das criaturas conta com algumas variações, mas a maioria das criaturas não mudam e o seu número mantém-se sempre nos nove. Tais dragões já não podem corresponder a qualquer tipo de criatura na natureza, mas a um animal divino. De facto, o curso evolutivo da imagem do dragão na antiga arte chinesa, em sequência de descobertas arqueológicas e de textos antigos, é também uma projeção do processo evolutivo dos mitos chineses sobre o dragão.

Como os dragões tinham características divinas, tais como relação estreita com água, a capacidade de voar e subir ao céu, de comunicar entre a esfera celeste e a terra e a capacidade de mudar o tamanho de corpo, os imperadores feudais recorreram ao culto ao dragão para expressar a autoridade suprema da monarquia e o direito divino dos imperadores. O caso mais famoso é a lenda que se conta no *Os Apontamentos do Escrivão* (史记, *shǐjì*), obra na qual nos é dito que a mãe do Imperador Gaozu de Han, também conhecido como apenas Gaozu³⁶, sonhou com divindades enquanto descansava no campo e deu à luz Gaozu pela telepatia. Era um dia recheado de trovões e relâmpagos, pelo que o pai de Gaozu foi encontrar-se com a sua esposa, testemunhando um dragão a dobrar-se sobre o corpo dela. Existe uma descrição elogiada da aparência de Gaozu: nariz alto e reto, testa relativamente salientada e belas barbas³⁷. Como inferido, esta lenda envolvendo a majestosidade do dragão é estratégia da governação no sentido de ajudar a defender a dignidade da monarquia, a deificar os monarcas e a consolidar a sua posição, o que corresponde a práticas já feitas desde o início da Dinastia Han. Pela Dinastia Tang (唐朝, *Tángcháo*) (618 d.C. – 907 d.C.), o dragão chinês tinha evoluído para um símbolo do imperador. Nesse período, podia dizer-se que o dragão do poder imperial tinha atingido o seu auge, sendo completamente controlado pelo governante. Assim, o imaginário do dragão chinês, que estava completamente reduzido ao “dragão imperial”, começou a tornar-se estreito e extremo numa via de domínio feudal.

Consequentemente, a cultura do dragão chinês foi naturalmente restringida, tornando-se hegemónica e autoritária. Desenhos do dragão podem ser encontrados em todo o lado nas vestimentas, vasos, palácios, bandeiras e selos utilizados pelo imperador. A veracidade pela temática do dragão demonstrava essencialmente a ambição pelo poder absoluto. Durante as dinastias Ming e Qing, a

³⁶ O Imperador Gaozu (256 d.C. – 195 d.C.), também conhecido como Gaozu (高祖, *Gāozǔ*) ou Liu Bang (刘邦, *Liu Bāng*), foi o primeiro imperador da Dinastia Han. Foi um dos poucos fundadores de dinastias que emergiram da classe camponesa. (NdA)

³⁷ Sima Qian (司马迁, *Sīmǎ Qiān*) escreveu na sua grande obra, *Os Apontamentos do Escrivão*, essa lenda: “高祖，沛丰邑中阳里人，姓刘氏，字季。父曰太公，母曰刘媪。其先刘媪尝息大泽之陂，梦与神遇。是时雷电晦冥，太公往视，则见蛟龙於其上。已而有身，遂产高祖。高祖为人，隆准而龙颜，美须髯.....” (*Gāozǔ, Pèifēng yì Zhōngyáng lí rén, xìng Liúshì, zì Jì. Fù yuē Tài gōng, mǔ yuē Liúǎo. Qí xiān Liúǎo cháng xī dàzé zhī bēi, mèng yǔ shén yù. Shìshí léidiàn huīmíng, Tài gōng wǎng shì, zé jiàn jiāolóng yú qí shàng. Yíér yǒ u shēn, suí chān Gāozǔ. Gāozǔ wéirén, lóng zhǔ ér lóngyán, měi xūrán...*) (Sima, 2004, p.121) (TdA) (NdA)

imagem imperial do dragão tornou-se ainda mais consolidada, sendo que a mesma acabou por desaparecer no final do sistema imperial com a queda da Dinastia Qing.



Figura 6 - Manto do Dragão (龙袍, *lóngpáo*) na Dinastia Qing



Figura 7 - Trono do Dragão (龙椅, *lóngyǐ*)

No decorrer das comparações entre as imagens do dragão ocidental e chinês, notamos que ambas as duas figuras não têm uma definição precisa, talvez por não existir um animal, ou melhor, um objeto específico na realidade. A adaptação das definições varia em termos de cultura, época ou dinastia. Mesmo assim, podemos fazer uma pequena síntese das imagens dos dragões ocidental e chinês.

Em geral, os dois termos contam com algumas características em comum na aparência – têm corpos reptilianos, escamas, cauda longa e boca gigante –, embora as distinções sejam também bastante acentuadas. De facto, o dragão ocidental é alado e cospe fogo, mas o dragão chinês normalmente não o é. O dragão chinês tem o mérito de mudar a forma e de voar, enquanto o dragão ocidental tradicionalmente não o consegue fazer.

Com o decorrer do tempo e a dominação do cristianismo no Ocidente, em particular na Europa, a atribuição do dragão ocidental tem passado do guardião dos tesouros ou locais sagrados ao inimigo dos deuses e santos para contrastar com os heróis. Hoje em dia, a sua negatividade e malignidade já tem arraigado no imaginário dos ocidentais. Pelo contrário, o desenvolvimento do dragão chinês tem mudado. Como um culto na pré-história e nas épocas antigas, foi adorado por tribos diferentes de maneiras diversas. Contando com capacidades sobrenaturais, o dragão chinês era gradualmente utilizado pelos imperadores feudais para consolidar a governação e demonstrar os seus direitos de governação. Nos tempos atuais, o dragão chinês é considerado como um símbolo de felicidade e bom presságio.

Apesar das distinções destacadas entre dois termos nos sentidos etimológico, semântico, e de imagem geral no imaginário no Ocidente e na China, a universalidade que ambos atuam como papéis não-negligenciáveis nas mitologias respetivas é o mesmo, o que será abordado no próximo capítulo.

Capítulo II

A Imagem do Dragão nas Mitologias Ocidental e Chinesa

2.1 A Relevância da Comparação na Vertente Mitológica

O que é mito? De facto, é deveras difícil fornecer uma definição exata do termo, sobretudo pela existência de diferentes visões e teorias sobre o fenómeno. O presente subcapítulo não propõe aproximar e apresentar a realidade de definição do mito, mas tenta abordar a relevância da comparação do dragão ocidental e chinês na vertente mitológica. Por isso, deixando de lado essa questão, é possível afirmar que os mitos procuram explicar os complexos fenómenos da Natureza e as dúvidas do ser humano primitivo relativamente à mesma. Nas palavras do escritor chinês Lu Xun (鲁迅, *Lǔ Xùn*),

No passado, quando viram que todas as coisas no Mundo eram variáveis e imprevisíveis e que todos os fenómenos estavam para além da sua capacidade, as pessoas criaram as suas próprias opiniões para explicá-los, o que, hoje em dia, é chamado mito.³⁸

Comparado ao estudo sistemático da mitologia na China, os estudiosos ocidentais iniciaram a investigação nesta área muito mais cedo. Giambattista Vico, filósofo italiano, defende o ritmo ternário da evolução histórica do Homem, que se realizou através de três idades:

A dos deuses, em que o homem, dominado pelo sentido, pelo instinto, pela paixão, fantasiou os deuses; a dos heróis, em que o homem, dominado pela fantasia, põe um pouco de ordem na vida desenfreada do homem anterior, quase animalesco ou teromorfo, julga sua natureza heróica misturada com a dos deuses e dos homens, e, graças ao sentimento, se organiza em famílias e tribos; a dos homens, em que domina a razão, a reflexão, a vontade livre, e o homem constrói a civilização mais adiantada (*Apud* Castagnola, 2010, p.31).

Na primeira idade, emergiram imensos mitos que refletiam a ideologia dos humanos primitivos. Por isso, podemos considerá-los não só como reflexões ou conhecimentos dos fenómenos daquele

³⁸ “昔者初民，见天地万物，变异不常，其诸现象，又出于人力所能以上，则自造众说以解释之：凡所解释，今谓之神话。” (*Xī zhě chūmín, jiàn tiāndì wànwù, biànyì bùcháng, qí zhū xiànxàng, yòu chūyú rénlì suǒ néng yǐshàng, zé zì zào zhòngshuō yǐ jiěshì zhī: fán suǒ jiěshì, jīn wèi zhī shénhuà.*) (Lu, 2006, p.6) (TdA)

tempo, mas também como uma maneira de pensar e imaginar. No contexto de comparação na vertente mitológica entre o dragão ocidental e chinês, a sua justificação, além da razão supramencionada, versa-se na função de fundamento e inspiração de arte posterior.

Tomando o exemplo do berço da literatura do Oeste Europeu, nomeadamente a literatura grega antiga, o conteúdo e a forma da sua arte literária primitiva está invariavelmente relacionado com a mitologia grega: o poema *Teogonia*, também conhecida como *Genealogia dos Deuses*, de Hesíodo, poeta oral grego da Antiguidade, reconta sistematicamente a geração sucessiva dos deuses gregos antigos; a epopeia de Homero, poeta épico da Grécia Antiga, descrevendo a origem dos deuses na mitologia grega, é um relato da mitologia olímpica e lendas heróicas de Tróia; a tragédia grega é um género teatral com origem na Grécia Antiga, inspirada pelos ritos sagrados do Deus do Vinho Dioniso na mitologia grega antiga.

A mitologia não só tem uma estreita relação com a arte literária, como também é uma parte fundamental da cultura humana. Ela percebe e explica o Mundo de uma única forma irracional, primitiva, mística e direta, e faz julgamentos e entendimentos únicos sobre o mesmo. Ao examinar e analisar os temas mitológicos que têm decorrido constantemente na história da literatura e da arte, podemos conduzir um estudo geral da cultura e da arte de toda a humanidade, incluindo vários povos, e fornecer novas explicações sobre os motivos, processos, atração artística e outras questões relacionadas à psicologia criativa e estética da criação literária e artística.

O estudioso chinês Ye Shuxian (叶舒宪, *Yé Shūxiàn*) defende a Teoria da Codificação de Textos Culturais a Nível N, com que podemos lecionar a respeito da importância na literatura das figuras do dragão ocidental e chinês nas respetivas mitologias:

A questão nuclear da antropologia da literacia é a relação complexa entre textos literários e culturais. Tendo em conta tanto a grande tradição da era do pré-literado, como a pequena tradição da era do texto, introduzindo a discussão da codificação cultural a partir das expressões culturais (...) a teoria da codificação a nível N (...) trata as relíquias e imagens culturais pré-históricas como a primeira codificação, os sinogramas como segunda, os iniciais escritos clássicos chineses como terceira, e os escritos dos tópicos relacionados daqui em diante (...) como codificação a nível N. É de grande significância suscitar a teoria da codificação a nível N para a operacionalidade do estudo das literaturas antigas e modernas no país e no estrangeiro,

especialmente para a forma de reinterpretar os textos da pequena tradição através do conhecimento recentemente descoberto da grande tradição.³⁹

Alguns escritores codificam conscientemente a sua escrita, enquanto outros escrevem semi-conscientemente ou inconscientemente sobre as conotações arquetípicas da cultura própria. Em qualquer um dos casos, o processo de codificação de um texto cultural existente irá certamente funcionar num texto literário recém-criado. Devido ao simbolismo oculto destas obras, os leitores ficam com infinitas possibilidades de interpretação. No entanto, este tipo de possibilidades só pode se tornar realidade quando a consciência e o conhecimento do leitor se tiverem desenvolvido a um nível suficientemente elevado para estar plenamente consciente do que está implícito na obra.

Neste caso em concreto, sem dúvida que os mitos do dragão, quer ocidentais quer chineses, tiveram e têm tido influência na arte posterior. Com o intuito de melhor compreender o que o criador da obra tenta ocultar dos conteúdos aparentes, que perspectiva tem o autor e qual é a verdadeira razão do seu estilo na arte para além da sua personalidade, que ligação existe entre várias obras que têm em comum a figura de dragão, a investigação deve ser feita a partir do ponto de vista da sua mitologia. Por tudo isto, o presente capítulo pretende fazer uma análise comparativa entre os típicos episódios mitológicos dos dragões ocidental e chinês.

2.2 Dragão na Mitologia Ocidental

2.2.1 Dragão-Guardião

Nos tempos pré-cristãos, e mesmo durante os primeiros tempos cristãos na Europa, a maioria dos dragões ocidentais eram considerados como guardiões. Para analisar os dragões nas eras clássica e medieval, Daniel Ogden (2013) sintetizou os motivos ou temas relacionados com dragão ocidental: o do dragão-saqueador, o da batalha do fogo, o da batalha do ar, o da batalha do líquido, o da batalha da visão e do olhar fixo, o da batalha do som, entre outros temas. Um dos mais típicos é o tema do dragão-

³⁹ "The core issue of literacy anthropology is the complex relationship between literary texts and cultural texts. Taking into account both the great tradition of the preliterate era and the little tradition of the text era, introducing discussion of cultural coding from that of cultural expressions (...) the N-level coding theory (...) treats the prehistoric cultural relics and images as the first coding, Chinese characters the second coding, the early classic of Chinese writing the third coding, and the writings of the related topics (...) the N-level coding. It is of great significance to prompt N-level coding theory for getting through the operability of the study on ancient and modern literatures at home and abroad, especially for how to re-interpret the texts of little tradition through the newly discovered knowledge of the great tradition." (Ye, 2013, p.1) (TdA)

guardião, o qual é geralmente dividido em três tipos: o dragão serve de guardião de uma fonte de água, de um tesouro, ou de outras coisas (tal como do submundo). No sistema de classificação de Arne-Thompson⁴⁰, de acordo com o índice de temas, “dragão-guardião” pertence a “animais míticos” sob categoria B “animais”, rotulada como B11.6.2.

O Dragão de Cólquida desempenhava o papel de guardião do Tosão de Ouro, também conhecido como Velo de Ouro, no mito do herói Jasão⁴¹. Pélias, o malvado rei de Iolco, recebeu um oráculo de que Jasão o mataria, pelo que enviou o jovem numa missão para ir buscar o Tosão de Ouro a Cólquida, guardado pelo Dragão do reino de Eetes, o rei de Cólquida, sendo uma missão da qual não se esperava o regresso de Jasão. Este reuniu um grupo de companheiros para viajar para Cólquida com ele e toda a equipa tinha o nome Argonautas, e o navio, Argo. Depois de muitas aventuras pelo caminho, Jasão chegou à Cólquida, e Eetes afirmou que oferecer-lhe-ia o velo se ele fosse capaz de jungir os enormes touros de patas de bronze e usá-los para charruar um campo e cultivá-lo com as sementes provindas dos dentes do dragão. A filha de Eetes, a jovem bruxa Medeia, apaixonou-se por Jasão e untou o dragão-guardião com drogas de vencibilidade para que Jasão pudesse afinal completar a tarefa contra a expectativa. O frustrado Eetes recusou-se a entregar o velo e conspirou para matar Jasão e os Argonautas por outros meios, mas, antes de o poder fazer, Jasão roubou o tosão do bosque onde estava guardado e vigiado pelo Dragão de Cólquida, drogado por Medeia. (cf. Ogden, 2013).

No outro relato, Jasão pediu ao Rei Eetes o Tosão de Ouro, mas

A resposta do rei foi mandar o herói para as fauces da serpente gigantesca⁴² que vigiava o Tosão de Ouro. Também ouvimos dizer que este pendia, no bosque, da boca do dragão, que poderia engolir facilmente um navio inteiro como o Argo, com os seus cinquenta remeiros. (Kerényi, 2015b, pp.266 - 267)

De acordo com os parâmetros acima referidos, podemos contar que o Dragão de Cólquida possui uma boca de tamanha dimensão que consegue engolir não só Jasão como também o seu navio Argo junto e os seus cinquenta parceiros. De uma boca tão grande, podemos deduzir razoavelmente que o

⁴⁰ O sistema de classificação de Arne-Thompson é um utilizado para classificar contos. Foi desenvolvido em primeiro por Antti Arne e publicado em 1910, e depois o sistema foi traduzido e ampliado por Stith Thompson. Como um tratamento de morfologia, usa motivos em vez de ações para o grupo de contos. (NdA)

⁴¹ O primeiro relato literário do encontro de Jasão com o Dragão de Cólquida aparece nas *Píticas* do poeta grego Píndaro (522 – 443 a.C.). (NdA)

⁴² A serpente gigantesca aqui indica mesmo o Dragão de Cólquida. (NdA)

corpo do dragão era muito mais gigantesco do que um navio de carruagem de cinquenta pessoas. Píndaro disse que “estava deitado num matagal, adjacente às mandíbulas agressivas de um dragão, ultrapassando em largura e comprimento um navio de cinquenta orelhas, moldado por golpes de ferramentas de ferro”⁴³.



Figura 8 - Jasão é regurgitado pelo Dragão de Cólquida

O desenho de Dúris mostra o velo pendurado na árvore ao fundo, enquanto, em primeiro plano, o dragão é tão forte que só existe espaço para mostrar um pedaço de pescoço e a sua cabeça, vomitando Jasão esmorecido. A figura feminina presente é Atena, a campeã dos caçadores de dragões. O dragão gigantesco com escalas, dentes afilados e boca enorme, um guardião vivendo no bosque sagrado, assumiu o seu cargo honestamente, nunca adormecendo. A única forma de conseguir baixar o seu grau de cautela talvez fosse o que Medeia tinha feito: usar drogas feitas com ervas mágicas para o fazer dormir de olhos fechados. Quanto à coda dele, um dos relatos diz que o Dragão de Cólquida foi procurar o Tosão de Ouro por todo o lado, mas confundiu o escudo dourado do Glauco⁴⁴ com o Velo de Ouro devido à sua aparência. Assim, acabou por ser morto por Diomedes⁴⁵ na Itália. O que o dragão-guardião faria, visto ainda estar a tentar localizar o velo perdido, é impressionante e comovente para os leitores, porque

⁴³ “For it lay in a copse, adjacent to the aggressive jaws of a dragon, which surpassed in breadth and length a fifty-oared ship, fashioned by the blows of iron tools...” (Apud/Ogden, 2013, p.126) (TdA)

⁴⁴ Glauco é uma divindade marinha na mitologia grega. (NdA)

⁴⁵ Diomedes é um dos mais valentes heróis na Guerra de Tróia na mitologia grega. (NdA)

mostra a sua fidelidade e insistência na sua missão. De que meios tinha feito o seu caminho a partir de Cólquida (atual Geórgia) para Itália é dificilmente de imaginar. O que temos certeza é que o processo não foi fácil.

Outro famoso episódio mitológico é do herói Hércules. O herói matou os seus próprios filhos por se encontrar mal psicologicamente. Após recuperar a sanidade, foi consultar o Oráculo de Delfos sobre como se redimir desse crime e poder continuar com uma vida normal e imortal. A resposta foi servir o seu primo Euristeu, rei de Micenas e de Tirinto, que lhe impôs, com a oculta intenção de o eliminar, doze perigosíssimos trabalhos, dos quais o herói saiu sempre vitorioso. O décimo primeiro trabalho foi colher as maçãs douradas do Jardim das Hespérides, que Hera⁴⁶ tinha recebido da Mãe-Terra, Gaia⁴⁷, como presente do seu casamento com Zeus⁴⁸. Apesar de ser um trabalho duro, Hércules matou o dragão-guardião dos pomos e trouxe-os ao rei. No entanto, Atena⁴⁹ encarregou-se de recolocá-los no Jardim das Hespérides (cf. Ogden, 2013).

As maçãs douradas foram guardadas no jardim pelas ninfas das Hespérides junto com o dragão-guardião Ladão. Segundo Apolodoro de Atenas⁵⁰, Ladão era um dragão imortal de cem cabeças, cujos gritos eram variados nas formas, que, pendurado na mesma árvore, guardava canonicamente as maçãs. A outra versão diz que ele foi mortal, mas que se pensava nunca ter fechado os olhos sob a compulsão do sono, em virtude do qual está provado ainda mais ter sido adequado como guardião, o que nos recorda o Dragão de Cólquida que guardava o Tosão de Ouro. Ambos são caracteristicamente retratados na arte antiga como bobinando numa árvore ao lado do seu tesouro. O dragão não adormecido era fácil de imaginar para os gregos, visto que as cobras não conseguem fechar naturalmente os olhos.

No que concerne as maçãs douradas, leia-se

Ferécides de Siro⁵¹ diz que, quando Hera estava a casar com Zeus e os deuses trouxeram os seus presentes, a Mãe-Terra veio com as maçãs douradas, ramos e tudo. Hera ficou espantada com elas e deu o comando de que deviam ser cultivadas no jardim dos deuses, que estava ao

⁴⁶ Hera, no mito grego, é a deusa das bodas, da maternidade e das esposas. Irmã e esposa de Zeus, é a rainha dos deuses e patrona da fidelidade conjugal. (NdA)

⁴⁷ Gaia, na mitologia grega, é a Mãe-Terra, como elemento primordial e latente de uma potencialidade geradora imensa. (NdA)

⁴⁸ Zeus é o pai dos deuses, que exercia a autoridade sobre os deuses olímpicos na antiga religião grega. É o deus dos céus, raios, relâmpago que mantém a ordem e justiça. (NdA)

⁴⁹ Atena, também conhecida como Palas Atena é, na mitologia grega, a deusa da civilização, da sabedoria, da estratégia em batalha, das artes, da justiça e da habilidade. É uma das principais divindades do panteão grego e um dos doze deuses olímpicos. (NdA)

⁵⁰ Apolodoro de Atenas (c. 180 - 120 a.C.) foi um filósofo de gramático grego. (NdA)

⁵¹ Ferécides de Siro é um filósofo grego pré-socrático. (NdA)

lado de Atlas⁵². Mas como as maçãs estavam sempre a ser roubadas pelas suas filhas, ela colocou uma serpente, de enorme tamanho, para as guardar.⁵³

Ofertadas por Gaia, as maçãs douradas eram atraentes e apreciadas por Hera. Por isso, guardou-as no jardim das filhas de Atlas, ou seja, no Jardim das Hespérides. É provável que as filhas de Atlas, que, segundo Ferécides, continuaram inicialmente a roubar as maçãs, ocasionando a necessidade de Ladão, não fossem mais do que as próprias Hespérides. Quando as ninfas começaram a usar os frutos de ouro para benefício próprio, Hera teve de procurar um guardião mais confiável. Assim, Ladão começou a cumprir esta tarefa, o que é uma prova cabal de que Ladão aparece aqui como um guardião de confiança e tem uma imagem relativamente justa em comparação com as três ninfas.



Figura 9 - Lécito grego (recipiente para óleos perfumados) mostrando Ladão a ser alimentado por uma ninfa

De acordo com a imagem acima, podemos ver que o dragão está distraído no que diz respeito ao cumprimento da sua função, sendo alimentado por uma das ninfas. Assim, uma outra ninfa pode pegar, ou melhor, roubar as maçãs. “Isto parece uma reminiscência da ideia de que as próprias Hespérides

⁵² Atlas, também chamado Atlante, na mitologia grega, é um dos titãs, entidades que enfrentaram Zeus e os demais deuses olímpicos na sua ascensão ao poder, condenado por Zeus a sustentar os céus para sempre. (NdA)

⁵³ “Pherecydes says that when Hera was being married by Zeus and the gods brought her gifts, Earth came with the golden apples, branches and all. Hera was amazed by them and gave the command that they should be grown in the garden of the gods, which was beside Atlas. But since the apples were forever being stolen by his daughters, she set a snake, which was of enormous size, to guard them.” (Ogden, 2013, p.59) (TdA)

tinham drogado o congênito Ladão, que não dormia, para roubar as maçãs debaixo do seu nariz”⁵⁴, o que é semelhante à situação do Dragão de Cólquida.

Além disso, pode ver-se a importância deste dragão como guardião através do valor elevado dos pomos. Segundo Apolodoro, Hércules “trouxe as maçãs e deu-as a Euristeu. E ele, por sua vez, fez delas um presente a Hércules. Atena tirou-lhas e trouxe-as de volta, pois não nem todos os lugares eram sagrados o suficiente para que elas fossem aí depositadas”⁵⁵. É notável que Euristeu tenha colocado Hércules na realização da difícil tarefa de obter as maçãs douradas, não sendo somente seu objetivo devolvê-las depois de as trazer. Embora muitas vezes não possamos usar a lógica contemporânea para explicar o pensamento mítico - afinal, como supramencionado, o pensamento mítico que o Homem tinha na primeira fase de vivência não tem lógica suficientemente clara -, talvez possamos interpretar que os pomos dourados dados a Hera pela Mãe-Terra Gaia eram tão sagrados que as pessoas comuns não eram dignas de ser o seu possuidor, e Euristeu, sabendo que, se possuísse as maçãs, não seria capaz de as colocar devidamente num local adequado ao seu estatuto e valor, devolveu-as a Hércules para que este pudesse cumprir esta responsabilidade. E provavelmente o herói também conseguiu apenas colocar as maçãs no chão ou qualquer sítio banal, daí o final que vimos.

Acerca da verdade das chamadas maçãs douradas, Diodoro da Sicília ⁵⁶ citou algumas interpretações:

Alguns dizem que havia maçãs douradas em alguns jardins ou similares das Hespérides na Líbia, e que eram continuamente vigiadas por um dragão [*drákōn*] muito temível. Outros dizem que estas mantinham rebanhos de ovelhas que se destacavam pela sua beleza, e que eram chamadas “ovelhas de ouro” [*mēla*] num estilo poético por causa da sua beleza, tal como Afrodite era chamada “dourada” por causa da sua beleza. Outros dizem novamente que as ovelhas eram de uma cor particular que se assemelhava ao ouro e adquiriram a sua descrição por esta razão, e que *Drákōn* foi nomeado superintendente do rebanho, um homem que se

⁵⁴ “This looks like a reminiscence of the idea that the Hesperides themselves had drugged the congenitally unsleeping Ladon in order to steal the apples from under his nose.” (Ogden, 2013, p.60) (TdA)

⁵⁵ “He brought the apples and gave them to Eurystheus. And he in turn made a gift of them to Heracles. Athene took them from him and carried them back. For it was not holy that they should be laid down anywhere.” (*idem*, p.58) (TdA)

⁵⁶ Diodoro da Sicília (c. 90 a.C. – 30 a.C.) foi um historiador grego. (NdA)

distinguiu pela força do seu corpo e pela coragem, e que vigiava o rebanho e matava aqueles que se atreviam a tentar afugentá-lo.⁵⁷

Qualquer que seja a interpretação, o que pode ser determinado é que as chamadas maçãs douradas são algo sagrado e valioso. Correspondentemente, portanto, Ladão, que as guardava, devia ser altamente capaz e responsável, com qualidades como a sua imortalidade, as cem cabeças, ou os olhos permanentemente abertos. Após esta série de análises, podemos tentar dizer que Ladão é retratado de uma forma relativamente positiva. Contudo, se se olhar minuciosamente para a representação do seu desfecho, a conclusão pode ser diferente, pois

Na altura, assassinado por Hércules, ele deitou-se num pedaço de tronco de macieira. Só a ponta da sua cauda ainda tremia. Estava sem fôlego da cabeça até à sua coluna negra. As moscas secavam por cima das feridas pútridas feitas pelas setas que deixavam para trás a bainha do veneno amargo da Hidra no sangue. Perto, as Hespérides, com os seus braços prateados nas suas cabeças loiras, lamentavam estridentemente.⁵⁸

Como guardião do objeto sagrado, Ladão foi morto, havendo em seguida uma cena um pouco desagradável em vez de um bom resultado. Obviamente, os dragões eram vistos com grande desconfiança no mito grego, embora desempenhassem papéis essenciais como guardiães de coisas preciosas.

Para além dos dragões gregos, alguns, noutras culturas ocidentais, também serviam como guardiães nas mitologias. Provenientes do mundo nórdico, os dragões têm uma forte tradição na Escandinávia, Alemanha, e noutras partes da Europa Ocidental onde os anglo-saxões se estabeleceram. Como guardiães de tesouro, partilhavam esta qualidade com os dragões celtas. Tanto na tradição nórdica, como na anglo-saxónica e celta, pensava-se que os dragões guardavam a riqueza dos chefes,

⁵⁷ "Some say that there were golden apples in some gardens or other of the Hesperides in Libya, and that they were continuously watched by a most fearsome dragon [*drákōn*]. Others say that the Hesperides kept herds of sheep that stood out for their beauty, and that they were called 'golden sheep' [*mēla*] in a poetic style because of their beauty, just as Aphrodite is called 'golden' because of her beauty. Others again say that the sheep were of a particular colour that resembled gold and acquired their description for this reason, and that *Drákōn* was appointed overseer of the flocks, a man who excelled in the strength of his body and in courage, and that he watched the flocks and killed those that made bold enough to attempt to rustle them." (Ogden, 2013, p.62) (TdA)

⁵⁸ "But at that time, slain by Heracles, he lay cast down at the stump of the apple tree. The tip of his tail alone was still quivering. He lay breathless from his head all the way down his black spine. Flies were drying up over the putrid wounds made by the arrows that left behind them the bitter venom of the Lernaean Hydra in the blood. And close by the Hesperides with their silver arms on their blond heads lamented shrilly." (*idem*, p.59) (TdA)

tal como o dragão malicioso e flamejante no poema épico *Beowulf*. Estes dragões ocidentais tendem a ter excelentes virtudes de guardião, mas, ao mesmo tempo, tinham frequentemente características físicas monstruosas e horríveis, que deixavam as pessoas desconfortáveis. Neste caso, um herói apareceria para levar o tesouro que o dragão guardava, envolvendo-se numa batalha frente a frente com este. Como resultado, o herói sem dúvida derrotava o dragão-guardião, estabelecendo, assim, a sua própria figura imponente.

2.2.2 O Assassinato do Dragão

Temos de admitir que existem um conjunto de mitos relativos ao assassinato do dragão, em particular nas mitologias ocidentais: a serpente gigantesca Piton foi morta por Apolo⁵⁹, o monstro marinho de Tróia foi morto por Hércules, o dragão Fafnir foi assassinado por Sigurdo⁶⁰, etc. No sistema de classificação de Aarne-Thompson (1977), “assassino do dragão”, tipo 300, pertence a “adversários sobrenaturais”. Segundo o folclorista americano Stith Thompson, o tipo 300 do “assassino do dragão” pertence à classe A “contos mágicos” na categoria II “contos folclóricos ordinários”, em conformidade com o índice de tipos de contos. De acordo com o índice de motivos, “assassino do dragão” pertence a “animais míticos” sob categoria B “animais”, rotulada como B11. Conforme estas classificações, parece que a posição dos contos do assassino de dragões é de poder sobrenatural, mítico, inimigo dos seres humanos, convencional, e pertence a contos folclóricos de animais, e estes contos são obviamente influenciados pelo tema do assassino do dragão. De acordo com Stith Thompson (1977, p.24), “hoje em dia, o número dos exemplos conhecidos de ‘assassino do dragão’ atinge até cerca de onze centenas, com alguns novos a juntarem-se continuamente”⁶¹.

De forma a responder a perguntas que respondam ao facto de existirem tantos mitos sobre o assassinato do dragão em diferentes culturas ou àquele que se refere ao chamado “motivo” ou “tema” mitológico supramencionado, temos de identificar, em primeiro lugar, o conceito do inconsciente coletivo, defendido pelo psiquiatra e psicoterapeuta suíço, Carl Gustav Jung.

⁵⁹ Piton, na mitologia grega, é uma serpente gigantesca, que nasceu do lodo na Terra após o grande dilúvio. A serpente foi morta a flechadas por Apolo (venerado como o deus do Sol, da profecia, da harmonia e da razão) e o seu corpo foi dividido. (NdA)

⁶⁰ O mito nórdico regista que o anão Regin persuadiu o seu afilhado, Sigurdo, a procurar e matar Fafnir, que tinha uma fabulosa coleção de tesouros. (NdA)

⁶¹ “It will be clear that about 1100 examples of The Dragon Slayer are now know, and new ones are being constantly collected.” (TdA)

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo facto de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo portanto uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade (Jung, 2002, p.53).

Por outras palavras, o inconsciente coletivo não tem a sua origem em experiências ou aquisições pessoais, mas inata; não é de natureza individual, mas universal; não acontece apenas em alguns casos particulares, mas possui conteúdos e modos de comportamento em toda a parte e em todos os indivíduos, ou seja, são idênticos em todos os seres humanos, independentemente das nacionalidades ou raças humanas, construindo, portanto, um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo. O conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos. Como afirma Jung (2002, p.53) “o conceito de arquétipo, que constitui um correlato indispensável da ideia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar”. No caso concreto do presente trabalho, o arquétipo representa motivos ou temas mitológicos. Na opinião do Jung, a fonte da criação literária existe nos inúmeros resquícios do mesmo tipo de experiência original na psique humana (inconsciente coletivo) de várias nações. O processo criativo da arte literária é o processo pelo qual os motivos mitológicos (arquétipos) são traduzidos na linguagem moderna e reaparecem. E o seu constante ressurgimento na criação literária e artística durante toda a história confirma fortemente a existência do arquétipo do inconsciente coletivo. O “assassinato do dragão” é um dos motivos mitológicos mais importantes e generalizados.

Este tema apareceu nas mitologias do Próximo Oriente e da Índia, algumas das quais podem ter tido um impacto direto na modelação do material grego. A rica tradição germânica, especialmente nórdica, de contos e mitos do assassinato do dragão gravados até ao século XIII podem ou não partilhar uma herança indo-europeia com o material greco-romano. Existem também este tema de mitos na China, mas a quantidade é pequena e os conteúdos são menos abundantes em comparação com os do Ocidente.

Apresentam-se, principalmente no último subcapítulo, episódios mitológicos na Grécia Antiga (c. 1200 – 146 a.C.), uma vez que a civilização naquele período terá tido impacto profundo, tendo-se constituído como fundamento para a cultura ocidental. Apesar disso, a mitologia grega foi influenciada pela mitologia da civilização suméria (c. 3300 a.C. – 1200 a. C.) que foi a civilização mais antiga na História humana, pertencendo à Mesopotâmia, a área do sistema fluvial Tigre-Eufrates. Atente-se que

E uma vez que o tema do assassinato do dragão foi um motivo importante na mitologia suméria do terceiro milénio a.C., não é irrazoável assumir que muitos tópicos na textura dos mitos gregos e dos primeiros contos de dragões cristãos remontam a fontes sumérias.⁶²

Assim sendo, a presente parte propõe começar por analisar os mitos de Kur, uma figura de dragão na mitologia suméria. O grupo dos conceitos da palavra suméria *kur* é considerado como um dos mais difíceis de identificar e interpretar, com significado primário de “montanha”, que é atestado pelo facto de que o sinal utilizado para essa palavra é na realidade um pictograma representando uma montanha. Do significado de “montanha” desenvolveu-se o de “terra estrangeira”, uma vez que os países montanhosos limítrofes da Suméria eram uma ameaça constante para os sumérios. *Kur* também veio a designar “terra” em geral. A própria Suméria é descrita como *kur-gal*, nomeadamente “grande terra”.

Mas, além disso, a palavra suméria *kur* representava um conceito cósmico (...) tem o significado de “submundo”; de facto, em poemas como *A Descida de Inanna ao Submundo* e *Gilgamés, Enkidu, e o Submundo*, a palavra regularmente usada para “submundo” é *kur*. *Kur* é, assim, cosmicamente concebido como o espaço vazio entre a crosta terrestre e o oceano primitivo. Mais ainda, não é improvável que a monstruosa criatura que viveu no fundo do “submundo” imediatamente sobre as águas primordiais seja também denominada de Kur.⁶³

⁶² “And since the dragon-slaying theme was an important motif in the Sumerian mythology of the third millennium B.C., it is not unreasonable to assume that many a thread in the texture of the Greek and early Christian dragon tales winds back to Sumerian sources.” (Kramer, 1961, p.77) (TdA)

⁶³ “But in addition the Sumerian word *kur* represented a cosmic concept (...) it has the meaning ‘nether world’; indeed in such poems as ‘Inanna’s Descent to the Nether World’ and ‘Gilgamesh, Enkidu, and the Nether World’, the word regularly used for ‘nether world’ is *kur*. *Kur* thus cosmically conceived is the empty space between the earth’s crust and the primeval sea. Moreover, it is not improbable that the monstrous creature that lived at the bottom of the ‘great below’ immediately over the primeval waters is also called Kur.” (*idem*, p.76) (TdA)

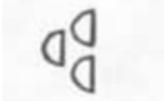
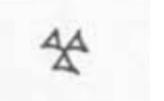
3000 a.C.	2800 a.C.	2500 a.C.	1800 a.C.	600 a.C.
				

Tabela 2 - Evolução cronológica do glifo sumério de *kur*

Descobriram-se até agora três mitos do assassinio do dragão na Suméria. Nas três versões, no entanto, o monstro a ser derrotado é chamado de Kur, sendo que a aparência do mesmo é concebida como uma grande serpente que viveu no fundo do mundo inferior, onde, nas primeiras duas versões, entrou em contacto com as águas primitivas. O protagonista do primeiro mito é Enqui, deus das águas e inteligência, também conhecido como uma das deidades governantes e criadoras de divindades da Suméria. O seu mito é descrito no prefácio da epopeia *Gilgamés, Enquidu, e o Submundo*. Depois de o céu e a terra terem sido separados, Anu, o deus do céu, transportou a cúpula, enquanto Enlil, o deus da atmosfera, levou a terra. A deusa Eresquigal, filha de Anu e irmã de Enqui, foi transportada violentamente para o mundo inferior pelo próprio Kur. Perante isto, Enqui partiu num barco para atacar Kur e vingar o rapto da deusa Eresquigal. Kur ripostou selvaticamente com pedras grandes e pequenas, e atacou o barco da frente e da retaguarda com as águas primitivas que eram controladas por ele próprio. O final não foi registado, mas podemos deduzir a vitória do deus das águas, já que a divindade de Enqui é explicada no prefácio.

A segunda versão, que deve ter sido utilizada em grande parte pelos redatores semíticos da epopeia de *A Época da Criação* da Babilónia, é conhecida pelo título moderno de *As Façanhas de Ninurta*. O protagonista aqui é Ninurta, filho de Enlil, sendo o deus do ar e da guerra. Ninurta atacou violentamente Kur sob a sugestão da sua arma personalizada, Sharur. Com todas as armas sob seu comando, a serpente foi completamente derrotada. Com a destruição de Kur, no entanto, as águas primitivas que Kur tinha mantido sob controlo subiram à superfície e resultaram nas cheias. Ninurta colocou um monte de pedras sobre Kur, morto, amontoando-as como se fosse um muro grande em frente da terra. Estas

pedras retiveram as águas poderosas e, como resultado, as águas nas regiões mais baixas já não subiram à superfície da terra. Quanto às águas que já tinham inundado a terra, Ninurta recolheu-as e levou-as para o Rio Tigre, que estava naquele momento em condições de regar os campos com o seu transbordamento. A terra tornou-se, assim, fértil e animada.



Figura 10 - O antigo combate de um deus e um dragão serpenteado

A terceira versão do assassinato do dragão foi titulada de *Inana e Ebih*, na qual o protagonista, de deus, transforma-se numa deusa. Inana é considerada como a deusa do amor, batalha e conflito, nomeada como destruidora de Kur. No final desta versão, ela utilizava todas as suas armas e estratégias para atacar e assolar Kur, e, posicionando-se sobre ele, proferiu um hino de autoglorificação. Atente-se que, aqui, Kur não é mais identificado pelas águas, mas como uma montanha. E também é designado “Montanha Ebih”. Este Kur representa, portanto, uma terra inimiga, e não deve ser identificado com o Kur cósmico das versões de Enqui e Ninurta (cf. Kramer, 1961).

De acordo com as três versões do assassinio de dragão na mitologia suméria, é possível afirmar que Kur simboliza basicamente as águas, o submundo e a montanha. Em particular nas primeiras duas, o seu perfil demonstra-se de forma muito evidente. É óbvio que Kur, nas três versões apresentadas, se encontra do lado da malignidade, algo que é um dado adquirido, pois, caso contrário, não haveria figuras para o matar. Além disso, os restantes três são deuses fantásticos, destacando, por contraste, ainda mais a imagem negativa de Kur.

O “primeiro Kur”, digamos assim, não só utilizava as pedras, mas sobretudo manipulava as águas primitivas para atacar o navio do Enqui de modo a que a ligação do dragão à água fosse firmemente estabelecida. Mais ainda,

(...) de facto, não é de todo improvável que o mito tenha evoluído em grande parte com o objetivo de explicar por que razão, nos tempos históricos, o Enqui, tal como o grego Posidon, foi concebido como um deus do mar; porque razão é descrito como “senhor do abismo”; e porque razão o seu templo em Eridu foi designado como a “casa do mar”.⁶⁴

Com base na finalidade desta parte na epopeia, se ele pudesse derrotar o controlador das águas ou o monstro demoníaco do abismo, seria então uma perfeita ilustração da sua divindade nesta comparação. Aliás, tal como o facto de a divindade e pureza de Enqui serem demonstrados mediante descrições de Kur, especialmente sobre o seu controlo das águas, os seus feitos maléficos (o rapto da deusa), o mérito de controlar água e a imagem negativa de Kur podem ser designados pelos feitos heróicos de Enqui e pelo propósito da escrita da obra sobredita. De facto, os dois são postos um contra o outro, pois foi no deus e no herói que as pessoas nessa altura se concentraram. Contudo, nos tempos contemporâneos, podemos utilizar o culto a si para resumir as características da imagem do dragão Kur e, num plano mais geral, caracterizar o dragão.

Similarmente, a segunda versão destina-se claramente a glorificar Ninurta, sendo que, ao mesmo tempo, as propriedades de controlar águas de Kur são tão fortes como na primeira versão. Podemos até ver no texto original como o mundo está horrível sem Kur para controlar as águas primitivas.

A fome era grave, nada foi produzido, / Os pequenos rios não foram limpos, a sujidade não foi transportada, / Nos campos firmes nenhuma água foi aspergida, nenhuma escavação de valas foi feita, / Em todas as terras não existia nenhuma colheita, apenas ervas daninhas cresciam. / A partir daí, o deus estabelece a sua mente altiva, / Ninurta, o filho de Enlil, traz grandes coisas à existência.⁶⁵

Pela forma como a cena na terra após a morte de Kur é retratada, é evidente o quão forte é o seu controlo sobre a água. No entanto, “por alguma razão ainda não declarada no texto disponível, Sharur

⁶⁴ “Indeed it is not at all unlikely that the myth was evolved in large part for the purpose of explaining why, in historical times, Enki, like the Greek Poseidon, was conceived as a sea-god; why he is described as ‘lord of the abyss’; and why his temple in Eridu was designated as the ‘sea-house’.” (*idem*, p.79) (TdA)

⁶⁵ “Famine was severe, nothing was produced, / The small rivers were not cleaned, the dirt was not carried off, / On the steadfast fields no water was sprinkled, there was no digging of ditches, / In all the lands there were no crops, only weeds grew. / Thereupon the lord sets his lofty mind, / Ninurta, the son of Enlil, brings great things into being.” (*idem*, pp.80 - 81) (TdA)

pôs a sua mente contra Kur”⁶⁶, ou seja, o texto original não parece entrar em detalhes sobre os feitos desagradáveis de Kur antes de ser morto, o que leva a questionar o facto de Ninurta o ter matado apenas porque ele foi encorajado e instigado pela sua arma antropomórfica e personalizada. Se fosse esse o caso, então o dragão de Kur aqui seria verdadeiramente apenas uma ferramenta para que o deus subisse ao trono de divindade e prestígio, mesmo que a serpente gigantesca viesse do submundo devorador. Assim, o propósito da escrita que celebra Ninurta é especialmente óbvio. Depois de Kur falecer, não existia ninguém para gerir as águas primordiais, pelo que houve uma grande inundação. É provavelmente devido ao facto de Ninurta ter governado as cheias da terra, e, assim, ter beneficiado a agricultura, que foi reverenciado depois por ter os títulos de deus da inundação e deus da fertilidade.

A característica mais evidente de Kur, nas duas primeiras versões, é a sua associação com a água, provavelmente porque a Mesopotâmia, à qual pertence a Suméria, é a área do sistema fluvial Tigre-Eufrates que foi inundada todos os anos. É, por isso, inseparável da água, o que faz sentido no segmento de cheia no mito.

Na terceira versão, embora Kur represente a montanha, ainda está em oposição à deusa. De facto, podemos descobrir a partir destas três versões que Kur está intimamente relacionado com a natureza, mas, ao mesmo tempo, devemos notar que o dragão está em oposição a todos estes deuses, o que é muito diferente do dragão chinês de que falaremos mais tarde.

Na mitologia grega, que é mais tardia que a mitologia suméria, o dragão Tifeu, também chamado Tifão ou Tifo, que desafiou Zeus para governar o mundo numa batalha que atingiu proporções cósmicas, é um dos mais ricamente atestados dos dragões na mitologia grega. A aparência e capacidade de Tifeu é impressionante:

Sobrepunha todos os outros filhos de Gaia em tamanho e força (...) era tão alto que ultrapassava a montanha mais alta e sua cabeça batia amiúde nas estrelas. Um dos braços se estendia até o poente e o outro até o nascente. Dos ombros lhe saía uma centena de cabeças de serpentes (...) Quanto às vozes das cem bocas, revela-se que os deuses muitas vezes podiam compreender o que ele dizia; ele também sabia latir como cachorro, ou silvar de modo que as montanhas ecoassem. Todo o corpo do monstro era coberto de asas. Os cabelos selvagens da cabeça e do

⁶⁶ “For some reason not stated in the text as yet available, Sharur has set its mind against Kur.” (*idem*, p. 80) (TdA)

queixo balançavam ao vento, os olhos fuzilavam. Silvando e rugindo, ele atirava pedras raivosas ao céu e sua boca cuspiam chamas em vez de cuspir saliva (Kerényi, 2015a, pp.29 - 30).

A vitória dos deuses sobre os Titãs⁶⁷ alude à esmagadora ordem sobre o caos, à abertura do céu e da terra, e à vitalidade de todas as categorias, enquanto o aparecimento de Tifeu representa a rebelião das forças em fúria da natureza contra a ordem, como evidenciado pela sua agitação do Sol, da Lua e das estrelas, e a sua ameaça de fundir o céu e a terra.

Para além dos mitos de assassinato do dragão supramencionados, existem muito mais episódios do mesmo motivo nas mitologias babilónia, grega, romana, nórdica, entre outras, mas desenvolviam-se de maneira adaptável à cultura própria e aos costumes locais. Leia-se

A narrativa mítica do dragão refere-se em parte a certos elementos do inconsciente coletivo, que era um “consenso” de diferentes grupos nas primeiras civilizações. Todas as primeiras civilizações tinham representações de monstros que ameaçavam a ordem social. A maneira como estes monstros eram designados difere apenas em termos do seu significante, e o seu significado universal indicava “outros heterogêneos”, “domínio marginal e desconhecido”, “ansiedade existencial”, e outros dilemas.⁶⁸

Por outras palavras, a imagem acústica do “dragão” varia de região para região, mas, nas primeiras civilizações, o seu conceito é idêntico. A explicação mais razoável para o seu significado são os dilemas existenciais, que eram o ponto de partida e chegada de quase todas as atividades sociais naquela época, como religião, mitologia, costumes, rituais, cultos, etc. As pressões e dúvidas podem categorizar-se em geral, mesmo que as povoações das civilizações distintas enfrentem ambientes existenciais divergentes.

Os arqueólogos e antropólogos determinaram que, desde 40,000 anos atrás ao oitavo milénio a.C., pequenos grupos de humanos primitivos viveram um estilo de vida de caçador-coletor no norte de África,

⁶⁷ Os Titãs e as Titânides (feminino do Titã), na mitologia grega, estão entre as entidades que enfrentaram Zeus e os demais deuses olímpicos na sua ascensão ao poder. Outros oponentes foram os gigantes, Tifão e Órion. (NdA)

⁶⁸ “龙的神话叙事部分地指涉了集体认同中的某些因素，是早期文明中不同群体的‘共识’。早期文明都存在对威胁社会秩序的魔怪的表述，如何称呼这些魔怪只是能指的差异，其普遍所指是‘异类它者’‘边缘陌生闾域’‘生存焦虑’等境遇。”(*Lóng de shénhuà xùshì bǔfēn de zhǐshè le jīqǐ rěntóng zhōng de mǒuxiē yīnsù, shì zǎoqī wénmíng zhōng bùtóng qúntǐ de “gòngshì”*). *Zǎoqī wénmíng dǒu cúnzài duì wēixiè shèhuì zhìxù de móguài de biāoshù, rúhé chēnghū zhèxiē móguài zhǐshì néngzhǐ de chāyì, qí pǔbiàn suǒzhǐ shì “yílèi tāzhè” “biānyuán mòshēng kǔnyù” “shēngcún jiāolǜ” dēng jīngyù.*) (Li, 2017, p.122) (TdA)

norte da Jordânia e área do sistema fluvial Tigre-Eufrates, e nas bacias dos rios Amarelo e Yangtzé da China. As principais ameaças aos humanos durante este período foram os ataques de grandes bestas carnívoras, como lagartos gigantes⁶⁹, pitões, crocodilos, rinocerontes, javalis e ursos pardos, pelo que podemos encontrar muitos casos de monstros nos mitos descrevendo os seus corpos e capacidades. Entre 8000 e 2000 a.C., as primeiras povoações nómadas e caçadoras enfrentaram incêndios florestais enquanto povoações agrícolas e pecuárias lutaram contra a ameaça de catástrofes naturais, tais como inundações e secas. Assim, podemos encontrar nos mitos dos grupos mesopotâmicos, hititas, egípcios, como nos mitos dos núbios, hebreus, fenícios e celtas, que associaram dragões às catástrofes, referências a incêndios, inundações e secas. Ademais, a propagação de pragas em massa foi uma nova crise existencial para a humanidade após a ascensão das cidades e o início dos fluxos migratórios de pessoas provocados pelas guerras e comércio (cf. Li, 2017).

Por tudo isto, o motivo mitológico do assassinato do dragão torna-se numa demonstração pertinente ao confronto entre toda a humanidade e a natureza, uma vez que a experiência primordial do inconsciente coletivo é transformada em mitologia primordial, da qual brota a imagem primordial. Talvez seja mesmo desta imagem primordial que nasce o arquétipo do dragão. No entanto, no Ocidente, em particular nas epopeias europeias, a luta entre o herói e o dragão tem-se fixado gradualmente numa estrutura de oposição binária⁷⁰ do bem versus o mal, e o matador sempre esteve acima do dragão, pelo que a imagem negativa do dragão tem estado profundamente enraizada no imaginário dos ocidentais. Esta oposição atingiu o auge quando se verificou a expansão do Cristianismo. A repressão e o assassinio do dragão são uma experiência imprescindível para a transformação de um herói em santo, sendo um contraste flagrante.

2.3 Dragão na Mitologia Chinesa

2.3.1 A Ligação entre Dragão Chinês e a Natureza

Como indicado no subcapítulo 1.2, o dragão chinês conta normalmente com a natureza divina, o que não é uma simples invenção. De acordo com Pang Jin (庞进, *Páng Jin*) (2000, p.73), perito chinês

⁶⁹ Lagartos gigantes viveram principalmente no norte de África, noroeste da Jordânia e Sudoeste Asiático, as quais, por acaso, foram o berço de antigas civilizações egípcias, sumerianas, judaicas e minoicas. (NdA)

⁷⁰ Oposição binária significa a combinação de duas coisas, um dualismo, um par de termos ou conceitos relacionados que têm significados opostos. Normalmente, um dos dois opostos assume um papel de domínio sobre o outro, e um dos dois opostos assume um papel de domínio sobre o outro. (NdA)

de renome no que é concernente à cultura do dragão e da fénix, as qualidades divinas básicas dos dragões chineses podem ser resumidas em sete pontos – a natureza pela água, a capacidade de voar, o acesso à abóbada celeste, a habilidade na mudança, a demonstração de espiritualidade, o seu aparecimento como sendo bom presságio e o seu aspeto feroz como sinal de azar⁷¹ –, entre os quais a natureza pela água é tida como mais importante. Como já foi dito, a questão da génese do dragão não possui ainda conclusões definitivas. De facto, a sua génese é considerada como um conjunto difuso composto por uma série de elementos que variam desde os seres vivos até aos fenómenos naturais, sendo que os estudiosos da área advogam teorias diferentes sobre a questão. Como um conjunto difuso, com efeito, a maioria dos elementos do dragão chinês está relacionada com a água, e estes não são apenas espécies animais como peixes, crocodilos e lagartos, mas também fenómenos naturais como nuvens, trovões, relâmpagos, marés oceânicas, tufões e deslizamentos de lama, isto é, eventos intimamente relacionados com a chuva e a água. Por isso, na mitologia chinesa, o dragão chinês tem facilidade em controlar os fenómenos naturais, precisamente devido a esta associação. Neste sentido, a relação entre dragões e água pode, na realidade, ser alargada para a discussão da ligação entre o dragão chinês e a natureza. Veja-se

Como uma enciclopédia da Idade Antiga da China⁷², o *Clássico das Montanhas e dos Mares* (山海经, *Shānhǎijīng*) cobre uma vasta gama de tópicos, incluindo religião, história, mitos, lendas, folclore, rituais, astronomia, geografia, fauna, flora, minerais, medicina, e assim por diante. O seu valor e significado é certamente multifacetado, desempenhando especialmente um papel insubstituível para a compreensão das linhas de pensamento da mitologia religiosa e a maneira de pensar os conceitos históricos e geográficos, folclore e rituais naquela época⁷³.

⁷¹ No artigo original de Pang, as características resumem-se nos catorze caracteres chineses, correspondendo respetivamente “喜水，好飞，通天，善变，灵异，征瑞，示威”。(*xǐshuǐ, hǎofēi, tōngtiān, shànbìàn, língyì, zhēngruì, shìwēi*) (NdA)

⁷² A Idade Antiga da China refere-se à era histórica antes do aparecimento dos registos escritos existentes. (NdA)

⁷³ “《山海经》作为我国上古时代的一部百科全书，内容十分广泛，举凡宗教、历史、神话、传说、民俗、礼仪、天文、地理、动物、植物、矿产、医药等等无不涉及，其价值和意义当然也是多方面的，特别是对于了解当时的历史观念、地理观念、民俗、礼仪、神话及有关的宗教神话思想和思维方式，更是有其不可替代的重要作用。” (*Shānhǎijīng zuówéi wǒguó shànggǔ shídài de yībù bǎikēquánshū, nèiróng shífēn guǎngfàn, jǔfán zōngjiào, lìshǐ, shénhuà, chuānshuō, mínsù, lǐyì, tiānwén, dìlǐ, dòngwù, zhīwù, kuàngchǎn, yīyào dēngdēng wúbù shèjí, qí jiāzhí hé yìyì dāngrán yěshì duōfāngmiàn de, tèbié shì duìyú liǎojiè dāngshí de lìshǐ guānniàn, dìlǐ guānniàn, mínsù, lǐyì, shénhuà jí yǒuguān de zōngjiào shénhuà sīxiǎng hé sīwéi fāngshì, gēngshì yǒu qí bùkě tìdài de zhōngyào zuòyòng*) (Zhao, 1997, p.96) (TdA)

No seu conjunto, o *Clássico das Montanhas e dos Mares* possui dezoito volumes, dividido em cinco volumes de Clássicos das Montanhas e em treze volumes de Clássicos dos Mares. No entanto, sendo uma importante obra antiga da China e um dos mais antigos e raros livros ricos em mitologia, servindo igualmente como fundamento de inumeráveis registos posteriores, o seu autor concreto é desconhecido e os estudiosos contemporâneos concordam que não foi escrito de uma só vez nem por um só indivíduo⁷⁴. Atualmente, a versão existente mais antiga é a obra intitulada *Anotação do Clássico das Montanhas e dos Mares* de Guo Pu (郭璞, *Guō Pú*) (276 d.C.– 324 d.C.) da Dinastia Jin (晋朝, *Jincháo*) (221 d.C. – 265 d.C.). Nesta obra, regista-se um dos dragões chineses mais famosos, especialmente entre os mitos do período pré-Qin, que se chama Yinglong (应龙, *Yínglóng*)⁷⁵.

Yinglong é um dragão divino sob o Imperador Amarelo (黄帝, *Huáng Dì*)⁷⁶, por isso, em alguns relatos, é também chamado Dragão Amarelo (黄龙, *Huánghóng*). Tendo um par de asas com penas, quando Yinglong estica o seu corpo, pode preencher todo o espaço entre o céu e a terra, mas quando se constringe, pode tornar-se infinitamente pequeno.



Figura 11 - Desenho de Yinglong na Dinastia Qin

No volume “Clássico das Regiões Selvagens a Norte” (大荒北经, *dàhuāng běi jīng*), regista-se o feito preclaro deste dragão divino. Na Batalha de Zhuolu (涿鹿之战, *Zhuōlù zhī zhàn*)⁷⁷, Chiyou (蚩尤,

⁷⁴ Contudo, o título *Clássico das Montanhas e dos Mares* é mencionado no *Os Apartamentos do Escrivão* na Dinastia Han Ocidental (西汉, *Xī Hà*) (202 a.C. – 8 d.C.). Acredita-se agora que a data específica da redação do livro e do seu autor já não conseguem ser confirmados. (NdA)

⁷⁵ As narrativas dos dragões chineses do presente trabalho baseiam-se principalmente no *Clássico das Montanhas e dos Mares* devido à sua posição insubstituível na área mitológica chinesa e a sua influência nos registos posteriores. Aliás, o presente também cita alguns conteúdos explicativos e complementares de livros menos antigos que o *Clássico das Montanhas e dos Mares* para aperfeiçoar a integridade da narrativa dos mitos. (NdA)

⁷⁶ O Imperador Amarelo é um dos reis lendários, sábios e moralmente perfeitos que teriam governado a China durante um período anterior. É considerado um dos ancestrais dos chineses e o introdutor do antigo calendário chinês, bem como o criador lendário de importantes elementos da cultura chinesa. (NdA)

⁷⁷ A Batalha de Zhuolu foi a segunda batalha registada da história chinesa, tendo sido travada entre as tribos lideradas pelo Imperador Amarelo e as tribos lideradas por Chiyou. Chiyou começou a batalha tendo como objetivo vingar o derrotado Imperador Yan (炎帝, *Yán Dì*), hábil em usar fogo e curar doenças com ervas. A batalha foi travada em Zhuolu, perto da atual fronteira das Províncias de Hebei e Liaoning, no Nordeste chinês. (NdA)

Chiyóu)⁷⁸ fabricou diferentes tipos de armas para atacar o Imperador Amarelo, e o último enviou Yinglong para o salvar desta situação de desvantagem. Yinglong acumulou muita água para resistir ao exército de Chiyou, mas o segundo convidou os deuses do vento e da chuva para desencadear uma grande tempestade. Assim, Yinglong perdeu momentaneamente a sua vantagem. Vendo a situação, o Imperador Amarelo mandou a deidade da seca, Nǚba (女魃, *Nǚba*), para ajudar na batalha e deter a tempestade. Com a sua ajuda, Yinglong conseguiu finalmente derrotar Chiyou (cf. Fang, 2011; Yuan, 1993).

Neste episódio, a ligação entre a água e o dragão Yinglong é bem evidente. O seu controlo da água é tão forte que o Imperador Amarelo acreditava que ele seria capaz de vencer outras tribos bem armadas com apenas o seu mérito. Apesar de o dragão ter vencido a batalha com a ajuda de Nǚba, em vez de usar apenas a sua própria força, derrotar o forte líder do adversário foi definitivamente tido como um golpe de mestre.

A versão mais famosa do mito de Kuafu (夸父, *Kuāfù*)⁷⁹ a perseguir o Sol é aquela que narra a história do gigante que queria capturar a sombra desse astro celeste e pretendia apanhar o Sol em Yugu (禺谷, *Yúgǔ*)⁸⁰. Quando estava prestes a apanhá-lo, tentou saciar a sua sede com as águas do Rio Amarelo (黄河, *Huánghé*), mas nem estas conseguiam reduzir a sequeidão que sentia. Então, preparou-se para correr em direção a norte para beber as águas dos lagos grandes, mas, antes de lá chegar, morreu de sede na Montanha Chengduzaitian (成都载天山, *Chéngdūzàitiān shān*). Quando Kuafu morreu, deitou fora a sua bengala e esta transformou-se numa floresta de pêssegos (cf. Fang, 2011; Yuan, 1993).

Contudo, houve, na realidade, outro desfecho para Kuafu. Este final está, por sua vez, relacionado com o dragão divino Yinglong. Kuafu e Chiyou pertenciam à mesma facção do Imperador Yan, que se opôs ao Imperador Amarelo, e, após a sua derrota, ambos foram mortos por Yinglong, o dragão divino sob comando do Imperador Amarelo. No canto norte das regiões selvagens a leste, erguia-se a Montanha Xionglituqiu (凶犁土丘山, *Xiōnglītǔqiū shān*), para onde, no quadrante do extremo sul, Yinglong foi viver depois da matança de Chiyou e Kuafu, já que, durante a batalha, tinha esgotado os seus poderes divinos, não tendo qualquer maneira de regressar ao céu, o local onde existem poderes soberanos e virtuosos no sistema mitológico chinês. Por isso, a chuva era particularmente abundante no sul. Diz-se também que,

⁷⁸ Chiyou pertencia à mesma tribo que o Imperador Yan, e também se diz que ele era descendente do Imperador Yan. Era hábil em fabricar todo o tipo de armas, mas foi derrotado e morto na Batalha de Zhuolu. (NdA)

⁷⁹ Kuafu era descendente do Imperador Yan. Tinha duas cobras amarelas penduradas nas suas orelhas e duas outras cobras amarelas nas mãos. Alguns dizem que Kuafu é uma pessoa, enquanto alguns estudiosos acreditam que Kuafu se refere ao nome de uma tribo. Os relatos de Kuafu encontram-se registados em vários volumes, e os conteúdos relacionados do presente trabalho são excertos principalmente dos volumes de “Clássico das Regiões Selvagens a Leste” (大荒东经, *dàhuāng dōng jīng*) e “Clássico das Regiões Selvagens a Norte”. (NdA)

⁸⁰ Yugu é o abismo onde o Sol se põe. (NdA)

sem Yinglong no céu a fabricar chuvas, ocorriam frequentemente intensos períodos de estiagem na terra. Sempre que ocorria uma seca, as pessoas disfarçavam-se desse dragão divino para pedirem chuva do céu, algo que provava ser eficiente (cf. Fang, 2011; Yuan, 1993).

Na segunda versão deste episódio mitológico, como braço direito do grande Imperador Amarelo, Yinglong matou dois grandes generais do campo inimigo nessa Batalha notável na mitologia chinesa. Como tal, é exequível afirmar que esta figura terá dado uma grande contribuição ao campo a que pertencia e deixado uma forte marca no mundo mitológico, através da qual pode ser estimada a sua posição importante na mitologia chinesa. Por outro lado, a sua função em controlar a chuva e a água é comprovada uma vez mais. Quer seja a primeira versão, na qual ele não podia voltar ao céu para provocar chuva em todos os lugares da terra, pelo que existiam secas constantes, quer seja a segunda versão, em que o volume da chuva aumentava nos lugares onde ele se encontrava, não nos impede de compreender o seu estatuto de dragão divino que pode provocar chuva e a sua relação estreita com água.

Os *Cânticos do Sul* (楚辞, *Chǔcí*), ou *Versos de Chu*, é a primeira antologia de poesia chinesa em que se mantêm vários mitos chineses, tradicionalmente atribuída principalmente a Qu Yuan (屈原, *Qū Yuán*)⁸¹. De acordo com os comentários a esta obra pelo poeta chinês Wangyi (王逸, *Wáng Yì*)⁸², “Yinglong ajudou Yu (禹, *Yǔ*) a controlar as cheias do Rio Amarelo e domar rios e lagos ao utilizar a sua cauda longa e robusta para criar canais na terra e, assim, conduzir as águas”⁸³, o que nos fornece outro testemunho da ligação entre Yinglong e águas mediante episódios mitológicos.

Embora os excertos de Yinglong estejam espalhados em diferentes volumes da obra *Clássico das Montanhas e dos Mares*, sendo igualmente encontrados em livros distintos de dinastias diferentes, podemos ainda resumir a sua divindade e posição naquele mundo mitológico. Através das análises supramencionadas, a sua imagem torna-se bem clara: servido como ajudante forte do Imperador Amarelo, um dos ancestrais chineses, Yinglong derrotou os inimigos na referida batalha; como assistente do descendente do Imperador amarelo, Yu, estabeleceu canais com a sua cauda longa e forte para conduzir águas e ajudá-lo a controlar cheias; como um dragão com natureza divina, conseguiu juntar águas na Batalha e também provocar chuvas na terra. Juntamente às características físicas impressionantes - com

⁸¹ A versão tradicional dos *Cânticos do Sul* contém dezassete seções principais, utilizando na escrita as maneiras literárias, o dialeto e os costumes exclusivos do Reino de Chu (楚国, *Chǔguó*), um forte estado no período dos Estados Combatentes (战国时期, *zhànguó shíqī*) que terminou em 221 a.C. (NdA)

⁸² Wangyi foi um poeta chinês durante a Dinastia Han Oriental e é conhecido pelo seu trabalho sobre a antologia poética *Versos de Chu*. Embora com fiabilidade variável, os seus comentários sobre esta obra são uma fonte principal de informação sobre algumas das suas referências textuais frequentemente obscuras. (NdA)

⁸³ “或曰禹治洪水时，有神龙以尾画（地），导水径所当决者，因而治之。” (Huòyuē Yǔ zhì hóngshuǐ shí, yǒu shénlóng yǐwěi huà (dì), dǎo shuǐjīng suǒ dǎngjué zhě, yīnér zhìzhī.) (Yuan, 1993, p.646) (TdA)

duas asas e um corpo que se pode estender até que o mundo não consiga albergar e que se pode minimizar infinitamente -, a imagem de Yinglong torna-se agora animada e viva.

Além dos relatos provenientes principalmente do *Clássico das Montanhas e dos Mares*, os mitos sobre Yinglong foram também referidos, anotados ou reinterpretados pelos literários posteriores noutros trabalhos antigos um pouco mais tardios que essa obra, como *Cânticos do Sul, Os Apontamentos do Escrivão, Livro de Han Posterior* (后汉书, *hòuhàn shū*), entre outros, nos quais são descritos vários tipos de feitos e méritos deste dragão divino. Mesmo assim, o ponto mais óbvio e sublinhado é a sua ligação com a chuva e a água. Especialmente no mito em que ajuda Yu a controlar água, descreve-se também o cenário em que os chineses antigos lutaram contra as forças naturais.

Para além de Yinglong, outro dragão ganha fama com a sua forma e o seu controlo do tempo, sendo capaz de mudar o dia para noite e trazer as quatro estações do ano e desempenhando igualmente um papel importante na mitologia chinesa. Chamado de dragão Zhulong (烛龙, *Zhúlóng*) ou Zhuyin (烛阴, *Zhúyīn*), este dragão é conhecido por ter sido enviado por um deus não identificado para iluminar o Noroeste do território, onde não existia nem luz solar, nem luz lunar, através do abocamento da essência do fogo (火精, *huǒjīng*). Por isso, como se tratava de um local nem nenhuma luz, o Noroeste do território era zona do supremo Yin, e a função de Zhulong foi nomeada como “iluminar o território do nove Yin” (烛九阴, *zhú Jiǔyīn*), o que significa exatamente iluminar o supremo Yin. Esta nomeação é natural. Conforme o *Compêndio de Matéria Médica* de Li Shizhen, o dragão chinês combina-se com o supremo Yang, o que lhe atribui a natureza e capacidade de combater o território do nove Yin devido à contraditoriedade destes dois princípios (Yin e Yang). Como deus da Montanha Zhangwei (章尾山, *Zhāngwěi shān*), que é mais conhecida como Montanha Zhong (钟山, *Zhōng shān*), situando-se no Noroeste, longe dos mares e frio por não ter luz solar, Zhulong não possui pés, mas tem o corpo de uma cobra totalmente vermelha com comprimento de mil *li* (里, *lǐ*)⁸⁴ e face de homem com olhos que crescem verticalmente, transformando-se, quando fechados, em fendas verticais retas (cf. Fang, 2011; Yuan, 1993).

⁸⁴ O *li* é uma unidade tradicional chinesa de comprimento que foi agora padronizada para 500 metros, embora historicamente o seu valor tenha variado consideravelmente entre distâncias um pouco menores e maiores, dependendo dos períodos. No *Clássico das Montanhas e dos Mares*, um *li* é equivalente a cerca de 400 metros (cf. Jin, 2007), por isso o comprimento de Zhulong é de mais ou menos 400 mil metros. (NdA)

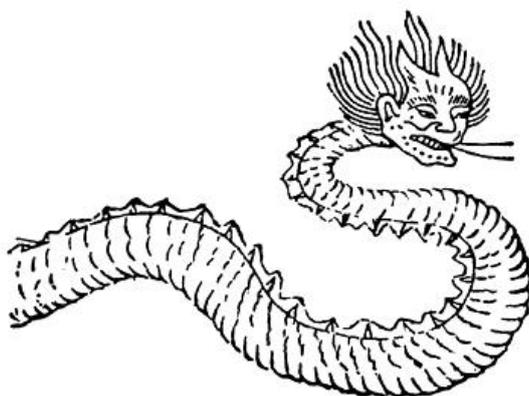


Figura 12 - Zhulong no Clássico da Montanhas e dos Mares

No que diz respeito ao modo como o dragão controla as alterações entre dia e noite e a passagem das quatro estações, é possível afirmar, de acordo com os vários registros do mito relacionado, que “(...) é dia quando Zhulong abre os olhos e é noite quando os fecha. Ao soprar, começa o inverno e, ao inspirar, o verão inicia-se. Não bebe, nem come. Nem respira normalmente, dado que a sua respiração transforma-se em vento”⁸⁵, “(...) alimentando-se do vento e da chuva”⁸⁶.

Os antepassados da Idade Antiga na China colocaram a ocorrência do dia e da noite nas mãos do dragão Zhulong, e consideram-no como um deus. A geração do dia e da noite refere-se apenas à abertura e ao fecho dos olhos de Zhulong, e a alteração do inverno e do verão não passa do movimento do seu sopro e aspirar. De facto, existe uma ligação intrínseca entre os fenómenos fisiológicos de Zhulong e a ocorrência de dia e de noite, de inverno e de verão. A razão da existência desta conexão é proveniente da experiência prática da vida pelos antepassados. A diferença fenomenal óbvia entre o dia e a noite é o branco e o preto na visão, que, por acaso, é a experiência visual dos humanos ao abrir ou fechar os olhos. É um sentimento comum na vida quotidiana de toda a gente. Aliás, um dos fenómenos que distingue o inverno do verão é o sopro que os humanos exalam da boca. Devido às mudanças sazonais da temperatura, sente-se obviamente um ar expirado quente no verão, enquanto que, nos meses gelados de inverno, o alento também se torna mais frio. Tudo isto é a razão pela qual os fenómenos fisiológicos do dragão Zhulong podem “gerar” o dia e a noite, o inverno e o verão. Ademais, com um corpo de 400 mil metros, o facto de os seus sopros serem muito mais fortes do que os dos humanos permitiu-lhes serem imaginados como ventos, porque a natureza de sopro e de vento é essencialmente igual.

⁸⁵ “.....视为昼，瞑为夜，吹为冬，呼为夏，不饮，不食，不息，息为风.....” (...*shì wéi zhòu, míng wéi yè, chuī wéi dōng, hū wéi xià, bù yǐn, bù shí, bù xī, xī wéi fēng...*) (Yuan, 1993, p.229) (TdA)

⁸⁶ “.....风雨是谒。” (...*fēng yǔ shì yè.*) (*idem*, p.398) (TdA)

Relembra-se aqui que Zhulong embocava o fogo para que o Noroeste se enchesse de luz, o que adiciona mais uma característica dele no que diz respeito à natureza.

Mediante os mitos de Yinglong e Zhulong, já podemos fornecer uma panorâmica geral em relação às opiniões dos chineses da antiguidade, especialmente os seus pontos de vista no que diz respeito à ligação entre os dragões chineses e a natureza. De facto, existem muito mais mitos que descrevem deuses ou monstros contendo uma aparência semelhante a um dragão e possuindo o mesmo poder em termos de natureza. Um exemplo prende-se com Kui (夔, *Kuí*), que “contém uma aparência similar a um dragão”⁸⁷. Quando entra e sai do mar, Kui provoca grandes tempestades; a luz que emite é tão deslumbrante quanto a luz solar e lunar; o seu rugido é tão sonante como o som de trovões. Quando o Imperador Amarelo o venceu, usou a pele de Kui para fazer a superfície de um tambor e, levando igualmente os ossos da besta do trovão, também conhecido como o Deus do Trovão, para tocar este tambor, o som que daí rufou pôde ser ouvido a quinhentos *li* de distância e, assim, permitiu-lhe obter autoridade sobre todo o país. O mais interessante é que a besta de trovão, nomeadamente o Deus do Trovão, contém também corpo de dragão e cara de homem (*cf.* Fang, 2011; Yuan, 1993). Exceto as figuras que são explicitamente designadas no livro como possuindo identidade de dragão, existe um vasto conjunto de deuses que, quer no *Clássico das Montanhas e dos Mares*, quer em outros clássicos, contam com uma parte do corpo do dragão, como, por exemplo, a sua cabeça ou cauda, facto mediante o qual podemos concluir o estatuto elevado do dragão na mitologia chinesa.

2.3.2 Dragão Chinês Como Elemento de Ligação entre Céu e Terra

Como já referido, entre as sete qualidades divinas básicas dos dragões chineses, a sua capacidade de voar e ter acesso à abóbada celeste são classificadas em segundo e terceiro lugar, respetivamente. Os fenómenos naturais que fazem parte do conjunto difuso de idiosincrasias do dragão chinês, como nuvens, trovões e relâmpagos, acontecem igualmente no céu. Para além desta razão,

(...) os antigos, devido à ambiguidade do seu pensamento, consideravam peixes, crocodilos e cobras que mergulham na água, cavalos, bois e veados que correm em terra, e nuvens, relâmpagos e arco-íris que aparecem no ar como diferentes manifestações de um deus ou de

⁸⁷ “.....如龙.....” (...*rú lóng*...) (*idem*, p.334) (TdA). Também se diz que possui aparência similar a um boi. (NdA)

alguma coisa que possui natureza divina, acreditando, assim, que o dragão, se consegue mergulhar e correr, também consegue voar.⁸⁸

Há inúmeros registos antigos no que diz respeito à natureza divina de voar do dragão. N' *Os Discípulos de Guanzhong* (管子, *Guǎnzǐ*), uma enciclopédia composta por textos que demonstram pensamentos pré-Qin e que remontam ao tempo de redação do período dos Estados Combatentes (战国时期, *zhànguó shíqī*) (475 a.C. - 221 a.C.), diz-se que o dragão chinês “se quiser voar para cima, sobrepõe-se às nuvens e sobe para o céu, e se quiser voar para baixo, desce para uma fonte profunda”⁸⁹. Na seção “Livro de Wu” (吴志, *Wú zhì*) do *Registos dos Três Reinos* (三国志, *Sānguó zhì*), um texto histórico sobre o período dos Três Reinos (三国, *sānguó*) (220 d.C. – 280 d.C.), diz-se que “o dragão não pertence à lagoa, portanto, assim que chova, irá definitivamente voar para longe”⁹⁰. Acompanhando estreitamente a capacidade de voar, outra natureza divina importante do dragão chinês é ter acesso à abóbada celeste, pois a direção e o destino do voo dele é, evidentemente, o céu misterioso, vasto e supremo. No sexto volume de *Ensaio Crítico* (论衡, *lùnhéng*)⁹¹, descreve-se que “a sociedade acredita que, se um dragão puder ascender ao céu, deve ser (um dragão) divino. Se não for uma criatura divina, não ascenderá ao céu; o facto de poder ascender ao céu é a prova da sua natureza divina”⁹².

O dragão chinês adora as águas, que se reúnem e fluem pela terra, enquanto o mesmo pode voar e ascender às nuvens e ao céu. Assim, o dragão tem a capacidade de comunicar entre o céu e a terra, de ser uma ponte e um mensageiro entre estes dois elementos. Estas características tornam, natural e convenientemente, os dragões em súbditos que certos deuses, heróis e imperadores lendários cavalgaram, algo bem espelhado nas narrativas míticas.

No *Clássico das Montanhas e dos Mares*, há múltiplos casos em que os deuses, heróis ou imperadores lendários montam o dragão, como se demonstra na tabela seguinte:

⁸⁸ “.....古人由于思维的模糊性, 常常将潜游于水中的鱼、鳄、蛇等, 奔跑于陆地上的马、牛、鹿等, 与飞升腾跃在空中的云、雷电、虹霓等看成一个神物的不同表现, 从而认为能在水中游、地上跑, 也就能在天上飞。” (Gǔrén yóuyú sīwéi de móhùxìng, néng zài chángcháng jiāng qiányóu yú shuǐzhōng de yú, è, shé dēng, bēnpǎo yú lùdìshàng de mǎ, niú, lù dēng, yǔ fēishēng téngyuè zài kōngzhōng de yún, léidiàn, hóngní dēng kànchéng yíge shénwù de bùtóng biāoxiàn, cóngér rènwéi néngzài shuǐzhōng yóu, dìshàng pǎo, yě jiù tiānshàng fēi.) (Pang, 2000, p.74) (TdA)

⁸⁹ “欲上则凌乎云气, 欲下则入乎深泉。” (Yù shàng zé líng hū yú nì, yù xià zé rù hū shēn quán.) (Chinese Text Project) (TdA)

⁹⁰ “龙非池中物, 雨必飞去。” (Lóng fēi chízhōng wù, yǔ bì fēiqù.) (Pang, 2000, p.74) (TdA)

⁹¹ O *Ensaio Crítico*, publicado em cerca de 88 d.C., é um texto clássico chinês multitemático, contendo ensaios críticos de Wang Chong (王充, *Wáng Chōng*) (ca. 27 d.C. – 97 d.C.) sobre ciência natural, mitologia chinesa, filosofia e literatura. (NdA)

⁹² “世谓龙升天者, 必谓神龙。不神, 不升天; 升天, 神之效也。” (Shì wèi lóng shēngtiān zhě, bì wèi shénlóng. Bù shén, bù shēngtiān; shēngtiān, shénzhixiào yě.) (Pang, 2000, p.74) (TdA)

Nome	Narrativas Relacionadas	Identidade Divina e Função
Goumang (句芒, <i>Gōumáng</i>)	“O deus do Leste, Goumang, tem o corpo de ave e a face de homem, cavalcando dois dragões. ⁹³ ”	Deus da Madeira e da primavera, encarregado da germinação e crescimento de gramíneas e árvores.
Zhurong (祝融, <i>Zhùróng</i>)	“O deus do Sul, Zhurong, tem o corpo de besta e a face de homem, cavalcando dois dragões. ⁹⁴ ”	Deus do Fogo e, ao mesmo tempo, braço forte do Imperador Yan. Recebendo o mandato do céu, matou Gun (鯀, <i>Gǔn</i>), o pai de Yu. É uma figura importante na mitologia chinesa antiga.
Rushou (蓐收, <i>Rùshōu</i>)	“O deus do Oeste, Rushou, tem uma cobra pendurada na sua orelha esquerda, cavalcando ele próprio dois dragões. ⁹⁵ ”	Deus do Metal, também conhecido por Deus do Castigo. O Oeste é onde o sol se põe, na opinião dos antigos. É, portanto, também o deus responsável por ele.
Yuqiang (禺彊, <i>Yúqiáng</i>) ⁹⁶	“O deus do Norte, Yuqiang, tem a face de homem e o corpo de ave, com duas cobras penduradas nas orelhas, cavalcando dois dragões. ⁹⁷ ” Anotação de Guo Pu: “O deus do Norte, Yuqiang, tem o corpo de	O Deus da Água, Deus do Mar do Norte, e Deus do Vento.

⁹³ “东方句芒，鸟身人面，乘两龙。” (*Dōngfāng Gōumáng, niāoshēn rénmiàn, chéng liǎng lóng.*) (Yuan, 1993, p.256) (TdA)

⁹⁴ “南方祝融，兽身人面，乘两龙。” (*Nánfāng Zhùróng, shòushēn rénmiàn, chéng liǎng lóng.*) (Yuan, 1993, p.210) (TdA)

⁹⁵ “西方蓐收，左耳有蛇，乘两龙。” (*Xīfāng Rùshōu, zuǒěr yǒu shé, chéng liǎng lóng.*) (*idem*, p.227) (TdA)

⁹⁶ Também chamado Yuqiang (禺彊, *Yúqiáng*), Yujing (禺京, *Yújīng*). (NdA)

⁹⁷ “北方禺彊，人面鸟身，珥两青蛇，践两青蛇。” (*Běifāng Yúqiáng, rénmiàn niāoshēn, ěr liǎng qīngshé, jiàn liǎng qīngshé.*) (Yuan, 1993, p.242) (TdA)

	cetáceo, com mãos e pés, cavalgando dois dragões. ⁹⁸	
Bingyi (冰夷, <i>Bīngyí</i>) ⁹⁹	“Bingyi tem face de homem, cavalgando dois dragões. ¹⁰⁰ ”	É o antigo Deus da Água do Rio Amarelo. Bingyi tem uma natureza vil e é retratado como uma figura negativa na antiga mitologia chinesa.
Xia Houqi (夏后启, <i>Xià Hòuqǐ</i>) ¹⁰¹	Xia Houqi voou para o céu cavalgando em dois dragões e roubou duas peças de música daí para a terra, <i>Os Nove Argumentos</i> (九辩, <i>jiǔ biàn</i>) e <i>As Nove Canções</i> (九歌, <i>jiǔ gē</i>).	Como o segundo rei do Estado seguindo de Yu, o seu pai, Qi passou todos os seus dias em licor, comida e sexo para o seu próprio divertimento, ignorando os assuntos do Estado.

Tabela 3 - Os casos em que as figuras cavalgam no dragão no *Clássico das Montanhas e dos Mares* (cf. Yuan, 1993)

Podemos ver que, por um lado, cavalgar dragões parece ser algo normal para as figuras divinas mencionadas na tabela acima e que, por outro, os dragões desempenham bem o papel de assistentes de ascensão e descensão, permitindo que os deuses cumprissem deveres ou executassem desejos. Analisámos, no início do presente subcapítulo, a razão pela qual o dragão chinês tem uma forte relação com o céu e com a terra, sendo que este tipo de característica é bem aproveitado pelas figuras mitológicas. Para além das personagens no *Clássico das Montanhas e dos Mares*, existe também um episódio mitológico, descrito n’ *Os Apontamentos do Escrivão*, que se refere ao Imperador Amarelo cavalgando um dragão. Veja-se

⁹⁸ Guo Pu anotou com outra versão “北方禺彊，黑身手足，乘两龙。” (*Běifāng Yúqiáng, hēishēn shǒuzú, chéng liǎnglóng.*) (*idem*, p.242) (TdA). Contudo, de acordo com as notas de Yuanke (袁珂, *Yuán Kē*), “corpo negro” (黑身, *hēishēn*) é uma falsa propagação de “corpo de peixe” (鱼身, *yúshēn*), devendo designar mais precisamente o corpo de cetáceo. (NdA)

⁹⁹ Também chamado Pingyi (冯夷, *Píngyí*), ou Hebo (河伯, *hébó*). (NdA)

¹⁰⁰ “冰夷人面，乘两龙。” (*Bīngyí rénmiàn, chéng liǎnglóng.*) (Yuan, 1993, p.297) (TdA)

¹⁰¹ Também chamado Xia Houkai (夏后开, *Xià Hòukāi*) ou Qi (启, *Qǐ*), sendo filho de Yu e uma mulher mortal. (NdA)

O Imperador Amarelo escavou as minas de cobre da Montanha Shou (首山, *Shǒushān*) e moldou um caldeirão tripodal (鼎, *dǐng*) ao pé da Montanha Jing (荆山, *Jīngshān*). Depois do incensário de culto ter sido moldado, um dragão com longos bigodes pendurados nas laterais do seu pescoço desceu da abóbada celeste para saudar o Imperador Amarelo e o acolher no céu. O Imperador Amarelo saltou para as costas do dragão, seguido por mais de 70 ministros da corte e concubinas do harém, antes que o dragão partisse. Os restantes ministros de cargos menos valorizados não puderam subir e, portanto, agarraram-se aos bigodes pendurados do dragão, que foram arrancados, fazendo cair também o arco do Imperador Amarelo. O povo, vendo o Imperador Amarelo subir ao céu, abraçou-se ao seu arco e aos bigodes caídos do dragão, chorando e gritando. Por isso, as gerações posteriores chamaram a esse sítio Lago de Caldeirão Tripodal (鼎湖, *Dǐnghú*) e ao arco Wuhao (乌号, *Wūhào*)^{102, 103}

Este episódio mostra mais explicitamente a capacidade de viajar diretamente entre o firmamento e a terra, o mundo misterioso no céu e o mundo terreno. Os antigos chineses, através da observação dos astros, descobriram que a ordem plasmada pelos mesmos mostrava que, mesmo que o Sol, a Lua e as estrelas espalhadas no céu nascessem a leste e se pusessem a oeste, apenas a Estrela do Norte se mantinha no centro, com estrelas ao redor. Tal deus, assim, origem aos cultos do centro e do céu, que eram aplicados às práticas políticas e culturais. Ademais, uma vez surgida esta crença no céu, este era o lugar idealizado, supremo para onde ir, sendo chamado “destino final” (归宿, *guīsù*). O motivo mitológico de montar o dragão em direção ao céu mostra um método idealizado para alcançar um sucesso de chegar ao destino final.

Semelhante à dualidade de corpo-alma da natureza humana concebida pelo filósofo grego Platão (429 – 347 a.C.), na filosofia antiga chinesa, a natureza humana também é dividida em duas partes, nomeadamente “alma branca” (魄, *pò*) e “alma de nuvem” (魂, *hún*). No *Clássico dos Ritos*, diz-se que

¹⁰² O significado original de Wuhao em chinês é gritar de lamento. Também designa arcos de boa qualidade. (NdA)

¹⁰³ “黄帝采首山铜，铸鼎于荆山下。鼎既成，有龙垂胡髯下迎黄帝。黄帝上骑，群臣后宫从上者七十余人，龙乃上去。余小臣不得上，乃悉持龙髯，龙髯拔，堕，堕黄帝之弓。百姓仰望黄帝既上天，乃抱其弓与胡髯号。故后世因名其处曰鼎湖，其弓曰乌号。” (Huángdì cǎi Shǒushān tóng, zhùdǐng yú Jīngshān xià. Dǐng jìchéng, yǒu lóng chuí húrán xià yíng Huángdì. Huángdì shàngqí, qúnchén hòugōng cóngshàng zhě qīshíyú rén, lóng nǎi shàng qù. Yú xiǎochén bùdé shàng, nǎi xī chí lóngrán, lóngrán bá, duò, duò Huángdì zhī gōng. Bǎixìng yǎngwàng Huángdì jì shàngtiān, nǎi bào qí gōng yǔ húrán háo. Gù hòushí yīn míng qīchú yuē Dǐnghú, qígōng yuē Wūhào.) (Sima, 2004, p.484) (TdA)

“a natureza da alma de nuvem é Yang e pode elevar-se ao céu, enquanto a natureza de alma branca é Yin, por isso pode afundar-se na terra”¹⁰⁴. No mito supramencionado, depois de o Imperador Amarelo ter moldado o caldeirão tripodal, o dragão desceu e levou-o junto a ele em direção ao céu, pelo qual o significado implícito e simbólico pode ser interpretado. Efetivamente, o facto de o Imperador Amarelo ter montado o dragão e partido rumo ao firmamento indica que a vida dele terminou e a sua “alma de nuvem” ascendeu ao céu. De facto,

Nos tempos antigos, o caldeirão tripodal era um importante instrumento ritual para o governador e o regime, sendo símbolo de Estado. A completção deste instrumento pelo Imperador Amarelo traduziu a conquista de fama e glória, pelo que o mito de ascender ao céu nas costas de um dragão implicava metaforicamente que nunca mais se voltaria à terra. Neste sentido, a ascensão do Imperador Amarelo no dragão e a ascensão da sua “alma de nuvem” são essencialmente a mesma coisa. Podemos dizer que a ascensão do Imperador Amarelo sobre o dragão é uma manifestação da consciência de ascensão ao céu por parte do povo chinês.¹⁰⁵

Podemos dizer que o dragão chinês desempenha um papel imprescindível no que é atinente ao carregar figuras mitológicas em direção ao céu. A razão por trás é porque o céu é misterioso e, na cultura chinesa tradicional, muito do que não pode ser explicado é-lhe atribuído. Assim, para compreender o céu sagrado e chegar ao destino final no término da vida, as pessoas escolheram o dragão, uma criatura que poderia subir ao céu e descer à terra devido às suas naturezas divinas, como meio de comunicação entre o céu e a terra, criando, assim, uma ligação com o céu misterioso. Trata-se, de facto, de um pensamento primitivo de feiticeiro, ou seja, caracterizado pela imaginação e propósito pragmático.

Como visto, os dragões são receptáculos de muitos elementos imaginários na mitologia chinesa, tais como voar, ir para o céu, metamorfosear-se, possuir corpo com mil *li* de comprimento, cuspir fogo da boca, governar a chuva ou controlar o tempo. Tudo isto parece impossível de ocorrer numa criatura

¹⁰⁴ “魂气归于天，形魄归于地。故祭，求诸阴阳之义也。” (*Húnqì guīyú tiān, xíngpò guīyú dì. Gù jì, qiúzhū yīnyáng zhìyì yě.*) (J. Chen, 1996, p.67) (TdA)

¹⁰⁵ “在古代，鼎是社稷之重器，国家的象征。鼎成意味着功成名就，事业辉煌，于此之后骑龙升天而去的神话隐喻着一去不返人间的意义应该是显而易见的，从这一意义上讲，黄帝骑龙升天与灵魂升天实质上是一回事，应该说，黄帝骑龙升天是中国人升天意识的集中体现。” (*Zài gǔdài, dǐng shì shèjì zhī zhòngqì, guójiā de xiàngzhēng. Dǐng chéng yìwèi zhe gōngchéngmíngjiù, shìyè huīhuáng, yú cǐ zhīhòu qílóng shēngtiān érqù de shénhuà yǐnyù zhe yìqù bùfān rénjiān de yìyì yīngāi shì xiànrényìjiàn de, cōng zhè yì yìyì shàng jiǎng, Huángdì qílóng shēngtiān yǔ línghún shēngtiān shìzhì shàng shì yīhuìshì, yīngāi shuō, Huángdì qílóng shēng tiān shì Zhōngguó rén shēngtiān yìshì de jìzhōng fǎxiàn.*) (*idem*, pp.68-69) (TdA)

já existente. Ao mesmo tempo, a presença destas características imaginárias serve para cumprir algum propósito pragmático. Por exemplo, o dragão podia voar rumo ao céu, por isso as pessoas cavalgavam nele como forma de cumprir o desejo de ir para o seu destino final; o dragão trazia a essência do fogo da sua boca, por isso mandaram-no iluminar uma parte do mundo; o dragão estava encarregado da chuva, pelo que as pessoas confiavam na sua figura e comemoravam-no em contexto agrícola.

Aliás, estas suas capacidades em voar e ligar o céu e a terra são as duas características mais típicas e as mais valorizadas pelos governantes ao longo dos tempos. Foram precisamente destas duas características do dragão chinês que os monarcas e imperadores se usufruíram e usaram em proveito próprio, tentando, por todos os meios, associar-se ao dragão. Assim, ao mesmo tempo, afirmavam que também eles serviam de elemento de ligação entre céu e terra, tal-qualmente o dragão, e podiam receber a vontade do céu, aproveitando, simultaneamente, o culto ao céu da população para alcançar uma governação hegemónica e autoritária.

2.4 Considerações Finais

Zhao Peilin (1997, p.97) afirma que

Uma vez que o mito é a expressão simbólica e figurativa da psique humana a um nível mais baixo, a sua semelhança humana e diferença étnica são óbvias: por um lado, uma vez que a era mitológica, como infância da humanidade, é uma etapa histórica necessária para cada nação, os mitos refletem o percurso psicológico comum da humanidade, fornecendo um meio de comunicação que transcende a linguagem, espiritualidade, cultura, tradição e religião e registando as características comuns de todos os humanos. Demonstra, assim, uma ligação transversal à humanidade. Por outro lado, devido a diferentes ambientes naturais, contextos históricos e culturais e caminhos específicos de desenvolvimento, os mitos de povos distintos

diferem uns dos outros. Mesmo os mitos com o mesmo assunto possuem as suas próprias peculiaridades e, eventualmente, constituem as características nacionais dos mitos.¹⁰⁶

A análise dos mitos do dragão fornece-nos uma base para entender e interpretar as entrelinhas das peças de arte e das obras literárias no que diz respeito a esta figura. À luz das interpretações sobreditas dos dragões ocidentais e chineses nas mitologias correspondentes, podemos tentar abordar as características e visão de valores de duas culturas distintas mediante este tipo de mito.

Como referido no subcapítulo 2.2.2, os mitos de dragão demonstram, de algum modo, a relação entre o ser humano e a natureza. O facto de os heróis derrotarem o dragão significa que os humanos conseguiram vencer os dilemas da natureza. Por outro lado, o facto de o dragão ser admirado como objeto de culto indica que os humanos e a natureza conseguiram conviver em harmonia. Os mitos ocidentais defendem a luta contra a natureza, enquanto que a mitologia chinesa advoga a paz entre a humanidade e a natureza.

Nos tempos pré-cristãos, e até mesmo durante os primeiros tempos cristãos na Europa, a maioria dos dragões ocidentais eram considerados como guardiões. Devido às suas idiossincrasias, tais como nunca dormir ou possuir um corpo gigantesco e robusto, estes desempenharam bem o papel de guardador de tesouros. Por causa da propriedade terrena quando é retratado como serpente gigantesca, o dragão ocidental protege geralmente o submundo ou algum local sagrado. No entanto, não obstante a identidade de guardião, às vezes nomeado por algum deus justo, o seu desfecho não escapa a ser morto por um deus ou herói. Ademais, existe igualmente um outro tipo de mito em que o dragão-guardião ocidental é essencialmente maligno, revelando-se avarento relativamente ao que guarda ou protege.

Acompanhando o dragão-guardião, o dragão que é morto também é típico. O motivo mitológico do assassinato de dragão é descrito repetitivamente nas mitologias ocidentais, em particular desde o período em que o cristianismo começou a dominar o mundo ocidental. O contraste entre herói e dragão ocidental, ou melhor, entre figura positiva e negativa, bondade e maldade, tornou-se tão drástico que a imagem negativa do dragão ocidental encontra-se estática no imaginário dos ocidentais. Embora na mitologia

¹⁰⁶ “由于神话是人类心理在最基层水平上的象征和形象的表现，所以它的人类共通性和民族差异性都非常明显：一方面，由于神话时代作为人类的童年是每一个民族的必经历史阶段，神话反映着人类共同的心理历程，提供了一个超越语言、精神、文化、传统以及宗教的联络媒介，记录了人类共同的特点，因而具有人类的共通性。另一方面，由于自然环境、历史文化背景和具体发展道路的不同，不同民族的神话又各不相同，即使是相同题材的神话，也各有自己的特殊性，并最终形成了神话的民族性特征。” (Yóuyú shénhuà shì rénlei xīnlǐ zài zuījīcéng shuǐpíng shàng de xiàngzhēng hé xíngxiàng de biǎoxiàn, suǒyǐ tā de rénlei gòngtōngxìng hé mínzú chāyìxìng dōu fēicháng míngxiǎn. yīfāngmiàn, yóuyú shénhuà shìdài zuòwéi rénlei de tóngnián shì měiyīgè mínzú de bǐjīng lìshǐ jiēduàn, shénhuà fǎnyǐng zhe rénlei gòngtōng de xīnlǐ lìchéng, tígōng le yīgè chāoyuè yǔyán, jīngshén, wénhuà chuāntǒng yǐjī zōngjiào de liánluò méijiè, jìlù le rénlei gòngtōng de tèdiǎn, yīnér jùyuè rénlei de gòngtōngxìng. Líng yīfāngmiàn, yóuyú zìrán huánjìng, lìshǐ wénhuà bèijǐng hé jùtǐ fāzhǎn dàolù de bùtóng, bùtóng mínzú de shénhuà yǒu gè bù xiāngtóng, jìshǐ shì xiāngtóng tícái de shénhuà, yě gèyòu zìjǐ de tèshùxìng, bìng zuìzhòng xíngchéng le shénhuà de mínzúxìng tèzhēng.) (Zhao, 1997, p.97) (TdA)

chinesa também existam dragões maldosos que são assassinados, este tipo de mito é relativamente homogêneo, com pouca narrativa, insuficientemente rico em conteúdo e em quantidade em comparação com outros tipos de mitos chineses de dragão.

Pelo contrário, na mitologia chinesa, o dragão possui geralmente uma ligação direta com a natureza, pois, por exemplo, pode controlar água e chuva, causa nuvens ou ribombos, gera as quatro estações do tempo, entre outros. A China antiga, como sociedade agrária, atribuía grande valor ao impacto do tempo e da sazonalidade na agricultura. Contudo, ao contrário do Ocidente, nos mitos chineses, não se mostra a luta feroz contra a natureza, mas a sua aceitação. Assim, na mitologia ocidental, o dragão encarna a natureza destrutiva da natureza primordial e a sua morte numa luta mantém a esperança em derrotar as adversidades e alcançar a sobrevivência. O dragão chinês, por outro lado, recebeu o poder e a divindade associados à natureza na mitologia e, assim, é respeitado e venerado, refletindo o valor chinês no que é concernente à harmonia desde a antiguidade.

O dragão chinês serve como meio de comunicação entre o céu e a terra, isto é, entre deuses, heróis e imperadores lendários, demonstrando, para além do culto ao céu dos chineses, uma visão de valor pragmática. Ou seja, o dragão faz uso pleno dos seus múltiplos poderes na mitologia como forma de proporcionar facilidades práticas para os personagens mitológicos, como, por exemplo, usar a longa cauda para criar canais de água, usar o fogo para oferecer luz às pessoas ou transformar a sua pele numa superfície de tambor. Há também mitos que utilizam o aparecimento de dragões para indicar bons ou maus presságios. Apesar do seu estatuto de criatura divina, ou mesmo como próprio deus, o dragão chinês continua ao serviço dos humanos e não se encontra numa posição absolutamente divina.

Em geral, os dragões ocidentais na mitologia manifestam-se com mais animalidade¹⁰⁷ e têm pouco poder divino, mesmo como veículo de deuses. Os dragões chineses, por outro lado, têm relativamente maior divindade na mitologia, especialmente na mitologia pré-Qin, e possuem outros poderes divinos que não se limitam ao simples voar ou a controlar água, sendo, por conseguinte, vistos como uma ligação entre o céu e a terra. No entanto, não se pode generalizar dogmaticamente, pois existem exceções a todas elas.

Mesmo com todas as suas diferenças, ainda podemos encontrar algo em comum entre eles, para além da sua aparência exterior. Do grego *hero*, pelo termo latino *heros*, o termo “herói” designava, originalmente, o protagonista de uma obra narrativa ou dramática. Se um “herói” é um meio-homem e meio-deus, ou um homem que realiza grandes proezas, então os dragões em ambas as mitologias não

¹⁰⁷ Talvez tal não tenha nada que ver com serpentes, um tipo de animal concreto que vive na terra. (NdA)

são realmente considerados protagonistas, mas desempenham frequentemente papéis de apoio aos deuses ou heróis. Na mitologia ocidental, contudo, a narrativa dos feitos dos deuses e heróis é apresentada de uma forma que “degrada” o dragão para conseguir um efeito contrastante e para transmitir a ideia de veneração à luta e resistência, enquanto que a mitologia chinesa usa mais um “dragão ajudante”, ou seja, um dragão que ajuda os deuses ou a realizar os seus grandes feitos ou a transmitir a ideia de respeito à paz e harmonia.

Dos mitos analisados, podemos ver que existem diferenças nas características externas dos dragões no Ocidente e na China, sendo as conotações principais ainda mais divergentes. Conquanto existam alguns motivos mitológicos comuns, tais como o assassinato do dragão, o foco é dessemelhante entre o Ocidente e a China, e as visões de valores veiculadas são igualmente distintas. A influência da mitologia do dragão nas criações artísticas posteriores é profunda. Podemos tanto ver criações artísticas secundárias que usam diretamente os mitos do dragão como guião, como obras que combinam dragões nas suas obras para transmitir conotações culturais profundas, algo que discutiremos no próximo capítulo.

Capítulo III

O Uso das Figuras do Dragão Ocidental e Chinês na Arte e Cultura

3.1 As Figuras do Dragão Ocidental e Chinês na Arte

3.1.1 Dragão nas Literatura e Cinematografia

Refletindo as ideias e ideologia básica dos antepassados de qualquer povo, os mitos do dragão tornaram-se fundamento e inspiração da arte criada posteriormente, em especial a literatura. Existem inúmeras obras baseadas em guerreiros que combatem dragões, incluindo o exemplo *Beowulf*, uma longa narrativa épica heróica concluída no século VIII. Nessa obra, o dragão que guarda um tesouro há já trezentos anos é descrito como sendo uma criatura feroz capaz de cuspir fogo. Quando o tesouro do dragão é roubado, vingá-se e Beowulf, que é muito velho, luta contra o dragão até à morte. Embora o dragão tenha sido decapitado após uma grandiosa batalha, Beowulf é mordido e o veneno mortal percorre a totalidade do seu corpo. O corpo do dragão é posteriormente atirado ao mar e o tesouro é colocado no túmulo de Beowulf.

O britânico linguista e autor de fantasia J. R. R. Tolkien afirmou que se inspirou muito em *Beowulf* ao escrever a série de romances de *O Senhor dos Anéis*. A série de romances foi traduzida para mais de sessenta línguas e tornou-se um *bestseller* mundial. Na obra, o autor sul-africano constrói um mundo de fantasia habitado por humanos, elfos, *orcs*, *hobbits*, dragões e tantos outros entes fantásticos. Neste mundo, muitos seres são levados pela ganância a roubar o Anel, o mais poderoso dos artefactos mágicos, e as personagens de bom caráter formam a Irmandade do Anel para manter a paz mundial, dando início à batalha entre o bem e o mal. De acordo com o escritor, o dragão malvado em *O Hobbit* assemelha-se ao dragão que Beowulf combateu, demonstrando claramente o costume de domar e matar dragões presente no Ocidente.



Figura 13 - O dragão Smaug no filme *O Hobbit: A Desolação de Smaug*, dirigido por Peter Jackson

Aliás, o filme *O Hobbit: A Desolação de Smaug*, adaptado a partir da obra de mesmo nome de Tolkien, usa a sua linguagem cinematográfica única para mostrar cenas de heróis que lutam contra o dragão Smaug. Ademais, a adaptação do filme alargou a audiência da obra original, permitindo àqueles que não têm o hábito de ler, e que preferem tendencialmente uma experiência mais visual, relacionarem-se mais profundamente com o simbolismo da ganância, do mal, do fogo e da natureza vigilante do dragão ocidental que a obra transmite.

O conto de fadas moderno, mas com elementos dos clássicos, *O Flautista Mágico* de Rubem Alves, apresenta aos leitores a história de um país distante onde os locais tocam as mais harmoniosas músicas com o intuito de, todos os dias de manhã, acordar o Sol. Tudo corria bem até surgirem uns monstros gigantes que, provenientes de um local desconhecido, proibiram os habitantes de tocarem os seus instrumentos musicais. Para recuperarem a sua liberdade e voltarem a tocar para o Sol, os habitantes desse país iniciaram uma batalha contra os tais monstros. Atente-se

(...) o falso progresso traz mudanças negativas, posto que com a vinda desses seres vêm também as transformações no modo de vida das pessoas, comportamento e costumes. Elas passam a amar tudo que possa ser útil e gerar riqueza, descartando o que não tem “utilidade”. “Não precisamos do sol (...) Teremos luz elétrica. Eletricidade é boa para comprar e vender. O sol, ao contrário, é inútil. É gratuito. Não custa nada” (Alves, 2005). O que teria de positivo no progresso, apresentado pelos invasores seria a melhoria da vida dos indivíduos. Todavia, isso não acontece, uma vez que o “progresso” torna as pessoas escravas do trabalho (Carvalho, 2018, p.195).

Podemos ver que “em *O Flautista Mágico*, o dragão é uma criatura malévola que representa as forças da destruição, assemelhando-se aos dragões do ocidente, que são furiosos e avarentos por natureza, simbolizando também a riqueza e ganância” (Carvalho, 2018, p.194). De facto, podemos encontrar muitos dragões com características semelhantes na mitologia ocidental.

Na literatura chinesa, as figuras do dragão chinês mais típicas são as que foram criadas na Dinastia Ming: eis os Reis Dragões dos Quatro Mares (四海龙王, *sihǎi lóngwáng*), nos romances *Jornada ao Oeste* (西游记, *xīyóujì*) por Wu Cheng'en (吴承恩, *Wú Chéng'ēn*) e o *Investidura dos Deuses* (封神演

义, *fēngshén yǎnyì*) por Xu Zhonglin (许仲琳, *Xǔ Zhònglín*). Em ambas as obras, há quatro Reis Dragões, cada um governando um mar correspondente aos quatro pontos cardeais (norte, sul, leste e oeste). Embora os seus deveres variem, são geralmente responsáveis pelo clima e estado de tempo, contribuindo para a formação de fenómenos como a chuva, inundações, tsunamis, relâmpagos, vento, neve e gelo, bem como pela supervisão de várias criaturas nos quatro mares.

Um dos episódios mais famosos intitula-se “Nezha conquista o mar” (哪吒闹海, *Nézhā nàohǎi*), particularmente bem descrito no *Investidura dos Deuses*. A essência original de Nezha era a Pérola Espiritual (灵珠子, *língzhūzǐ*)¹⁰⁸, reencarnada como o terceiro filho do General Li Jing (李靖, *Lǐ Jìng*) de Fortaleza de Chentang’guan (陈塘关, *Chéntáng guān*). A sua mãe carregou-o durante três anos e seis meses antes de o dar à luz. Nessa obra, diz-se que “o Rei Dragão [do Mar Oriental] é a deidade oficial da chuva”¹⁰⁹, mas Nezha matou Ao Bing (敖丙, *Áo Bǐng*), o terceiro filho de Ao Guang (敖光, *Áo Guāng*), o Rei Dragão do Mar Oriental, devido à provocações verbais deste. Ao Guang e seus irmãos fizeram frente a Nezha e à sua família, ameaçando partir em direção ao Palácio Celestial (凌霄殿, *Língxiāo diàn*)¹¹⁰ para reclamar e obter a morte de toda a sua família. Nezha suicidou-se para proteger a sua família. Posteriormente, o seu professor, Taiyi Zhenren (太乙真人, *Tàiyǐ zhēnrén*), devolveu-lhe a vida através do fabrico de uma espécie de remédio feito com lótus para recuperar o seu corpo humano.

No relato, quando Nezha quer escoltar o Rei Dragão do Mar Oriente de voltar à Fortaleza de Chentang’guan, diz a Ao Guang

“Ouvi dizer que os dragões podem mudar. Se quiserem ficar maiores, podem suportar o céu e a terra e, se quiserem ficar pequenos, podem esconder-se numa semente de mostarda¹¹¹. Receio que, se se for embora, não o consiga encontrar. Transforma-te numa pequena cobra e eu levote de volta.” Ao Guang não podia escapar, não havia outro remédio senão transformar-se numa pequena cobra verde. E Nezha trouxe-o na sua manga.¹¹²

¹⁰⁸ A Pérola Espiritual é uma pérola mítica que se tornou um tesouro celestial nas Montanhas de Kunlun (昆仑山, *Kūnlún shān*) após um longo encontro com a energia imortal (仙气, *xiānqì*). (NdA)

¹⁰⁹ “龙王乃施雨正神.....” (*Lóngwáng nǎi shīyǔ zhèngshén*) (Xu, 2017, p.81) (TdA)

¹¹⁰ O Palácio Celestial é onde o Imperador de Jade (玉皇大帝, *Yúhuáng dàdì*) reside. Este é o senhor mais poderoso dos céus e de todos os domínios de existência abaixo, incluindo o homem e o Inferno. (NdA)

¹¹¹ A semente de mostarda aqui é uma expressão metafórica do mundo infinitamente diminuto. (NdA)

¹¹² “尝闻龙会变化, 要大便撑天柱地, 要小便芥子藏身。我怕你走了, 往何处寻你? 你变一个小小蛇儿, 我带你回去。’敖光不得脱身, 没奈何, 只得化一个小青蛇, 哪吒拿来放在袖里.....” (“*Chángwén lóng huì biànhuà, yàodà biàn chēngtiān zhùdì, yàoxiǎo biàn jièzǐ cángshēn. Wǒ pà nǐ zǎole, wǎng héchù xúnǐ? Nǐ biàn yíge xiǎoxiǎo shé’er, wǒ dàinǐ huìqù.*” *Áo Guāng bùde tuōshēn, méi nàihé, zhǐdèi huà yíge xiǎo qīngshé, Né Zhā nǎlái fàngzài xiù li...*) (Xu, 2017, p.85) (TdA)

A capacidade de Ao Guang em mudar de forma corresponde a uma das características gerais do dragão mitológico chinês, como ocorre com o supracitado Yinglong. Além disso, no *Investidura dos Deuses*, menciona-se também diretamente a função desse Rei Dragão. Quando Taiyi Zhenren soube que o Rei Dragão iria queixar-se ao Imperador de Jade pela morte do seu filho Ao Bing, ele pensou para si mesmo:

“Embora Nezha seja ignorante e tenha matado Ao Bing sem qualquer propósito, este é um mandato do céu. Apesar de Ao Guang ser o rei entre os dragões, a sua função não deixa de ser a produção de chuvas e nuvens. Como poderia fugir à vontade do céu? Que vergonha perturbar o tribunal celestial com um assunto tão trivial.”¹¹³

É possível, assim, reconhecer que o cargo de Ao Guang era, efetivamente, controlar a chuva e as nuvens, o que corresponde à imagem do dragão chinês na mitologia pré-Qin. No entanto, mesmo que fosse a deidade oficial responsável por estes fenômenos meteorológicos, e ainda fosse o rei dos dragões, era apenas um oficial menor e insignificante na visão de Taiyi Zhenren. A morte do seu filho, Ao Bing, também ele uma deidade oficial, foi apenas uma questão trivial. O que realmente importa é o Mandato do Céu, o qual, no Taoísmo, é acentuado e que se sobrepõe com certeza ao Rei Dragão.

No romance *Jornada ao Oeste*, os dragões desempenham papéis homólogos, isto é, são responsáveis por dominar os fenômenos naturais, porém, todos eles estão sob a liderança do dogma do Budismo. Mesmo assim, os estigmas do dragão chinês na mitologia antiga são evidentes.

Enquanto figuras populares na cinematografia chinesa, os episódios mitológicos que invocam o dragão chinês são adaptados e reinterpretados frequentemente, entre os quais se destaca “Nezha conquista o mar”. No filme chinês *Nascimento da Criança Demoníaca Nezha* (哪吒之魔童降世, *Nézhā zhī mótóng jiàngshì*) (também intitulado simplesmente como *Nezha*), adaptado com base do episódio na obra literária *Investidura dos Deuses*, os dragões possuem corpo gigantesco e escamas resistentes, crina, chifres na cabeça e residem no mar. Nesse filme, os Reis Dragões eram nomeados pelo Palácio Celestial para aprisionar e reprimir todos os demônios marítimos e, ainda que residissem no chamado Palácio de

¹¹³ “虽然哪吒无知，误伤敖丙，这是天数。今敖光虽是龙中之王，只是步雨兴云，然上天垂象，岂得推为不知？以此一小事干渎天庭，真是不谏事体。” (Suirán Né Zhā wúzhī, wùshāng Áo Bǐng, zhèshì tiānshù. Jīn Áo Guāng suǐshì lóngzhōng zhīwáng, zhǐshì bùyǔ xīngyún, rán shàngtiān chuixiàng, qǐdé tuīwéi bùzhī? Yǐcǐ yì xiǎoshì gāndú tiāntīng, zhēnshì bùàn shìtǐ) (idem, p.82) (TdA)

Dragão, eram ostracizados por também serem demónios na sua essência, o que quer dizer que a sua posição é bem desvalorizada no filme em comparação com a nos mitos antigos.



Figura 14 - Os Reis Dragões no filme *Nezha*, dirigido por Yang Yu (杨宇, *Yáng Yǔ*)

Mesmo que as figuras no filme não contem com características totalmente idênticas às dos dragões na mitologia, os significados mais básicos não são modificados, tanto no dragão ocidental quanto no chinês. As adaptações impulsionam o enraizar da respetiva imagem do dragão ocidental e chinês no coração da população.

3.1.2 Dragão nas Escultura e Arquitetura

Nas escultura e arquitetura, aplica-se também o *motif* do dragão, porém, devido aos diferentes simbolismos entre dragão ocidental e chinês, a quantidade de utilização do mesmo apresenta variações. Isto é, com uma impressão geral de malvadez e depreciação, a imagem do dragão ocidental é menos aplicada em comparação com o emprego frequente da imagem do dragão chinês no campo da escultura e arquitetura. Leia-se

São Jorge, que tem um lugar importante na crença cristã, também foi retratado como segurando uma lança na mão, montado num cavalo, e matando um dragão. Além disso, a sua

representação é encontrada como escultura nas cidades de Lemberg e Kiev da Ucrânia, Moscovo da Rússia, Tbilissi da Geórgia, e imagem como ícone em lojas do género.¹¹⁴

A fim de glorificar São Jorge, o herói cristiano, as esculturas que remetem para o assassinio do dragão foram construídas em múltiplas cidades, tal como o monumento em Cluj-Napoca na Roménia. Neste sentido, atente-se

O monumento em Cluj-Napoca é uma cópia da famosa estátua de São Jorge matando o Dragão feita pelos artesãos locais Martinus e Georgius no ano de 1373. Foram feitas duas cópias no século XX, uma de Cluj-Napoca e outra localizada no terceiro pátio do Castelo Real de Praga. O original encontra-se guardado na Galeria Nacional em Praga. No início do século XX, a Câmara Municipal e o imperador Francisco José reconheceram o valor do monumento e decidiram fazer cópias. O desenho das estátuas de pedestal sólido com um cenário gótico de Cluj-Napoca foi elaborado pelo arquiteto Kálmán Lux.¹¹⁵

Este monumento é considerado uma obra-prima gótica pelo seu elevado valor estético e pela sua raridade como exemplo de estátua equestre da época, apresentando o tema numa composição de surpreendente vivacidade e utilizando a técnica de microfundição. Ademais, apresenta um tamanho quase à escala real.

¹¹⁴ "Saint George, who has got an important place in Christian belief, was also pictured as holding a spear in his hand, and on a horse, and killing a dragon. In addition, this depiction is encountered as sculpture in Ukrain's L'vov, Kiev, Russia's Moscow, Georgia's Tbilisi cities, and pictures as icons in the shops selling icons." (Altinkaynak, 2013, p.5) (TdA)

¹¹⁵ "The monument in Cluj-Napoca is a copy of the famous statue of Saint George killing the Dragon made by the local craftsmen Martinus and Georgius in the year 1373. There were two copies made in the 20th. century, one from Cluj-Napoca and one located in the 3rd courtyard of the Royal Castle in Prague. The original is kept in the National Gallery in Prague. At the beginning of the 20th. century, the City Council and the emperor Francis Joseph recognized the value of the monument and decided to make the copies. The design of the statues solid pedestal with a Gothic setting from Cluj-Napoca was made by the architect Kálmán Lux." (*Poteaca, 2018*) (TdA)



Figura 15 - Cópia no 3º pátio do Castelo Real em Praga da estátua de São Jorge matando o dragão

O mais típico dragão eslavo, o russo *Zmey Gorynych*, é uma figura famosa nas lendas russas, tendo geralmente três, seis ou nove cabeças e um par de asas de grande tamanho, cuspidor de fogo e voando. Representa frequentemente um perigo para as aldeias em redor, pois encontra-se associado a ideias como as de roubar a riqueza aos aldeões e às mais belas donzelas e mulheres locais ou destruir terras agrícolas. Eventualmente, é morto por guerreiros e tem a sua cabeça cortada. No Parque *Kudykina Gora*, na cidade de Lipetsk, ergue-se a escultura do dragão *Zmey Gorynych*.



Figura 16 - A estátua do dragão russo *Zmey Gorynych* no Parque *Kudykina Gora*

Em geral, a utilização da figura de dragão ocidental na vida real é relativamente incomum. Comparando à utilização da imagem do dragão chinês, é possível verificar que a sua aplicação na

escultura e na agricultura é mais generalizada, já que se encontra, por exemplo, associada a bons presságios.

O uso de dragões na arquitetura foi, desde cedo, generalizado. Na Dinastia Han, os dragões eram reconhecidos como símbolo da realeza, sendo amplamente utilizados para intimidar as massas com o intuito de ganhar a admiração do povo. Pelas dinastias Ming e Qing, esta tendência de pensamento tornou-se ainda mais forte, e o imperador acrescentou imagens de dragões a quase todos os aspectos da sua vida. Os dragões eram, assim, largamente utilizados em todos os cantos dos palácios imperiais.



Figura 17 - A Muralha dos Nove Dragões da Cidade Proibida (故宫九龙壁, *Gùgōng jiǔ lóng bì*)



Figura 18 - O dragão amarelo no meio da supramencionada Muralha

A parede dos nove dragões apresenta 29,4 metros de comprimento, 3,5 metros de altura e 0,45 metros de espessura, e, no centro, surge o dragão amarelo segurando uma pérola flamejante debaixo da cabeça com ar augusto. Nove é o supremo entre os números Yang, como supracitado, e o número

cinco encontra-se no meio. O sistema de “nove cinco (九五, *jǔ wǔ*)¹¹⁶” é uma importante manifestação da dignidade do imperador. A arquitrave sob o beiral é acolchoada com 45 bordas do telhado com desenhos do dragão chinês de modo a que toda a obra contenha em si múltiplos de “nove cinco” de diferentes maneiras. Além disso, as paredes da Muralha dos Nove Dragões partilham um total de 270 blocos de mosaico, que são também múltiplos de “nove cinco”. Os blocos foram divididos com muito cuidado para não danificar a superfície do dragão. Só um *design* cuidadoso e uma grande habilidade poderiam alcançar um efeito tão sofisticado.

Para além do interior dos palácios imperiais, foram frequentemente encontrados ornamentos de dragão em muitos edifícios populares antigos. Em comparação com a solenidade da arquitetura palaciana, os dragões da arquitetura popular são simples e detalhados, parecendo mais flexíveis nas suas formas. Com efeito, as imagens dos dragões são os ornamentos mais importantes em edifícios de templos ou pontes, geralmente em dourado, com desenhos e bases verdes, vermelhos e azuis, entre outras cores. Os traços dos dragões são lisos, delicados, geralmente simétricos, e o efeito decorativo cria uma atmosfera requintada.

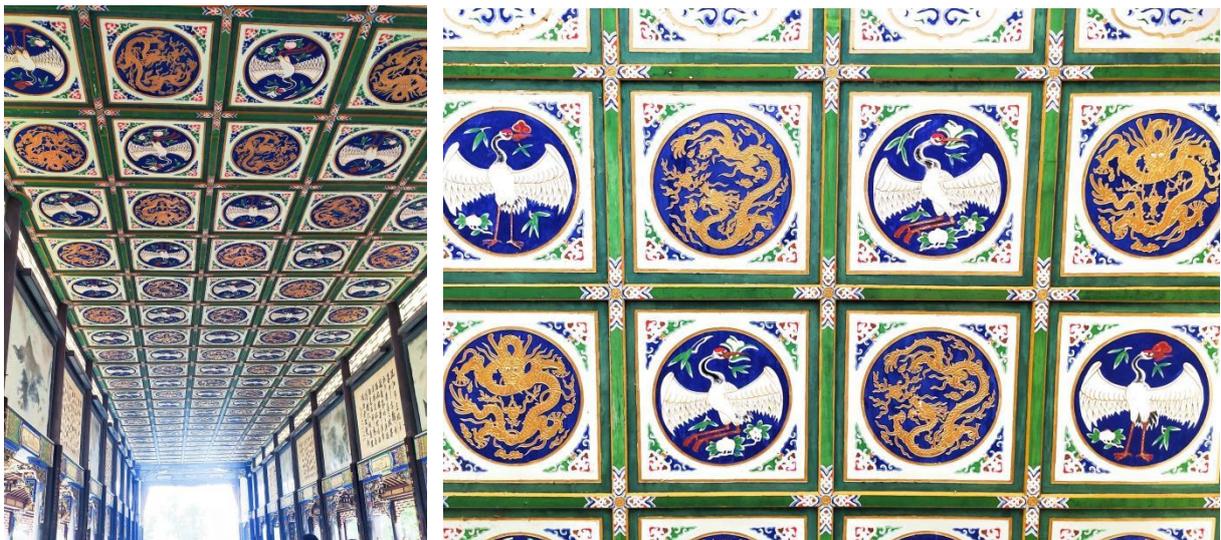


Figura 19 - Teto da Ponte do Sul (南桥, *Nánqiáo*) na cidade Dujiangyang (都江堰, *Dūjiāngyàn*)
[Esquerda, elaborada pela autora]

Figura 20 - Detalhes dos desenhos de dragão no teto [Direita, elaborada pela autora]

¹¹⁶ À luz de *I Ching* (易经, *yijīng*) (também conhecido como *Clássico das Mutações*), todos os números são compostos por nove números básicos (um a nove). Nove é o supremo entre os números, e cinco está no meio tal como o pico da montanha, simbolizando o auge e a prosperidade extrema, pelo que “nove cinco” também designa o imperador. Nove multiplicado por cinco equivale a 45, por isso “nove cinco” designa também o número 45. (NdA)

3.2 Costumes Contemporâneos

Diz a lenda que *La Tarasque*, a Tarasca em português, era uma criatura mitológica, uma espécie de dragão com seis patas semelhantes à dos ursos, que habitava a cidade francesa de Tarascon. O dragão aterrorizou os habitantes e destruiu as suas casas e campos. O exército daquela cidade tentou muitas vezes pôr fim ao monstro, mas os seus esforços foram sempre infrutíferos. No entanto, um dia, uma mulher chamada Santa Marta encantou a besta com as suas orações, domou-a e subiu nela. Os habitantes atacaram a criatura, que morreu. Graças a este facto, muitas pessoas aceitaram a religião de Santa Marta, o cristianismo.



Figura 21 - Domar o Tarasco, do *Livro de Horas de Henrique VIII*

A este respeito, Barnard (1964, p. 423) descreve

A Tarasca, de *Tarascon*, no sul de França, cujo corpo reptiliano era animado por onze cavaleiros. Um décimo segundo, que servia como líder da dança, usava a cabeça do dragão e trabalhava as mandíbulas mecânicas e o bufo. A Tarasca fazia a sua aparição nas ruas duas vezes por ano, uma na Festa de Pentecostes, e outra no Dia de Santa Marta, quando uma jovem

que se fazia passar pela Santa a conduzia pelas ruas com uma fita e adulterava os seus obstinados movimentos com uma pitada de água benta.¹¹⁷

Hoje em dia, no desfile, o corpo do dragão não é animado por homens, mas é equipado com rodas para se deslocar mais facilmente na procissão. Além disso, a figura de Santa Marta foi colocada nas costas do dragão para que os participantes no desfile a venerem. De facto, o costume serve para a comemoração no sentido religioso, sendo que a figura de dragão desempenha um papel de vilão para contrastar com a protagonista, tal-qualmente a sua função geral na mitologia ocidental.



Figura 22 - Tarasca no desfile



Figura 23 - Tarasca e Santa Marta no desfile

Em Portugal, a luta entre o dragão Coca, que tem a mesma origem com a Tarasca, e São Jorge também é bem famosa. Nas margens do rio Minho, as gentes minhotas do concelho de Monção mantêm um velho costume que consiste em celebrar todos os anos, por ocasião dos festejos do Corpo de Deus, o lendário combate travado entre S. Jorge e o Dragão. Atente-se que

No Porto, a participação da imagem de S. Jorge, montado a cavalo, no *Corpus Christi* está documentada pelo menos desde os tempos de D. João II. O seu protagonismo nestas procissões conheceu um grande incremento ao longo da Época Moderna, e conseguiu chegar até aos

¹¹⁷ "La Tarasque, of Tarascon in southern France, whose reptilian body was animated by eleven gentlemen. A twelfth, who served as leader of the dance, wore the dragon head and worked the mechanical jaws and the snort. La Tarasque made her appearance in the streets twice annually, once at the Feast of Pentecost, and again on Saint Martha's Day, when a young girl impersonating the saint led her through the streets on a ribbon and tamed her obstreperous movements with a dash of holy water." (TdA)

nossos dias, com direito a grande destaque na vanguarda do cortejo e a uma encenação da luta entre S. Jorge e o Dragão (a *Coca*), personificando a luta entre o Bem e o Mal. (Barroca, 2015)



Figura 24 - A luta entre o Dragão Coca e São Jorge

Semelhantemente, na China, existe o costume de apresentar a Dança do Dragão (舞龙, *wǔlóng*). Tendo em conta o simbolismo positivo do dragão chinês, a dança com fantoches de dragão apresenta-se em ocasiões de bom augúrio, incluindo, e principalmente, o ano novo chinês ou a abertura das lojas e residências. Os fantoches são feitos “sob medida” de pano e madeira, manipulados por uma equipa de pessoas. Guiados pela “Pérola do Dragão” (龙珠, *lóngzhū*), que é representada por uma bola feita em belos tecidos, e acompanhados pelo rufar do tambor, os dançarinos completam uma série de coreografias do dragão através da mudança de postura e de movimento do corpo humano, tais como, saltos, voltas, rolos e formas de grupo, demonstrando plenamente a vitalidade do dragão.



Figura 25 - Dança do dragão na Região Autónoma de Guanxi da Etnia Zhuang (广西壮族自治区, *Guǎngxī zhuàngzú zìzhìqū*)

Lü (2011, pp. 111-112), neste contexto, refere que

Na tradição popular, os dragões estão amplamente divididos em quatro categorias: a primeira categoria, “dragões celestiais” (天龙, *tiānlóng*), representam o poder rejuvenescedor do céu; os “dragões divinos” (神龙, *shénlóng*) são capazes de levantar nuvens e espalhar a chuva; a terceira, “dragões da terra” (地龙, *dìlóng*), são responsáveis pelas nascentes e fontes de água na terra; e a quarta categoria, “dragões guardiães” (护藏龙, *hùzàng lóng*), protege os tesouros na terra e no Palácio Celestial. Devido a tudo isto, as crenças populares da dança do dragão possuem assim uma variedade de conotações funcionais. Na China antiga, onde a agricultura era o pilar principal, o mais importante era, naturalmente, o bom vento e a chuva favorável. Portanto, rezar por um ano próspero, afastar os maus espíritos e desfrutar das felicidades tornaram-se temas principais das danças do dragão chinesas.¹¹⁸

Na antiguidade, enquanto manifestações culturais e ritualísticas das mais variadas regiões e etnias, os movimentos da dança do dragão iam variando, embora apresentassem valores em comum: superstição, pragmatismo e religião. Ao longo do decorrer do tempo, os valores mudam e reconstróem-se. No seu desenvolvimento, a qualidade utilitária primitiva a eles atribuída foi paulatinamente diluída, enquanto a valor de entretenimento foi grandemente reforçado. O restrito caráter regional e étnico foi enfraquecendo, enquanto a sua posição representativa como símbolo cultural da nação e do país chinês se foi tornando cada vez mais proeminente na contemporaneidade. Estas transformações refletem não só a ampla adaptabilidade da prática da dança do dragão, mas também a conquista progressiva do reconhecimento cultural universal por toda a nação e etnias chinesas.

Atualmente, a tradição da dança do dragão não é apenas elegante na sua variedade de sequência de movimentos, mas também na sua riqueza de conteúdo, que é altamente artística. As rotinas da dança

¹¹⁸ “民间传统中龙大致被分为四类：第一类“天龙”，代表青天的更生力量；第二类“神龙”能够兴云布雨；第三类“地龙”掌管着地上的泉水和水源；第四类“护藏龙”看守人间和天庭的宝物。也正由于此，舞龙的民间信仰也就具有了多种功能内涵。在以农业为主的古代中国，最重要的当然莫过于风调雨顺。因此，祈求丰年、辟邪纳福等就成为中国舞龙的主要民间信仰主题。” (*Minjiān chuántǒng zhōng lóng dàzhì bèi fēnwéi sìlèi: dìyīlèi “tiānlóng”, dàibiāo qīngtiān de gēngshēng lìliàng; dìèrlèi “shénlóng” nénggòu xīngyún bùyǔ; dīsānlèi “dìlóng” zhǎngguǎn zhe dìshàng de quánshuǐ hé shuǐyuán; dìsìlèi “hùzàng lóng” kānshǒu rénjiān hé tiāntīng de bǎowù. Yě zhèng yóuyú cǐ, wǔlóng de mǐnjiān xīnyǎng yějiù jù yǒu le duōzhǒng gōngnéng nèihán. Zài yǐ nóngyè wéizhǔ de gǔdài zhōngguó, zuì zhòngyào de dāngrán mǒguòyú fēngtiáo yǔshùn. Yīncǐ, qíqiú fēngnián, pìxié nǎifú dēng jiù chéngwéi zhōngguó wǔlóng de zhǔyào mǐnjiān xīnyǎng zhǔtí.*) Lü (2011, pp. 111-112) (TdA)

baseiam-se num determinado tema, expressando este a vitalidade do dragão através de movimentos de ondulação, queda, travessia, etc. O conjunto da coreografia possui concomitantemente vivacidade e quietude, rigidez e flexibilidade e, principalmente, movimento. Todo o desempenho produz, assim, um maravilhoso sentido de ritmo, fornecendo às pessoas o prazer da beleza e estética.

Além dos costumes típicos sobreditos, existem também outras práticas no que diz respeito ao dragão, quer no ocidente, quer na China. Embora as formas e maneiras como esses costumes decorrem revelem ser distintas, demonstram os valores do dragão nas culturas em que se inserem.

3.3 Reflexões sobre o Uso dos Dois Termos na Comunicação Intercultural

Embora os dois termos pertençam atualmente à categoria de “animal mitológico”, à luz das análises dos primeiros dois capítulos, podemos dizer que o “dragão” (ocidental) e o “dragão chinês” (龍, *lóng*) são diferentes nas suas denotação e conotação. O dragão ocidental indica um tipo de monstro e simboliza, em geral, a malícia, tendo um sentido pejorativo, enquanto o dragão chinês designa um tipo de animal mítico com gênio e simboliza basicamente a bondade, contando com sentido positivo.

A tradução entre diferentes línguas é uma ponte de ligação na comunicação intercultural. Devido a restrições nas diferenças linguísticas, geográficas e culturais, a comunicação intercultural enfrenta mais e maiores dificuldades do que a simples comunicação entre culturas homogêneas. Na primeira, o remetente das informações transmite-as de acordo com o seu próprio código cultural, enquanto que o recetor também as compreende à luz do seu próprio conjunto de normas. É crucial que se verifique uma precisão e exatidão no processo de envio - transmissão - receção da mensagem para que esta, efetivamente, tenha o efeito desejado.

Por efeito de linha de pensamento, todas as pessoas possuem a tendência para ver apenas soluções e defender perspetivas que funcionaram no passado. Este tipo de pensamento fixo pode, contrariamente, dificultar a obtenção de soluções, impedindo o processo de resolução de problemas. No caso concreto da comunicação intercultural, as pessoas conhecem algo de novo de uma outra cultura, tentando, primeiramente, analisá-la de acordo com uma noção cultural pré-existente mais familiar para si. A título de exemplo, quando um ocidental, desconhecedor da cultura chinesa, ouve ou vê a tradução “dragão chinês”, no contexto linguístico desta cultura, como numa ação de publicidade de uma empresa chinesa, liga imediatamente o termo “dragão” àquele presente na sua cultura de partida. Ora, inserida

na cultura ocidental, a pessoa em concreto pode concluir que o dragão ocidental maléfico é equivalente ao dragão chinês auspicioso. E vice-versa.

São aceitáveis alguns desvios na tradução, desde que mantenham o significado ou a conotação inicial do termo ou expressão e não danifiquem a transmissão das informações. Embora o ato de traduzir perca sempre algo, se a discrepância das culturas do dragão ocidental e chinês for usada para prejudicar a comunicação amigável, torna-se algo de inaceitável. A interpretação inapropriada, ou até errada, dos valores destes dragões não é escrupulosa no estudo da esfera cultural. Em resposta a este aspeto na comunicação intercultural, alguns estudiosos têm sugerido medidas para alterar as traduções existentes. Em seguida, citam-se algumas delas

Podemos traduzir a palavra chinesa “龙” (*lóng*) como “sino-dragão” ou “dragão chinês” para a distinguir da palavra ocidental “dragão”; e traduzir o “dragão” proveniente do Ocidente para “西方龙” (*xīfāng lóng*) (dragão ocidental) e distingui-lo do “龙” (*lóng*) em chinês. Desta forma, “龙” (*lóng*) e “sino-dragão” ou “dragão chinês” e “西方龙” (*xīfāng lóng*) (dragão ocidental) e “dragão” representam as suas respetivas culturas. Desta forma, não surgirão mal-entendidos no intercâmbio entre a China e o Ocidente e a diversidade das culturas mundiais não será destruída por outros fatores.¹¹⁹

Nos últimos anos, alguns estudiosos propuseram que a tradução inglesa da palavra chinesa “龙” (*lóng*) fosse “Loong”, porque o seu pinyin “*long*” já existe em inglês e tem a pronúncia parecido com “朗” (*lǎng*) em chinês, pelo que se acrescenta um “o” na tradução e a primeira letra é maiúscula para mostrar a diferença.¹²⁰

¹¹⁹ “我们完全可以在汉译英时将中国的“龙”译为“Sino-dragon”或“Chinese dragon”以便和西方的“dragon”相区别；在英译汉时将英文的“dragon”译为“西方龙”而和中国的“龙”加以区分。这样“龙”和“Sino-dragon”或“Chinese dragon”与“西方龙”和“dragon”分别代表各自的文化，在中西交流中不会引起误会，也不会因其他因素使世界文化的多样性受到破坏。”(*Wǒmen wánquán kěyǐ zài hànyīng shí bǎ zhōngguó de “lóng” yìwéi “Sino-dragon” huò “Chinese dragon” yǐbiàn hé xīfāng de “dragon” xiāng qūbié; zài yīngyǐhàn shí bǎ yīngwén de “dragon” yìwéi “xīfāng lóng” ér hé zhōngguó de “lóng” jiāyǐ qūfēn. Zhèyàng “lóng” hé “Sino-dragon” huò “Chinese dragon” yǔ “xīfāng lóng” hé “dragon” fēnbié dàibiào gèzì de wénhuà, zài zhōngxī jiāoliú zhōng bùhuì yǐnqǐ wùhuì, yě bùhuì yīn qítā yīnsù shǐ shìjiè wénhuà de duōyàngxìng shòudào pòhuài.*) (Shi & Jia, 2007, p.114) (TdA)

¹²⁰ “近年来，一些学者提出：将中华“龙”英译为“Loong”，因拼音 long 英文发“朗”音，故加一“o”，且将第一字母大写，以示区别。”(*Jīn nián lái, yìxiē xuézhě tíchū: jiāng zhōnghuà “lóng” yīngyǐ wéi “Loong”, yīn pīnyīn long yīngwén fā “lǎng” yīn, gù jiāyì “o”, qiě jiāng dìyī zìmǔ dàxiě, yǐ shì qūbié.*) (Zhang, 2013, p.33) (TdA)

Após a investigação realizada, tendo a concordar com a primeira afirmação, pois, por um lado, é facilmente implementável e, por outro, mantém as características comuns dos dragões em ambas as culturas, em termos de tradução. É também necessário manter a palavra “dragão”, porque os dragões ocidental e chineses têm bastantes aspetos em comum, como, aliás, foi referido nos primeiros capítulos.

Em resumo, na comunicação intercultural, necessitamos de respeitar os princípios básicos de igualdade, respeito e conhecimento mútuos, objetividade dialética e cooperação vantajosa para ambas as partes. A aprendizagem de línguas estrangeiras não é apenas a aquisição da língua e da gramática, mas também a aquisição da cultura. A comunicação entre culturas é, nesse contexto, mais essencial do que a simples comunicação linguística. Ao mesmo tempo, no atual ambiente e contexto de globalização, tanto o ocidente, como a China deveriam ser mais proativos na compreensão da cultura um do outro e procurar uma coexistência harmoniosa na cena internacional.

Conclusão

Em conformidade com uma série de análises comparativas entre dragão ocidental e dragão chinês, podemos dar agora respostas adequadas às indagações explanadas na parte introdutória deste trabalho.

Vimos que, na etimologia e semântica, “dragão” deriva do grego *drákōn*, pelo latim *dracone*, significando enorme serpente, gigante do mar e aquele com o olhar mortífero, enquanto que a escrita do carácter chinês 龍 (lóng, dragão chinês) tem uma mudança considerável em termos da sua grafia ao longo do tempo. Nas escritas antigas, o carácter é obviamente um pictograma e mostra de forma clara que se trata de um animal réptil com boca enorme, presas ameaçadoras, uma cauda longa e com crina nas costas.

No que concerne às aparências e funções de cada um, em particular na mitologia, o dragão ocidental é normalmente concebido como um predador-saqueador, com corpo reptiliano e monstruosamente enorme, asas de couro, garras e uma cauda farpada e longa. Alguns deles têm várias cabeças, cuspidando frequentemente fogo e sendo regularmente assassinados por uma figura heróica. Quanto ao dragão chinês, este tem normalmente “cabeça de camelo, chifres de veado, olhos de coelho, orelhas de boi, pescoço de cobra, barriga de amêijoia, escamas de carpa, garras de águia, patas de tigre”¹²¹, e tem escamas nas costas. É um animal de elevado estatuto na classificação do género em que é encontrado, revelando igualmente ser hábil na mudança de tamanho, subida e descida entre céu e terra. Possui ainda o que se chama “natureza divina”, podendo, por exemplo, causar chuvas.

A análise na vertente mitológica do dragão é significativa não só porque os mitos são importantes na história dos seres humanos, mas também porque servem como justificação na função de inspiração de arte posterior e de fundamento da cultura humana. Podemos, então, compreender melhor o que o criador da obra tenta ocultar dos conteúdos aparentes. Nos episódios míticos ocidentais, o dragão desempenha sempre um papel maldoso. Um tema típico é o do dragão-guardião, que tende a ter excelentes virtudes de guardião, mas, ao mesmo tempo, possui frequentemente características físicas monstruosas e horríveis, causando desconforto no povo em geral. Nestes casos, um herói apareceria para levar o tesouro que o dragão guardava, envolvendo-se numa batalha frente a frente com este. Como resultado, o herói derrotaria indubitavelmente o dragão-guardião, estabelecendo, assim, a imponência da sua própria figura.

Outro motivo mitológico notável é o do assassinato do dragão, aparecendo em culturas diferentes, devido ao inconsciente coletivo perante o confronto entre toda a humanidade e a natureza na sociedade primordial. No Ocidente, em particular nas epopeias europeias, a luta entre o herói e o dragão tem-se

¹²¹ “.....头似驼，角似鹿，眼似兔，耳似牛，项似蛇，腹似蜃，鳞似鲤，爪似鹰，掌似虎是也.....” (*Tóu sì tuó, jiǎo sì lù, yǎn sì tù, ěr sì niú, xiàng sì shé, fù sì shèn, lín sì lǐ, zhǎo sì yīng, zhǎng sì hǔ shì yě.*) (Wang, 2008, p.25) (TdA)

fixado gradualmente numa estrutura de oposição binária do bem versus o mal; e o matador sempre esteve acima do dragão, pelo que a imagem negativa do dragão tem estado profundamente enraizada no imaginário dos ocidentais. A repressão e o assassinio do dragão são uma experiência imprescindível para um herói, sendo um contraste assumidamente flagrante.

Pelo contrário, o dragão chinês serve normalmente como uma personagem positiva nos mitos. Este possui geralmente uma ligação direta com a natureza, pois, por exemplo, pode controlar água e chuva, causa nuvens ou ribombos, gera as quatro estações do tempo, entre outros. A China antiga, como sociedade agrária, atribuía grande valor ao impacto do tempo e da sazonalidade na agricultura e, nos mitos chineses, não se mostra a luta feroz contra a natureza, ao contrário do Ocidente, mas a sua aceitação. Aliás, o dragão chinês serve como meio de comunicação entre o céu e a terra, isto é, entre deuses, heróis e imperadores lendários, demonstrando, para além do culto ao céu por parte dos chineses, uma pragmática visão de valor. Apesar do seu estatuto de criatura divina, ou mesmo como próprio deus, o dragão chinês continua ao serviço dos humanos e não se encontra numa posição absolutamente divina.

No que diz respeito à caracterização do dragão ocidental, este tem passado de guardião a inimigo dos deuses e santos para contrastar com os heróis no decorrer do tempo e com a dominação do cristianismo no Ocidente. Hoje em dia, a sua negatividade e malignidade já se encontram arraigadas no imaginário dos ocidentais. Pelo contrário, o desenvolvimento do dragão chinês tem mudado. Como um culto na pré-história e nas épocas antigas, foi adorado por tribos diferentes de maneiras diversas. Contando com capacidades sobrenaturais, em particular a capacidade de ligar céu e terra, o dragão chinês foi sendo gradualmente utilizado pelos imperadores feudais para consolidar a governação e demonstrar os seus direitos de administração. Atualmente, o dragão chinês deixou de ser associado a um simbolismo feudal, sendo considerado como símbolo de felicidade e bom presságio por toda a população.

A comunicação entre culturas é, neste contexto, mais essencial do que a simples comunicação linguística. A fim de obter uma melhor compreensão da cultura do dragão, podemos esforçar-nos, primeiramente, no sentido da tradução para a sua distinção. Ao mesmo tempo, no atual ambiente e contexto de globalização, tanto o Ocidente, como a China, deveriam ser mais proativos na compreensão da cultura um do outro e procurar uma coexistência harmoniosa na cena internacional. O presente trabalho insere-se nesta perspetiva, procurando servir como um novo caminho para a aproximação e afastamento de conceitos e formas distintas de vivenciar o mundo. O seu escopo não termina, assim,

nestas páginas, havendo seguramente espaço para outras análises e interpretações em sede de outras investigações.

Bibliografia

- Aarne, A. (1961). *The Types of the Folktale – a Classification and Bibliography*. Trad. Stith Thompson (2nd ed.). Indiana University.
- Achtemeier, P. J. (Ed.). (1996). *The HarperCollins Dictionary*. HarperCollins Publishers.
- Altinkaynak, E. (2013). Analysis Of The Dragon Killing Scene In The Mythology Of The Peoples Of Eurasia. *Karadeniz Uluslararası Bilimsel Dergi*, 19, 125–132.
- Amaral, H. (1997). *O Dragão-Arquétipo social e natureza humana?*
<https://www.researchgate.net/publication/245023201>
- Barnard, M. (1964). A Dragon Hunt. *The American Scholar*, 33(3), 422–427.
<https://www.jstor.org/stable/41209205>
- Barroca, M. J. (2015). S. Jorge e o Dragão: Uma escultura da oficina de Mestre João Afonso procedente de Marecos (Penafiel). *Portvgalia*, 36, 91–106.
- Carvalho, A. F. da S. (2018). A Simbologia em O Flautista Mágico, de Rubem Alves. *DEsEnrEdoS*, 30, 191–203.
- Castagnola, L. (2010). Vico e a Sua “Ciência Nova.” *Revista Letras*, 16.
<https://doi.org/10.5380/rel.v16i0.19808>
- Chen, Dezhang, 陈德彰. (2000). 汉英动物词语的文化内涵 (*Hànyīng dòngwù cíyǔ de wénhuà nèihán*) Conotação Cultural de Palavras de Animais em Inglês e Chinês. In J. Guo (Ed.), *文化与翻译 (Wénhuà yǔ fānyì) Teoria da Tradução e Série Prática* (pp. 350–363). 中国对外翻译出版公司 (*Zhōngguó duìwài fānyì chūbǎn gōngsī*) Corporação de Tradução & Publicação da China.
- Chen, Jiangfeng, 陈江风. (1996). 从濮阳西水坡45号墓看“骑龙升天”神话母题 (*Cóng Púyáng Xīshuǐpō 45 hào mù kàn qílóngshēngtiān shénhuà mǔtí*) Abordagem do Motivo Mitológico de “Montar o Dragão ao Céu” a Partir da Tumba nº 45 em Xishuipo, Huaiyang. *中原文物 (Zhōngyuán Wénwù) Relíquias Culturais Da China Central*, 1, 65–71.
- Duan, Yucai, 段玉裁. (2006). *说文解字注 (Shuōwén jiězì zhù) Origem dos Caracteres Chineses*. 中州古籍出版社 (*Zhōngzhōu gǔjí chūbǎnshè*) Editora dos Livros Arcaicos de Zhongzhou.
- Eason, C. (2008). *Fabulous creatures, mythical monsters, and animal power symbols : a handbook*. Greenwood Press.
- Fang, Tao, 方韬. (2011). *山海经 (Shānhǎijīng) Clássicos das Montanhas e dos Mares*. 中华书局 (*Zhōnghuá shūjú*) Editora de Livros de Zhonghua.

- He, Xin, 何新. (1990). *龙: 神话与真相 (Lóng: shénhuà yǔ zhēnxiàng), Dragão: Mitos e Verdades* (1st ed.). 上海人民出版社 (Shànghǎi rénmin chūbǎnshè) Imprensa Popular de Xangai.
- Jin, Yufei, 金宇飞. (2007). 《山海经》中“昆仑”地理位置新探 (Shānhǎijīng zhōng kūnlún dìf wèizhi xīntàn) Uma Nova Abordagem da Localização Geográfica de Kunlun no Clássico das Montanhas e dos Mares. *宁夏大学学报 (人文社会科学版) [Níngxià dàxué xuébào (rénwén shèhuì kēxué bǎn)]*, 29(6), 85–92.
- Jung, C. G. (2002). *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. Trad. Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva: Vol. IX / I* (2nd ed.). Editora Vozes.
- Kerényi, K. (2015a). *A Mitologia dos Gregos: Vol. I: A História dos Deuses e dos Homens. Trad. Octavio Mendes Cajado: Vol. I*. Editora Vozes.
- Kerényi, K. (2015b). *A Mitologia dos Gregos: Vol. II: A História dos Heróis. Trad. Octavio Mendes Cajado: Vol. II*. Editora Vozes.
- Kramer, S. N. (1961). Myth of Kur. In *Sumerian Mythology* (Revised, pp. 76–96). University of Pennsylvania Press.
- Liu Degang, Li Jingyan, Xia Chen'guang & Liu Zi, 刘德刚, 李井岩, 夏晨光 & 刘梓. (2020). 查海龙及其与原始农业的关系研究 (Cháhǎi lóng jíqí yǔ yuánshǐ nóngyè de guānxi yánjiū) Estudo do Dragão Empilhado em Chahai e da sua Relação com a Agricultura Primitiva. *文物鉴定与鉴赏 (Wénwù Jiàndìng Yǔ Jiànshǎng) Identificação e Apreciação das Relíquias Culturais*, 79–81.
- Li, Yongping, 李永平. (2017). 替罪羊原型: 屠龙故事真相新探 (Tìzuìyáng yuánxíng: túlóng gùshi zhēnxiàng xīn tàn) Revisão do Arquétipo do Bode Expiatório: Uma Nova Abordagem de Contos do Assassinato do Dragão. *外国文学研究 (wàiguó Wénxué Yánjiū) Estudos de Literatura Estrangeira*, 1, 119–129.
- Luo, Lan. (2021). Cultural Stereotypes in Cross-cultural Communication. *Journal of Innovation and Social Science Research*, 8(3), 179–181.
- Lü, Shaojun, 吕韶钧. (2011). 舞龙习俗与民族文化认同研究 (Wǔlóng xí sú yǔ mínzú wénhuà rèntóng yánjiū) Estudo sobre Práticas de Dança do Dragão e Identidade Cultural Étnica.
- Lu, Xun, 鲁迅. (2006). *中国小说史略 (Zhōngguó xiǎoshuō shǐlüè) Uma Breve História da Ficção Chinesa* (1st ed.). 上海古籍出版社 (Shànghǎi gǔjí chūbǎnshè) Editora de Clássicos de Xangai.
- Nascentes, A. (1955). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (Vol. 2). F. Alves.

- Ogden, D. (2013). *Dragons, serpents and slayers in the classical and early Christian worlds : a sourcebook*. Oxford University Press.
- Pang, Jin, 庞进. (2000). 龙的基本神性与民族文化心理 (*Lóng de jīběn shénxìng yǔ mínzú wénhuà xīnlǐ*) As Divindades Fundamentais do Dragão e a Psique Cultural Nacional. 人文杂志 (*rénwén zázhi*) *O Jornal de Humanidades*, 1, 73–78.
- Shen, T. (2017). *Recognition of symbols in different cultures: Chinese culture vs. non-Chinese culture*. <https://lib.dr.iastate.edu/etd/15420>
- Shi Chuanlong, & Jia Dejiang, 史传龙 & 贾德江. (2007). 中国“龙”和西方“dragon”之文化差异与翻译 (*Zhōngguó lóng hé xīfāng dragon zhī wénhuà chāyì yǔ fānyì*) Sobre as Diferenças entre a Cultura do “Dragão Chinês” e a Cultura do “Dragão Ocidental” e a Sua Tradução. 南华大学学报 (*社会科学版*) [*Nánhuá dàxué xuébào (shèhuì kēxué bǎn)*] *Journal of University of South China (Social Science Edition)*, 8(3), 111–114.
- Sima, Qian, 司马迁. (2004). 二十四史全译 - 史记 (*Èrshísì shǐ quányì - shǐjì*) Tradução das Vinte e Quatro Histórias - Os Apontamentos do Escrivão (J. Xu & P. An, 许嘉璐 & 安平秋, Eds.; 1st ed.). 汉语大辞典出版社 (*hànyǔ dàcídiǎn chūbǎnshè*) Editora de Grande Compêndio de Caracteres Chineses.
- Sun, Shoudao, 孙守道. (1984). 三星他拉红山文化玉龙考 (*Sānxīng Tālā Hóngshān wénhuà yùlóng kǎo*) Estudo do Dragão de Jade da Cultura de Hongshan na Vila Sanxingtala. 文物 (*Wénwù*) *Relíquias Culturais*, 6, 7–10.
- Thompson, S. (1977). *The Folktale*. University of California Press.
- Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*. (2014). Associação Torre de Vigia de Biblias e Tratados.
- Ullmann, S. (1973). *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Trad. J. A. Osório Mateus. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Wang, Tianming, 汪田明. (2008). 中国龙的图像研究 (*Zhōngguó lóng de túxiàng yánjiū*) Estudo sobre a Imagem do Dragão Chinês “Long”.
- Wu Jianfeng, & Guo Lin, 吴建锋 & 郭林. (2012). 舞龙运动的历史起源与发展 (*Wǔlóng yùndòng de lìshǐ qǐyuán yǔ fāzhǎn*) Origem Histórica e Desenvolvimento do Desporto de Dança do Dragão. 兰台世界 (*Lántái Shijie*) *Mundo Lantai*, 33–34.

- Xu, Zhonglin, 许仲琳. (2017). *封神演义 (Fēngshén yǎnyì) Investidura dos Deuses*. 华夏出版社 (Huáxià chūbǎnshè) Editora de Huaxia.
- Yan, Ming, 言明. (1988). 关于濮阳西水坡遗址发掘简报及其有关的两篇文章中若干问题的商榷 (Guānyú Púyáng Xīshuǐpō yízhǐ fājué jiǎnbào jíqí yǒuguān de liǎngpiān wénzhāng zhōng ruògān wèntí de shāngquè) Debate sobre Algumas Questões no Resumo e nos Dois Artigos Relacionados do Sítio Arqueológico de Xishuipo em Puyang. *华夏考古 (Huáxià Kǎogǔ) Huaxia Archaeology, 4*, 50–70.
- Ye, S. (2013). 文化文本的N级编码论——从“大传统”到“小传统”的整体解读方略 (wénhuà wénběn de N jí biānmǎ lùn cóng dàchuántǒng dào xiǎochuántǒng de zhěngtǐ jiědú fānglüè) . *百色学院学报 (Bǎisè xuéyuàn xuébào) Jornal da Universidade de Baise, 26(1)*, 1–7.
- Yuan, Ke, 袁珂. (1993). *山海经校注 (Shānhǎijīng jiàozhù) Agrupamento e Anotação do Clássico das Montanhas e dos Mares*. 巴蜀书社 (Bāshǔ shūshè) Editora Bashu.
- Zhang, Cunxin, 张存信. (2013). 中西“龙”文化之差异 (Zhōngxī lóng wénhuà zhī chāyì) Diferenças entre as Culturas do “Dragão” Chinês e Ocidental. *华夏文化 (Huáxià Wénhuà) Huaxia Cultura, 1*, 32–33.
- Zhao, Peilin, 赵沛霖. (1997). 中国神话的分类与『山海经』的文献价值 (Zhōngguó shénhuà de fēnlèi yǔ Shānhǎijīng de wénxiàn jiàzhí) A Classificação dos Mitos Chineses e o Valor Documental do Clássico das Montanhas e dos Mares. *文艺研究 (Wényi Yánjiū) Estudos de Literatura e Arte, 01*, 95–104.

Webgrafia

A estátua do dragão russo Zmey Gorynych no Parque Kudykina Gora. (n.d.). Retrieved July 16, 2021, from <https://routes.global/en/attraction/l-10216-0/russia/lipetsk-oblast/sightseeing-attractions/kudykina-gora-lipetsk-region>

A luta entre o Dragão Coca e São Jorge. (n.d.). Retrieved December 7, 2021, from https://drachen.fandom.com/de/wiki/Coca?file=Santa_Coca_Fronleichnam.jpg

A Muralha dos Nove Dragões da Cidade Proibida. (n.d.). Retrieved July 16, 2021, from [https://zh.wikipedia.org/wiki/%E4%B9%9D%E9%BE%8D%E5%A3%81_\(%E5%8C%97%E4%BA%AC%E6%95%85%E5%AE%AE\)#/media/File:Beijing_Forbidden_city_glazed-tile_nine_dragons_screen\(smaller\)\(2008-08\).jpg](https://zh.wikipedia.org/wiki/%E4%B9%9D%E9%BE%8D%E5%A3%81_(%E5%8C%97%E4%BA%AC%E6%95%85%E5%AE%AE)#/media/File:Beijing_Forbidden_city_glazed-tile_nine_dragons_screen(smaller)(2008-08).jpg)

Chinese Etymology. (n.d.). Retrieved July 16, 2021, from <https://hanziyuan.net/#home>

Chinese Text Project. (n.d.). Retrieved July 16, 2021, from <https://ctext.org/guanzi/shui-di/ens>

Collins Dictionary. (n.d.). Retrieved July 16, 2021, from <https://www.collinsdictionary.com/>

Dança do dragão na Região Autónoma de Guanxi da Etnia Zhuang. (n.d.). Retrieved July 16, 2021, from <https://dp.pconline.com.cn/dphoto/2429467.html>

Desenho de Yinglong na Dinastia Qin. (n.d.). Retrieved July 16, 2021, from <https://pic.baikе.soso.com/ugc/baikepic2/7043/20170906191313-1127036836.jpg/0>

Domar o Tarasco, do Livro de Horas de Henrique VIII. (n.d.). Retrieved July 16, 2021, from https://en.m.wikipedia.org/wiki/Tarasque#/media/File:Taming_the_Tarasque,_from_Hours_of_Henry_VIII.jpg

Dragão de Jade em Formato de “C” da Cultura de Hongshang. (n.d.). Retrieved July 16, 2021, from <https://baikе.baidu.com/pic/%E7%BA%A2%E5%B1%B1%E6%96%87%E5%8C%96%E7%8E%89%E9%BE%99/5607091/0/242dd42a2834349b033b6983c0a302ce36d3d53910d6?fr=lemma&ct=single#aid=0&pic=242dd42a2834349b033b6983c0a302ce36d3d53910d6>

Dragão Empilhado do Sítio Arqueológico de Chahai. (2016, January 19). http://ln.sina.com.cn/news/b/2016-01-19/detail-ixnrahr8534947.shtml?from=ln_ydph

Dragon in Collins Dictionary. (n.d.). Retrieved July 16, 2021, from <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/dragon>

Dragon in Encyclopaedia Britannica. (n.d.). Retrieved July 16, 2021, from <https://www.britannica.com/topic/dragon-mythological-creature>

Dragon in Online Etymology Dictionary. (n.d.). Retrieved July 16, 2021, from https://www.etymonline.com/word/dragon#etymonline_v_15874

Encyclopaedia Britannica. (n.d.). Retrieved July 16, 2021, from <https://www.britannica.com/>

Poteaca, E. (2018). *The story of the monument of Saint George killing the dragon in Cluj-Napoca*.
<https://www.itinari.com/the-story-of-the-monument-of-saint-george-killing-the-dragon-in-cluj-napoca-q27z>

Evolução cronológica do glifo sumério de kur. (n.d.). Retrieved July 16, 2021, from
<https://despertar.saberes.org.br/saberesancestraisnativos/dicionario-sumerio/>

Jasão é regurgitado pelo Dragão de Cólquida. A Taça de Dúris, Ática, c. 470 a.C. (n.d.). Retrieved July 16, 2021, from
[https://en.wikipedia.org/wiki/Douris_\(vase_painter\)#/media/File:Douris_cup_Jason_Vatican_crop.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/Douris_(vase_painter)#/media/File:Douris_cup_Jason_Vatican_crop.jpg)

Lécito grego (recipiente para óleos perfumados) mostrando Ladão a ser alimentado por uma ninfa, a. 340 a.C., no Museu J. Paul Getty, Los Angeles, Califórnia, EUA. (n.d.). Retrieved July 16, 2021, from <https://www.pandorawordbox.com/image.php?image=011632785>

Li, Xieping, 李燮平 (Lǐ Xièpíng) . (n.d.). *A Muralha dos Nove Dragões da Cidade Proibida*. Retrieved July 15, 2021, from <https://www.dpm.org.cn/explore/building/236477.html>

Long in Encyclopaedia Britannica. (n.d.). Retrieved July 16, 2021, from
<https://www.britannica.com/topic/long>

Manto do Dragão na Dinastia Qing. (n.d.). Retrieved July 16, 2021, from http://www.guoxue.com/wp-content/uploads/2013/05/20120210_001.jpg

O carácter chinês 辛(xīn) na escrita em ossos oraculares - Chinese Etymology. (n.d.). Retrieved July 16, 2021, from <https://hanziyuan.net/#%E8%BE%9B>

O dragão amarelo no meio da supramencionada Muralha. (n.d.). Retrieved July 16, 2021, from
[https://zh.wikipedia.org/wiki/%E4%B9%9D%E9%BE%8D%E5%A3%81_\(%E5%8C%97%E4%BA%AC%E6%95%85%E5%AE%AE\)#/media/File:20090528_Beijing_Nine_Dragon_Wall_7992.jpg](https://zh.wikipedia.org/wiki/%E4%B9%9D%E9%BE%8D%E5%A3%81_(%E5%8C%97%E4%BA%AC%E6%95%85%E5%AE%AE)#/media/File:20090528_Beijing_Nine_Dragon_Wall_7992.jpg)

O dragão feito de conchas do Sítio Arqueológico de Xishuiipo. (n.d.). Retrieved July 16, 2021, from
<http://pic.baik.soso.com/p/20090628/20090628145940-1768622045.jpg>

O dragão Smaug no filme O Hobbit: A Desolação de Smaug, dirigido por Peter Jackson. (n.d.). Retrieved July 16, 2021, from <https://www.mightyape.com.au/product/the-hobbit-smaug-over-laketown-23-art-print/28580028>

Online Etymology Dictionary. (n.d.). Retrieved July 16, 2021, from <https://www.etymonline.com/>

Os Reis Dragões no filme Nezha, dirigido por Yang Yu (杨宇, Yáng Yǔ). (2019).
https://weibo.com/p/1002066217939256/home?from=page_100206&mod=TAB&is_hot=1

Poteaca, E. (2018, July). *The Story of the Monument of Saint George Killing the Dragon in Cluj-Napoca*.

<https://www.itinari.com/the-story-of-the-monument-of-saint-george-killing-the-dragon-in-cluj-napoca-q27z>

Tarasca e Santa Marta no desfile. (2016).

<https://www.flickr.com/photos/tarascagranada/27180131841/in/photostream/>

Tarasca no desfile. (n.d.). Retrieved July 16, 2021, from

[https://es.wikipedia.org/wiki/Tarasca_\(criatura_mitol%C3%B3gica\)#/media/Archivo:La_Tarasque_e_et_les_Chevaliers_de_la_Tarasque.jpg](https://es.wikipedia.org/wiki/Tarasca_(criatura_mitol%C3%B3gica)#/media/Archivo:La_Tarasque_e_et_les_Chevaliers_de_la_Tarasque.jpg)

Trono do Dragão. (n.d.). Retrieved July 16, 2021, from

https://seopic.699pic.com/photo/50114/6794.jpg_wh1200.jpg

Zhulong no Clássico da Montanhas e dos Mares. (n.d.). Retrieved July 16, 2021, from

https://zh.wikipedia.org/wiki/%E7%87%AD%E9%BE%8D#/media/File:Shan_hai_jing_Zhuyin.jpg

Wen, Shigu, 文史谷 (*Wén Shǐgǔ*) . (2020). *O antigo combate de um deus e um dragão*

serpenteado. Retrieved July 15, 2021, from

<https://www.wenshigu.com/lshj/shijieshi/273450.html>

Anexo I - Cronologia das Dinastias Chinesas

Dinastia		Período
Dinastia Xia (夏朝, <i>Xiàcháo</i>)		c. 2670 a.C. – c. 1600 a.C.
Dinastia Shang (商朝, <i>Shāngcháo</i>)		c. 1600 a.C. – c. 1046 a.C.
Dinastia Zhou Ocidental (西周, <i>Xīzhōu</i>)		c. 1046 a.C. – 771 a.C.
Dinastia Zhou Oriental (东周, <i>Dōngzhōu</i>)	Período da Primavera e Outono (春秋时代, <i>Chūnqiū shídài</i>)	770 a.C. – 476 a.C.
	Período dos Principados Combatentes (战国时代, <i>Zhànguó shídài</i>)	475 a.C. – 221 a.C.
Dinastia Qin (秦朝, <i>Qíncháo</i>)		221 a.C. - 207 a.C.
Dinastia Han (汉朝, <i>Hàncháo</i>)	Han Anterior (前汉, <i>Qián Hàn</i>) / Han Ocidental (西汉, <i>Xī Hàn</i>)	202 a.C. – 8
	Dinastia Xin (新朝, <i>Xīncháo</i>)	9 – 23
	Han do Xuan (玄汉, <i>Xuán Hàn</i>)	23 – 25
	Han Posterior (后汉, <i>Hòu Hàn</i>) / Han Oriental (东汉, <i>Dōng Hàn</i>)	25 – 220
Três Reinos (三国, <i>Sānguó</i>)		220 – 280
Dinastia Jin Ocidental (西晋, <i>Xījìn</i>)		266 – 316
Dinastia Jin Oriental (东晋, <i>Dōngjìn</i>)		317 – 420
Período dos Desaseis Reinos (十六国, <i>Shíliùguó</i>)		304 – 439
	Dinastia do Sul (南朝, <i>Náncháo</i>)	420 – 589

Dinastias do Norte e do Sul (南北朝, <i>Nánběicháo</i>)	Dinastias do Norte (北朝, <i>Běicháo</i>)	386 – 581
Dinastia Sui (隋朝, <i>Suícháo</i>)		581 – 618
Dinastia Tang (唐朝, <i>Tángcháo</i>)		618 – 907
Período das Cinco Dinastias e dos Dez Reinos (五代十国, <i>Wǔdài Shíguó</i>)	Período das Cinco (五代, <i>Wǔdài</i>)	907 – 960
	Período dos Dez Reinos (五代十国, <i>Shíguó</i>)	891 – 979
Dinastia Song (宋朝, <i>Sòngcháo</i>)	Dinastia Song do Norte (北宋, <i>Běisòng</i>)	960 – 1127
	Dinastia Song do Sul (南宋, <i>Nánsòng</i>)	1127 – 1279
Dinastia Yuan (元朝, <i>Yuáncháo</i>)		1271 – 1368
Dinastia Ming (明朝, <i>Míngcháo</i>)		1368 – 1644
Dinastia Qing (清朝, <i>Qīngcháo</i>)		1644 – 1912
República da China (中华民国, <i>Zhōnghuá mínguó</i>)		1912 – 1949
República Popular da China (中华人民共和国, <i>Zhōnghuá rénmín gònghéguó</i>)		1949 – presente